

REVISTA DA SEMANA

N. 45
10-11-1945
Cr\$ 1.50



DESDE
QUANDO
PEQUENINOS



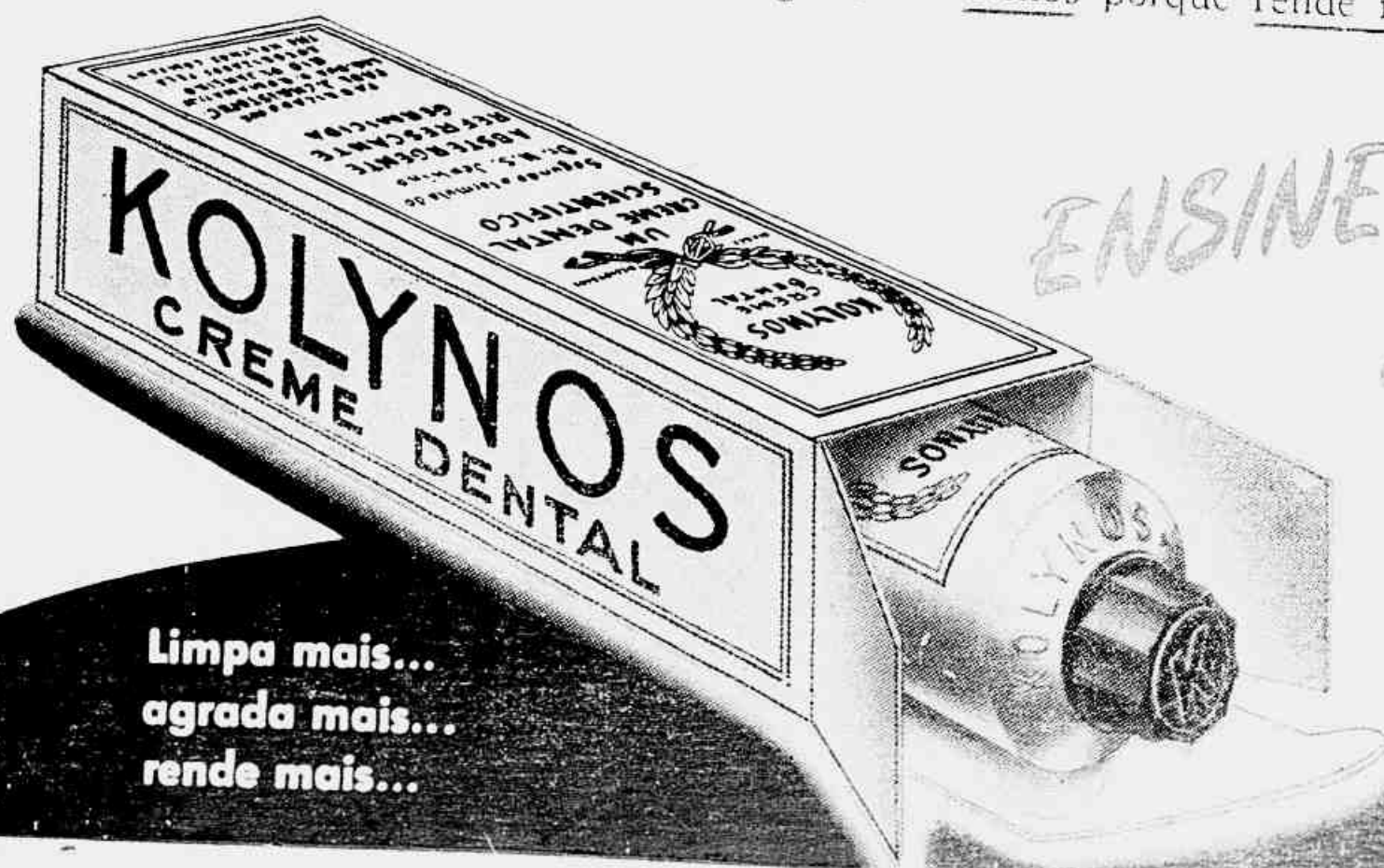
-É BOM QUE USEM **KOLYNOS!**

AS crianças em geral não se mostram alegres nas horas de escovar os dentes... se não o fazem com Kolynos. Esta é uma vantagem desse creme dental completo: graças ao seu sabor, as crianças aprendem, desde a mais tenra idade, um método de proteção dos dentes que lhes será útil para toda a vida. Um centímetro de Kolynos na escova seca é o bastante para assegurar uma perfeita higiene

bucal, pois a sua espuma antissética atinge todos os recantos dos dentes.

Seu filho prefere Kolynos por causa do sabor agradável; mas graças a isto, aprenderá a proteger os dentes e a saúde durante toda a vida.

Não é em vão que mais dentistas e mais famílias usam e recomendam este creme dental que custa muito menos porque rende muito mais!



Limpa mais...
agrada mais...
rende mais...

ENSINE seu filho
a usar o CREME
DENTAL
ANTISSÉTICO!

★ Ouça na Rádio Nacional, às 2.^{as} feiras
às 21,35 o "Rádio Almanaque Kolynos".

SUA EXCELENCIA A PENICILINA

Mesmo quando a "nova descoberta científica" não desse na realidade os proveitos que todos apregoam, ela seria um benefício para o homem. E para a mulher ainda mais. Existiam outrora as epidemias de enfermidades. Vem agora a da cura — a cura pela penicilina. Parece que já existem pais em perspectiva desejando batizar os filhos que hão de vir com esse nome abençoado: Penicilina da Silva Meira — ou coisa semelhante. Se é apenas um remédio "muito em moda" ou se os resultados são efetivamente milagrosos, não interessa no caso. O importante é que ela está servindo para todos os males. Tomam penicilina os que desejam engordar. E os que pretendem emagrecer também. Os que desejam curar o fígado, o nariz, os ouvidos, a vista; os que estão ficando calvos ou possuem o sistema nervoso abalado com as ocorrências dos últimos dias; os que bebem de mais ou de menos; os velhos do corpo e da alma, ou os que pensam viver mais alguns invernos a trôco da penicilina. Usam e abusam dela, à vontade, os que sofrem de alguma coisa, e os que não sofrem de coisa alguma e por isso mesmo querem descobrir, à força, qualquer enfermidade no próprio corpo. A "estrêla" Sonja Henie aguentou dois milhões de unidades para tratar da dentadura e as drogarias exibem vistosos cartazes: "Já temos penicilina". Quer dizer: "Curamos seja o que for!". Os anúncios dos jornais propalam: "Enfermeiro atende a domicílio, aplicações de penicilina". E paga-se quinhentos mil cruzeiros por noite ao aplicador das mil e oitocentas unidades Penicilina, penicilina, penicilina...

Será que ela também pode dar juízo à Humanidade?



E com isso quem lucrou foi o senhor Antonio Soares Bento, que desapareceu do cartaz. Havia quem tecesse elogios rasgados à perícia do senhor Bento pela perfeição da mão de obra com que pôs em prática o seu invejado caso do esquartejamento, edição revista e aumentada de outros crimes das malas:

— Maravilha de trabalho! — falava um rapaz de olhos em branco, as mãos cruzadas no peito e os cabelos gomalinados dentro do seu elegante chapéu invisível. Aquilo é que foi uma perfeição de crime!

Entretanto não há memória de um assassinato tão mal premeditado, tão absurdo. Os senhores já viram crime mais desastrado? O que o senhor Bento teve foi sorte. Tanta sorte que conseguiu matar no Rio, serrar, enfiar nas malas, despachar as malas para Niterói, descarregá-las pela calada da noite com a cumplicidade de um par de ébrios, sepultá-las no terreno do casebre e só oito meses depois ser preso. Comentário de um "torcedor" do tri-campeão:

— Sorte assim, nem o "team" do Vasco êste ano!



Parece que foi João do Rio quem disse: "Mais idiota que um idiota? Tôda a gente!"



"Só compreendemos os homens quando começamos a deixar crescer o abdome. Ora, compreender os homens é sempre um envenenamento. E' preferível por consequência fazer exercício para impedir o abdome. Há prazeres que custam caro de mais..."



E o acidente incrível do "Lionel Marnier", com a morte estúpida do jornalista Pedro Teixeira quando ia realizar o seu grande sonho de uma longa viagem que não devia ter volta? E a explosão do vagão da Central do Brasil nas imediações de Belo Horizonte? E a explosão do "Nortloide" a poucas milhas da Guanabara? Tudo esquecido em dois tempos.

Na era da penicilina — a bomba atômica está cedendo a vez a outros assuntos mais imperativos — os acontecimentos de maior importância têm a existência de um fragmento de segundo. Um átomo de vida. Por isso, a explicação para esses e outros fenômenos a que temos assistido — quem a poderia dar?



Em face a tanto mistério, a tanto incompreensível, a tão sucessivos fenômenos, o remédio não pode ser outro: penicilina. Quatro ou cinco milhões de unidades.

Ou então fazer exercício. Exercício para não deixar crescer o abdome.

CELESTINO SILVEIRA

10-11-1945
ANO XLVI- N. 45

NESTE NUMERO

REPORTAGENS

Organizado o Governo José Linhares	4/5
O reporter que viu duas guerras ..	8/15
Jockey Club	41
Na Candelária a imagem de Nossa Senhora da Penha	46/47

LITERATURA

S. Ex. a Penicilina (Celestino Silveira)	3
O Espelho (Margery Sharp)	16
O Beijo (Isaac Soares)	28/29
Repassado na memória	31
Livros Novos (J. L.)	32/33
João do Rio e o "Cinematographo"	34/35

SECÇÕES

A Semana em Revista	6
Aconteceu	7
Os concursos da REVISTA	16
Cinema — Música	24/25

FEMININAS

Modas avulsas	26/27
Outros modelos	45 e 54
Para as meninas	52/53

CURIOSIDADES

H. G. Wells e a bomba atômica	18/21
Música Moderna	30
Week-End em Hollywood	42/43

TEATRO

"O Neto de Deus"	22/23
------------------------	-------

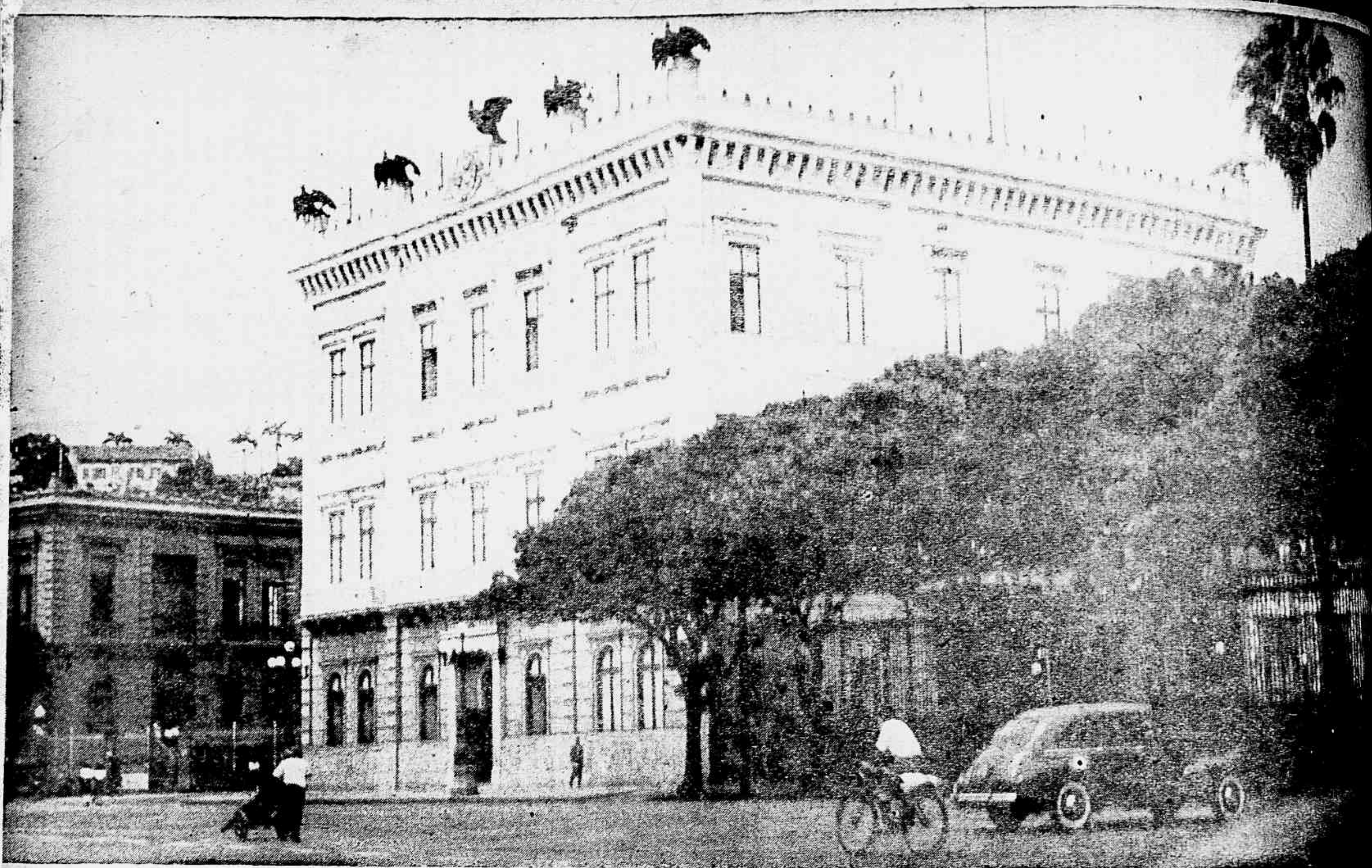
CARICATURA

"Charge" de Raul	44
------------------------	----

NA CAPA

Carmen Miranda, cuja viagem ao Brasil, para "estrelar" um filme da Fox, vem de ser anunciada pelo telégrafo.





O Palácio do Catete, agora ocupado pelo novo Presidente da República, o ministro José Linhares, num instantâneo batido pelo reporter da REVISTA, no dia imediato ao das memoráveis ocorrências que culminaram com a deposição do antigo ocupante do palácio dos condes de Friburgo. Tudo em paz, o movimento normal na rua do Catete e as atenções da Nação inteira voltadas, agora, para o magno problema das eleições a 2 de dezembro.

Organizado o Governo José Linhares



O Chefe da Nação, cujo gabinete ministerial vem de ser devidamente organizado, bem como a nomeação dos novos interventores estaduais, quase todos já empossados quando encerramos os trabalhos desta edição.

Normalizada a situação do país após os acontecimentos de 30 de outubro, que levaram o sr. Getúlio Vargas à destituição do poder e o sr. José Linhares, presidente do Supremo Tribunal Federal, ao primeiro cargo da Nação, vem de ser conhecido o novo Ministério, que ficou assim constituído:

Guerra — General Pedro Aurelio Gois Monteiro.

Marinha — Almirante Jorge Dodsworth Martins.

Justiça — Prof. Sampaio Doria.

Aeronáutica — Brigadeiro Armando Trompowsky.

Fazenda — J. Pires do Rio.

Viação — Prof. Mauricio Joppert.

Exterior — Pedro Leão Veloso.

Educação — Prof. Leitão da Cunha.

Trabalho — Major Carneiro de Mendonça.

Agricultura — Prof. Clementino Fraga (?).

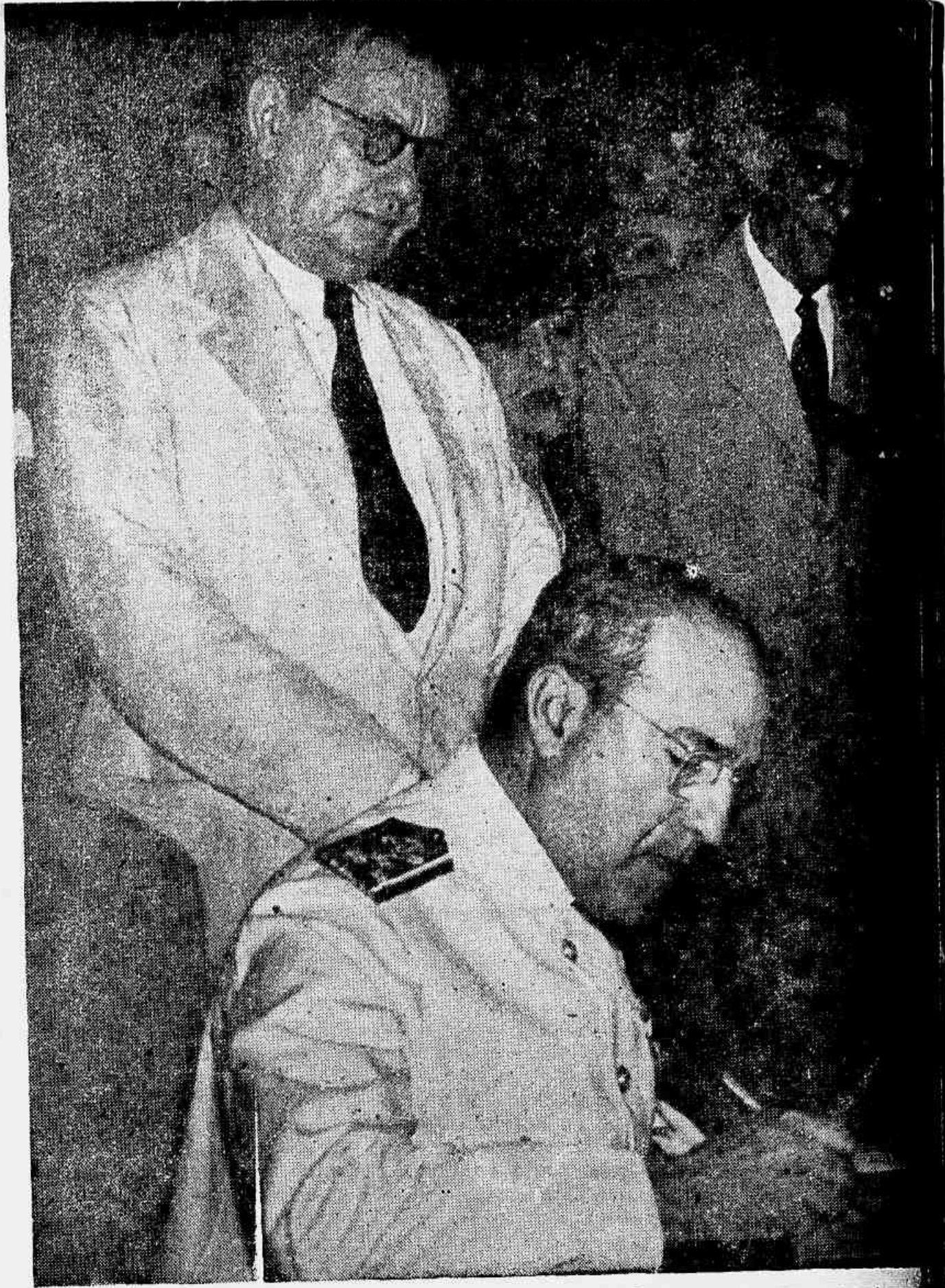
Assumiu a Chefia da Polícia o desembargador Ribeiro da Costa, e as funções de prefeito do Distrito Federal o ministro Philadelpho Azevedo.



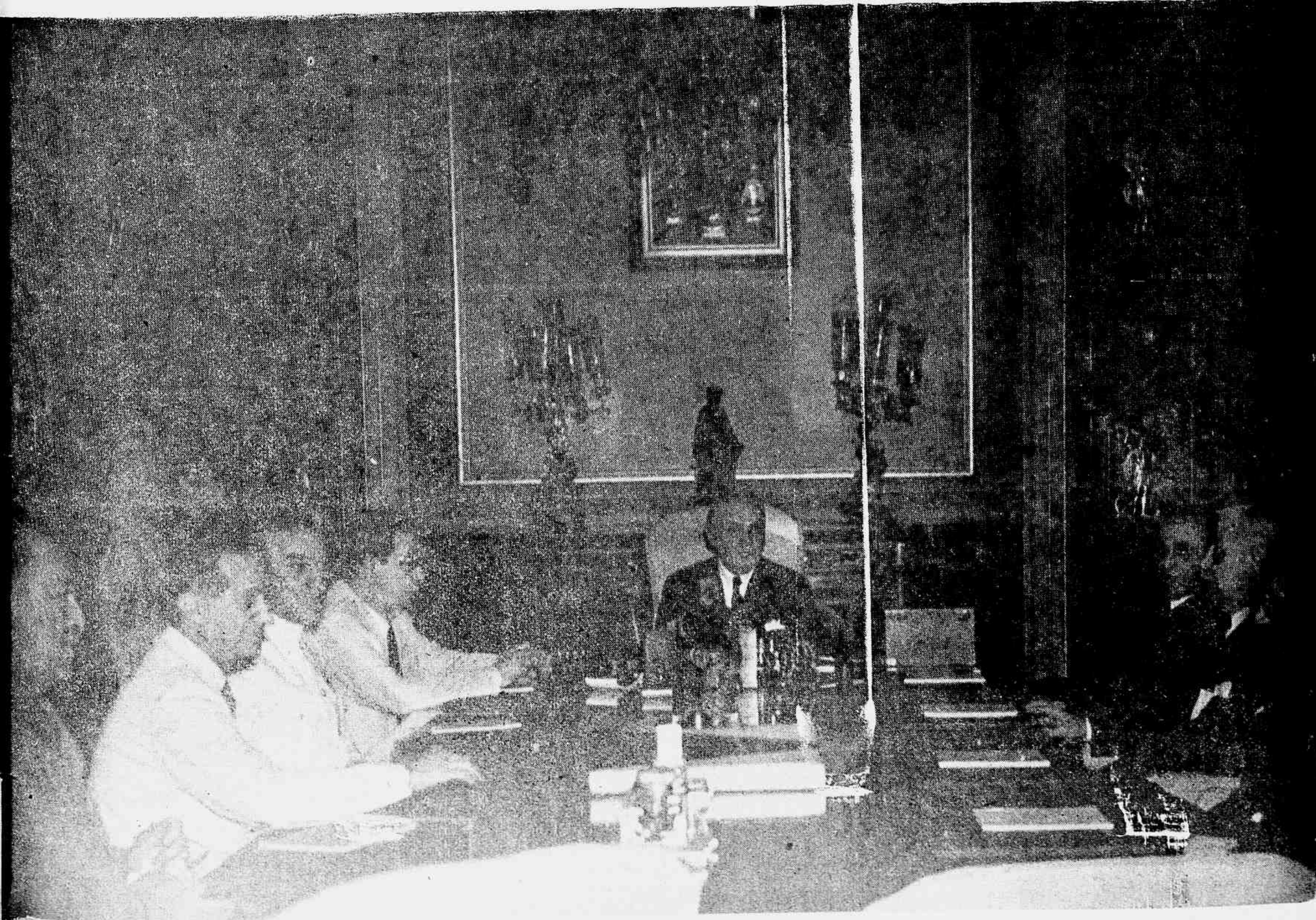
O ministro Pedro Leão Veloso, que permaneceu na Pasta das Relações Exteriores, num flagrante obtido por ocasião de ser empossado o antigo embaixador do Brasil nos Estados Unidos, continuando assim no Itamarati.

Da esquerda para a direita: brigadeiro Armando Trompowsky, que assumiu a Pasta da Aeronáutica; J. Pires do Rio, ao assumir a Pasta do Ministério da Fazenda; ministro Philadelpho Azevedo, substituto do sr. Henrique Dodsworth na Prefeitura; professor Mauricio Joppert, empossado na Pasta da Viação, e general Pedro Aurelio Gois Monteiro, ministro da Guerra.





POSSE DOS NOVOS MINISTROS — Ao alto, à esquerda: ladeado pelo general Góis Monteiro, o sr. Leitão da Cunha, novo ministro da Educação, assina o termo de sua posse. A esquerda: o almirante Dodsworth Martins assume a Pasta dos Negócios da Marinha. Em baixo: flagrante tomado no Pátio do Catete, vendo-se o Presidente José Linhares chefiando a primeira reunião de seu Ministério.



A SEMANA EM REVISTA

DOIS COMPANHEIROS MORTOS



Quis o destino adverso que no desastre do "Lionel Marnier", símbolo da grandesa da indústria da França, morressem dois companheiros nossos. Um dos motores da grande aeronave, deslocado da estrutura da asa, bateu contra um dos hélices: este foi atingido violentamente contra a cabine de passageiros, indo atingi-la no ponto em que se achavam o jornalista brasileiro Pedro Luis de Amaral Teixeira e o cinegrafista francês George Ansel. Dois reportes que vivem diante de si o horizonte largo de carreiras brilhantes. A história desses dois moços é dolorosa e bem mostra o capricho cruel de um destino ingrato.

George Ansel, repórter cinematográfico dos mais hábels e experimentados, soube, como todos os franceses, as agruras da ocupação alemã e as terríveis injustiças da tirania nazista. Sufra da guerra vitoriosa. Foi nomeado representante de "Atualidades Francesas" para todo o Brasil. Era um prêmio merecido à sua capacidade de profissional e ao seu valor de repórter. Mas não chegou a assumir o cargo. Durante anos ele sonhava com a realização de seu ideal, que agora se lhe mostrava nítida e clara, quase alcançada.

Assim também aconteceu a Pedro Teixeira. Repórter na expressão mais ampla da palavra, ele viveu sempre no sentido do bem, cheio de mágoa quando o mundo caminhava de encontro ao passado, alegre e esperançoso quando a humanidade se dirigia para o futuro. Era talvez, no Brasil, o maior amigo da França. O entusiasmo que tinha pelas coisas da grande democracia europeia era franco e sincero. Sem exibicionismo exagerado, Pedro Luis Teixeira fez mais pela França, durante a sua estadia, que poderia fazer qualquer outro. Agora, terminada a guerra e liberada a França, ele iria a Paris, a bordo do "Lionel Marnier", realizando assim o grande sonho de sua mocidade. Morreu entretanto antes de alcançar o ideal. Morreu sem conhecer a França. Sem conhecer? Não. Pedro Luis Teixeira conhecia a França através de seus pensamentos e de seus soldados, que tanto admirava. Agora está morto. Mas a sua memória será sempre cultuada pelos seus colegas da imprensa brasileira, como a memória da própria causa que ele defendia: a causa da França, a causa do Brasil, a causa da humanidade.

IRMÃ PAULA DE SÃO VICENTE



Há muitos anos que o nome de Irmã Paula não se ouvia mais. Ela fora, entretanto, em tempos passados, uma palavra de consolação para os infelizes, um grito de esperança para os desesperados, um bálsamo para os enfermos, um abalo para os pobres. Todas as velhas habitantes do Rio conhecem por certo a história simples e bela dessa mulher, que durante a sua longa vida, distancada das coisas do mundo, serviu ao seu Deus amenizando as dores dos enfermos, alimentando os famintos, acariando os orfãos, distribuindo por toda parte a sua bondade atenciosa. O seu nome corria de boca em boca por todos os bairros pobres. Ficou famosa na cidade, onde representava a própria imagem da solidariedade humana e da caridade desinteressada. Irmã Paula passou a ser o qualificativo das pessoas de bons sentimentos. Assim viveu a Irmã de São Vicente, durante mais de três quartos da sua existência, entre a miséria e a necessidade, levando sempre por onde havia fome, consolação onde havia morte, amparo onde havia abandono.

Chegara ao Brasil há sessenta e cinco anos, vinda da França, onde deixara gravada a história de suas virtudes em hospitais e asilos. Quando aqui chegou talvez já nem se lembrasse de seu nome próprio. Chamava-se Antoinette Vincent e nascera em Andrieux, junto a Lyon, em 1849. Cedo, porém, transformouse na Irmã Paula, antes de ver a luz o dia da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. E aqui ela se esgotou nos trabalhos árduos de hospitais, até que a invalidez a prostrou sobre uma das casas de caridade por ela fundada e mantida. E finalmente, a semana passada, serenamente como havia vivido, a Irmã Paula morreu. Desapareceu assim um verdadeiro símbolo da caridade cristã, uma figura humana que durante oventa e seis anos de vida nunca tivera um pensamento que não fosse dirigido na direção da piedade, uma mulher que através de um século quase humilde praticara uma ação que não redundasse em benefício do próximo. Viveu oventa e seis anos e nunca pecou. Foi em vida uma heroína e uma santa. Que os homens saibam reverenciá-la e a memória e aproveitá-la os exemplos.

CUPIDO PROGRESSISTA



Chegaram outro dia ao Cais do Pôrto as mulheres dos nossos pracinhas que se casaram na Itália. Os jornais estamparam fotografias das noivas italianas, sorridentes e satisfeitas com a sua situação de esposas de heróis brasileiros. Vinham também as fotos dos primeiros abraços e belos trechos no cais. Viu-se os amplos apertados das brancas filhas de Piemonte com os soldados de abano do Ceará e de Minas. Cabelos longos e louros, confundidos com os cabelos curtos e duros dos mulatos. Era um belo espetáculo de comunhão de raças e de cores. Eles haviam ido a Itália, costuraram muitas milhas marítimas no bôjo dos navios-transportes ameaçados constantemente pelos submarinos assassinos, que se emboscavam nas profundidades do Atlântico. Havia combatido nas talas do Monte Castelo e nas neves de Castelnuovo; o sangue de seus irmãos regara o solo das Apênnas. Caminharam entre a miséria e a desolação do norte da Itália. Mas nem ali, junto ao câmbio que lançava cataratas de fumo e de fogo, apagou-se na alma o seu romantismo de brasileiros. A beleza das italianas punha-lhes brasa nos corações. Amaram entre a explosão de um obus e uma ordem de ataque. Casaram-se nos dias intermediários entre uma ação decisiva e uma operação de limpeza. Vieram depois, gloriosos e invictos, trazendo para a Pátria agradecida os louros que haviam conquistado nos campos úmidos da Itália. Agora chegaram as esposas. Vieram alegres, cheias de confiança, conhecer a nova Pátria, que as aguardava de braços abertos. Desceram do navio maravilhadas com a paisagem tropical do Rio. Saíram do inferno, dos dias negros da miséria que pesou sobre sua terra infeliz, para entrar no Eden abençoado da América, cheias de sol e de riqueza. Lá estavam no cais os seus esposos, esperando ansiosos. E Cupido voou toda a tarde sobre o ancoradouro. Os belos trocaram-se, confundiram-se os rostos bronzeados dos pracinhas com as faces das "biondas" napolitanas. E Cupido sorriu. Um Cupido progressista e evoluído, de capacete de aço, asas de duro alumínio, metralhadora "Thompson" a tiracolo para ler os corações com profetia de aço. Um Cupido século XX, que não tem preconceitos de raça e de cor.

CONVERSA DE COMADRES



— Bom dia, D. Leopoldina!
— Boa dia, D. Cantareira!
— A senhora tem visto como andam falando de Mrs. Light?
— E mesmo. Falam horrores dela. Dizem que explora todo mundo, que chega sempre atrasada, que não faz nada que preste e ainda por cima nega-se a pagar aos seus empregados o que eles merecem.
— Ah! Não bem que consigo a coisa é diferente. Eu sempre cupei o meu horário. Quando os meus trens atrasam, e vassam pouco, umas duas horas apenas. Porém eles atrasam tanto que o povo já se acostumou com isso, de maneira que obedece ao novo horário.
— A senhora tem razão. Mas o povo é tão ingrato que ainda se queixa da senhora. Orem mesmo eu ouvi um rapaz na barra "meter o pau" na senhora, dizendo que viu de Ramos a Cidade num vagão sem luz.
— Mentira, D. Cantareira. Que valentia! Não há luz, sim. Não estava era acesa porque faltava energia. O dinamo havia quebrado, o magneto estava emperrado, as baterias não funcionavam. Mas deu de um puno espaço de tempo eu vou providenciar contra essa pequena falta.
— Mas o rapaz disse mais, D. Leopoldina! Ele disse que teve de viajar com o quando-chuva aberto porque chovia dentro do trem mais do que lá fora.
— Ora, D. Cantareira! Esse pessoal é incontentável. Quando desce do trem de Petropolis ou de Campos queixa-se de que não há água na torneira. Quando desce do subúrbio vem se queixando de que há água de mais. Mas veja só! "Me" diga se eu tenho culpa, D. Cantareira. Tenho?
— Não! A senhora não tem culpa. Mas o povo é assim mesmo. Queixase da gente sem razão nenhuma. Veja como me tratam. Eu sou tão boazinha, tão simpática. Souvi durante o ano todo ao pessoal do Rio e de Niterói, e no fim quando vou fazer as contas, vejo que tive prejuízo. Mas continuo servindo sempre os pobretinhos de Cristo. E esses bandidos continuam sempre falando mal de mim.
— E o rapaz da barra falou mal da senhora também? Falou?
— E, mentira! Falou coisas horríveis.
— E o que foi que ele disse?
— Ah! Minha filha, isso eu não posso falar aqui, porque esta seção é há por mãos.

REVISTA DA SEMANA

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decena das Revistas nacionais. Premiações com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e as Grandes Prêmios das Exposições de S. Paulo e Antwerp, em 1900 e na Feira Internacional de S. Paulo em 1904.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 6,00; seis meses — Cr\$ 3,50; Registrada: Um ano — Cr\$ 8,00; seis meses — Cr\$ 5,00.

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 10,00; seis meses — Cr\$ 6,00.

O número enviado custa Cr\$ 1,00 em qualquer parte do país e é enviado grátis Cr\$ 1,00. Vendas de Maracajó, RJ — Cr\$ 1,00; Rio de Janeiro, RJ — Cr\$ 1,00; São Paulo, SP — Cr\$ 1,00; Belo Horizonte, MG — Cr\$ 1,00; Curitiba, PR — Cr\$ 1,00; Porto Alegre, RS — Cr\$ 1,00; Recife, PE — Cr\$ 1,00; Salvador, BA — Cr\$ 1,00; Fortaleza, CE — Cr\$ 1,00; Aracaju, SE — Cr\$ 1,00; Maceió, AL — Cr\$ 1,00; Teresina, PI — Cr\$ 1,00; João Pessoa, PB — Cr\$ 1,00; Campina Grande, PB — Cr\$ 1,00; Paraíba, PB — Cr\$ 1,00; Pernambuco, PE — Cr\$ 1,00; Alagoas, AL — Cr\$ 1,00; Sergipe, SE — Cr\$ 1,00; Bahia, BA — Cr\$ 1,00; Espírito Santo, ES — Cr\$ 1,00; Minas Gerais, MG — Cr\$ 1,00; Goiás, GO — Cr\$ 1,00; Mato Grosso, MT — Cr\$ 1,00; Mato Grosso do Sul, MS — Cr\$ 1,00; Paraná, PR — Cr\$ 1,00; Santa Catarina, SC — Cr\$ 1,00; Rio Grande do Sul, RS — Cr\$ 1,00; Rio de Janeiro, RJ — Cr\$ 1,00; São Paulo, SP — Cr\$ 1,00; Minas Gerais, MG — Cr\$ 1,00; Goiás, GO — Cr\$ 1,00; Mato Grosso, MT — Cr\$ 1,00; Mato Grosso do Sul, MS — Cr\$ 1,00; Paraná, PR — Cr\$ 1,00; Santa Catarina, SC — Cr\$ 1,00; Rio Grande do Sul, RS — Cr\$ 1,00; Rio de Janeiro, RJ — Cr\$ 1,00; São Paulo, SP — Cr\$ 1,00; Minas Gerais, MG — Cr\$ 1,00; Goiás, GO — Cr\$ 1,00; Mato Grosso, MT — Cr\$ 1,00; Mato Grosso do Sul, MS — Cr\$ 1,00; Paraná, PR — Cr\$ 1,00; Santa Catarina, SC — Cr\$ 1,00; Rio Grande do Sul, RS — Cr\$ 1,00; Rio de Janeiro, RJ — Cr\$ 1,00; São Paulo, SP — Cr\$ 1,00; Minas Gerais, MG — Cr\$ 1,00; Goiás, GO — Cr\$ 1,00; Mato Grosso, MT — Cr\$ 1,00; Mato Grosso do Sul, MS — Cr\$ 1,00; Paraná, PR — Cr\$ 1,00; Santa Catarina, SC — Cr\$ 1,00; Rio Grande do Sul, RS — Cr\$ 1,00; Rio de Janeiro, RJ — Cr\$ 1,00; São Paulo, SP — Cr\$ 1,00; Minas Gerais, MG — Cr\$ 1,00; Goiás, GO — Cr\$ 1,00; Mato Grosso, MT — Cr\$ 1,00; Mato Grosso do Sul, MS — Cr\$ 1,00; Paraná, PR — Cr\$ 1,00; Santa Catarina, SC — Cr\$ 1,00; Rio Grande do Sul, RS — Cr\$ 1,00; Rio de Janeiro, RJ — Cr\$ 1,00; São Paulo, SP — Cr\$ 1,00; Minas Gerais, MG — Cr\$ 1,00; Goiás, GO — Cr\$ 1,00; Mato Grosso, MT — Cr\$ 1,00; Mato Grosso do Sul, MS — Cr\$ 1,00; Paraná, PR — Cr\$ 1,00; Santa Catarina, SC — Cr\$ 1,00; Rio Grande do Sul, RS — Cr\$ 1,00; Rio de Janeiro, RJ — Cr\$ 1,00; São Paulo, SP — Cr\$ 1,00; Minas Gerais, MG — Cr\$ 1,00; Goiás, GO — Cr\$ 1,00; Mato Grosso, MT — Cr\$ 1,00; Mato Grosso do Sul, MS — Cr\$ 1,00; Paraná, PR — Cr\$ 1,00; Santa Catarina, SC — Cr\$ 1,00; Rio Grande do Sul, RS — Cr\$ 1,00; Rio de Janeiro, RJ — Cr\$ 1,00; São Paulo, SP — Cr\$ 1,00; Minas Gerais, MG — Cr\$ 1,00; Goiás, GO — Cr\$ 1,00; Mato Grosso, MT — Cr\$ 1,00; Mato Grosso do Sul, MS — Cr\$ 1,00; Paraná, PR — Cr\$ 1,00; Santa Catarina, SC — Cr\$ 1,00; Rio Grande do Sul, RS — Cr\$ 1,00; Rio de Janeiro, RJ — Cr\$ 1,00; São Paulo, SP — Cr\$ 1,00; Minas Gerais, MG — Cr\$ 1,00; Goiás, GO — Cr\$ 1,00; Mato Grosso, MT — Cr\$ 1,00; Mato Grosso do Sul, MS — Cr\$ 1,00; Paraná, PR — Cr\$ 1,00; Santa Catarina, SC — Cr\$ 1,00; Rio Grande do Sul, RS — Cr\$ 1,00; Rio de Janeiro, RJ — Cr\$ 1,00; São Paulo, SP — Cr\$ 1,00; Minas Gerais, MG — Cr\$ 1,00; Goiás, GO — Cr\$ 1,00; Mato Grosso, MT — Cr\$ 1,00; Mato Grosso do Sul, MS — Cr\$ 1,00; Paraná, PR — Cr\$ 1,00; Santa Catarina, SC — Cr\$ 1,00; Rio Grande do Sul, RS — Cr\$ 1,00; Rio de Janeiro, RJ — Cr\$ 1,00; São Paulo, SP — Cr\$ 1,00; Minas Gerais, MG — Cr\$ 1,00; Goiás, GO — Cr\$ 1,00; Mato Grosso, MT — Cr\$ 1,00; Mato Grosso do Sul, MS — Cr\$ 1,00; Paraná, PR — Cr\$ 1,00; Santa Catarina, SC — Cr\$ 1,00; Rio Grande do Sul, RS — Cr\$ 1,00; Rio de Janeiro, RJ — Cr\$ 1,00; São Paulo, SP — Cr\$ 1,00; Minas Gerais, MG — Cr\$ 1,00; Goiás, GO — Cr\$ 1,00; Mato Grosso, MT — Cr\$ 1,00; Mato Grosso do Sul, MS — Cr\$ 1,00; Paraná, PR — Cr\$ 1,00; Santa Catarina, SC — Cr\$ 1,00; Rio Grande do Sul, RS — Cr\$ 1,00; Rio de Janeiro, RJ — Cr\$ 1,00; São Paulo, SP — Cr\$ 1,00; Minas Gerais, MG — Cr\$ 1,00; Goiás, GO — Cr\$ 1,00; Mato Grosso, MT — Cr\$ 1,00; Mato Grosso do Sul, MS — Cr\$ 1,00; Paraná, PR — Cr\$ 1,00; Santa Catarina, SC — Cr\$ 1,00; Rio Grande do Sul, RS — Cr\$ 1,00; Rio de Janeiro, RJ — Cr\$ 1,00; São Paulo, SP — Cr\$ 1,00; Minas Gerais, MG — Cr\$ 1,00; Goiás, GO — Cr\$ 1,00; Mato Grosso, MT — Cr\$ 1,00; Mato Grosso do Sul, MS — Cr\$ 1,00; Paraná, PR — Cr\$ 1,00; Santa Catarina, SC — Cr\$ 1,00; Rio Grande do Sul, RS — Cr\$ 1,00; Rio de Janeiro, RJ — Cr\$ 1,00; São Paulo, SP — Cr\$ 1,00; Minas Gerais, MG — Cr\$ 1,00; Goiás, GO — Cr\$ 1,00; Mato Grosso, MT — Cr\$ 1,00; Mato Grosso do Sul, MS — Cr\$ 1,00; Paraná, PR — Cr\$ 1,00; Santa Catarina, SC — Cr\$ 1,00; Rio Grande do Sul, RS — Cr\$ 1,00; Rio de Janeiro, RJ — Cr\$ 1,00; São Paulo, SP — Cr\$ 1,00; Minas Gerais, MG — Cr\$ 1,00; Goiás, GO — Cr\$ 1,00; Mato Grosso, MT — Cr\$ 1,00; Mato Grosso do Sul, MS — Cr\$ 1,00; Paraná, PR — Cr\$ 1,00; Santa Catarina, SC — Cr\$ 1,00; Rio Grande do Sul, RS — Cr\$ 1,00; Rio de Janeiro, RJ — Cr\$ 1,00; São Paulo, SP — Cr\$ 1,00; Minas Gerais, MG — Cr\$ 1,00; Goiás, GO — Cr\$ 1,00; Mato Grosso, MT — Cr\$ 1,00; Mato Grosso do Sul, MS — Cr\$ 1,00; Paraná, PR — Cr\$ 1,00; Santa Catarina, SC — Cr\$ 1,00; Rio Grande do Sul, RS — Cr\$ 1,00; Rio de Janeiro, RJ — Cr\$ 1,00; São Paulo, SP — Cr\$ 1,00; Minas Gerais, MG — Cr\$ 1,00; Goiás, GO — Cr\$ 1,00; Mato Grosso, MT — Cr\$ 1,00; Mato Grosso do Sul, MS — Cr\$ 1,00; Paraná, PR — Cr\$ 1,00; Santa Catarina, SC — Cr\$ 1,00; Rio Grande do Sul, RS — Cr\$ 1,00; Rio de Janeiro, RJ — Cr\$ 1,00; São Paulo, SP — Cr\$ 1,00; Minas Gerais, MG — Cr\$ 1,00; Goiás, GO — Cr\$ 1,00; Mato Grosso, MT — Cr\$ 1,00; Mato Grosso do Sul, MS — Cr\$ 1,00; Paraná, PR — Cr\$ 1,00; Santa Catarina, SC — Cr\$ 1,00; Rio Grande do Sul, RS — Cr\$ 1,00; Rio de Janeiro, RJ — Cr\$ 1,00; São Paulo, SP — Cr\$ 1,00; Minas Gerais, MG — Cr\$ 1,00; Goiás, GO — Cr\$ 1,00; Mato Grosso, MT — Cr\$ 1,00; Mato Grosso do Sul, MS — Cr\$ 1,00; Paraná, PR — Cr\$ 1,00; Santa Catarina, SC — Cr\$ 1,00; Rio Grande do Sul, RS — Cr\$ 1,00; Rio de Janeiro, RJ — Cr\$ 1,00; São Paulo, SP — Cr\$ 1,00; Minas Gerais, MG — Cr\$ 1,00; Goiás, GO — Cr\$ 1,00; Mato Grosso, MT — Cr\$ 1,00; Mato Grosso do Sul, MS — Cr\$ 1,00; Paraná, PR — Cr\$ 1,00; Santa Catarina, SC — Cr\$ 1,00; Rio Grande do Sul, RS — Cr\$ 1,00; Rio de Janeiro, RJ — Cr\$ 1,00; São Paulo, SP — Cr\$ 1,00; Minas Gerais, MG — Cr\$ 1,00; Goiás, GO — Cr\$ 1,00; Mato Grosso, MT — Cr\$ 1,00; Mato Grosso do Sul, MS — Cr\$ 1,00; Paraná, PR — Cr\$ 1,00; Santa Catarina, SC — Cr\$ 1,00; Rio Grande do Sul, RS — Cr\$ 1,00; Rio de Janeiro, RJ — Cr\$ 1,00; São Paulo, SP — Cr\$ 1,00; Minas Gerais, MG — Cr\$ 1,00; Goiás, GO — Cr\$ 1,00; Mato Grosso, MT — Cr\$ 1,00; Mato Grosso do Sul, MS — Cr\$ 1,00; Paraná, PR — Cr\$ 1,00; Santa Catarina, SC — Cr\$ 1,00; Rio Grande do Sul, RS — Cr\$ 1,00; Rio de Janeiro, RJ — Cr\$ 1,00; São Paulo, SP — Cr\$ 1,00; Minas Gerais, MG — Cr\$ 1,00; Goiás, GO — Cr\$ 1,00; Mato Grosso, MT — Cr\$ 1,00; Mato Grosso do Sul, MS — Cr\$ 1,00; Paraná, PR — Cr\$ 1,00; Santa Catarina, SC — Cr\$ 1,00; Rio Grande do Sul, RS — Cr\$ 1,00; Rio de Janeiro, RJ — Cr\$ 1,00; São Paulo, SP — Cr\$ 1,00; Minas Gerais, MG — Cr\$ 1,00; Goiás, GO — Cr\$ 1,00; Mato Grosso, MT — Cr\$ 1,00; Mato Grosso do Sul, MS — Cr\$ 1,00; Paraná, PR — Cr\$ 1,00; Santa Catarina, SC — Cr\$ 1,00; Rio Grande do Sul, RS — Cr\$ 1,00; Rio de Janeiro, RJ — Cr\$ 1,00; São Paulo, SP — Cr\$ 1,00; Minas Gerais, MG — Cr\$ 1,00; Goiás, GO — Cr\$ 1,00; Mato Grosso, MT — Cr\$ 1,00; Mato Grosso do Sul, MS — Cr\$ 1,00; Paraná, PR — Cr\$ 1,00; Santa Catarina, SC — Cr\$ 1,00; Rio Grande do Sul, RS — Cr\$ 1,00; Rio de Janeiro, RJ — Cr\$ 1,00; São Paulo, SP — Cr\$ 1,00; Minas Gerais, MG — Cr\$ 1,00; Goiás, GO — Cr\$ 1,00; Mato Grosso, MT — Cr\$ 1,00; Mato Grosso do Sul, MS — Cr\$ 1,00; Paraná, PR — Cr\$ 1,00; Santa Catarina, SC — Cr\$ 1,00; Rio Grande do Sul, RS — Cr\$ 1,00; Rio de Janeiro, RJ — Cr\$ 1,00; São Paulo, SP — Cr\$ 1,00; Minas Gerais, MG — Cr\$ 1,00; Goiás, GO — Cr\$ 1,00; Mato Grosso, MT — Cr\$ 1,00; Mato Grosso do Sul, MS — Cr\$ 1,00; Paraná, PR — Cr\$ 1,00; Santa Catarina, SC — Cr\$ 1,00; Rio Grande do Sul, RS — Cr\$ 1,00; Rio de Janeiro, RJ — Cr\$ 1,00; São Paulo, SP — Cr\$ 1,00; Minas Gerais, MG — Cr\$ 1,00; Goiás, GO — Cr\$ 1,00; Mato Grosso, MT — Cr\$ 1,00; Mato Grosso do Sul, MS — Cr\$ 1,00; Paraná, PR — Cr\$ 1,00; Santa Catarina, SC — Cr\$ 1,00; Rio Grande do Sul, RS — Cr\$ 1,00; Rio de Janeiro, RJ — Cr\$ 1,00; São Paulo, SP — Cr\$ 1,00; Minas Gerais, MG — Cr\$ 1,00; Goiás, GO — Cr\$ 1,00; Mato Grosso, MT — Cr\$ 1,00; Mato Grosso do Sul, MS — Cr\$ 1,00; Paraná, PR — Cr\$ 1,00; Santa Catarina, SC — Cr\$ 1,00; Rio Grande do Sul, RS — Cr\$ 1,00; Rio de Janeiro, RJ — Cr\$ 1,00; São Paulo, SP — Cr\$ 1,00; Minas Gerais, MG — Cr\$ 1,00; Goiás, GO — Cr\$ 1,00; Mato Grosso, MT — Cr\$ 1,00; Mato Grosso do Sul, MS — Cr\$ 1,00; Paraná, PR — Cr\$ 1,00; Santa Catarina, SC — Cr\$ 1,00; Rio Grande do Sul, RS — Cr\$ 1,00; Rio de Janeiro, RJ — Cr\$ 1,00; São Paulo, SP — Cr\$ 1,00; Minas Gerais, MG — Cr\$ 1,00; Goiás, GO — Cr\$ 1,00; Mato Grosso, MT — Cr\$ 1,00; Mato Grosso do Sul, MS — Cr\$ 1,00; Paraná, PR — Cr\$ 1,00; Santa Catarina, SC — Cr\$ 1,00; Rio Grande do Sul, RS — Cr\$ 1,00; Rio de Janeiro, RJ — Cr\$ 1,00; São Paulo, SP — Cr\$ 1,00; Minas Gerais, MG — Cr\$ 1,00; Goiás, GO — Cr\$ 1,00; Mato Grosso, MT — Cr\$ 1,00; Mato Grosso do Sul, MS — Cr\$ 1,00; Paraná, PR — Cr\$ 1,00; Santa Catarina, SC — Cr\$ 1,00; Rio Grande do Sul, RS — Cr\$ 1,00; Rio de Janeiro, RJ — Cr\$ 1,00; São Paulo, SP — Cr\$ 1,00; Minas Gerais, MG — Cr\$ 1,00; Goiás, GO — Cr\$ 1,00; Mato Grosso, MT — Cr\$ 1,00; Mato Grosso do Sul, MS — Cr\$ 1,00; Paraná, PR — Cr\$ 1,00; Santa Catarina, SC — Cr\$ 1,00; Rio Grande do Sul, RS — Cr\$ 1,00; Rio de Janeiro, RJ — Cr\$ 1,00; São Paulo, SP — Cr\$ 1,00; Minas Gerais, MG — Cr\$ 1,00; Goiás, GO — Cr\$ 1,00; Mato Grosso, MT — Cr\$ 1,00; Mato Grosso do Sul, MS — Cr\$ 1,00; Paraná, PR — Cr\$ 1,00; Santa Catarina, SC — Cr\$ 1,00; Rio Grande do Sul, RS — Cr\$ 1,00; Rio de Janeiro, RJ — Cr\$ 1,00; São Paulo, SP — Cr\$ 1,00; Minas Gerais, MG — Cr\$ 1,00; Goiás, GO — Cr\$ 1,00; Mato Grosso, MT — Cr\$ 1,00; Mato Grosso do Sul, MS — Cr\$ 1,00; Paraná, PR — Cr\$ 1,00; Santa Catarina, SC — Cr\$ 1,00; Rio Grande do Sul, RS — Cr\$ 1,00; Rio de Janeiro, RJ — Cr\$ 1,00; São Paulo, SP — Cr\$ 1,00; Minas Gerais, MG — Cr\$ 1,00; Goiás, GO — Cr\$ 1,00; Mato Grosso, MT — Cr\$ 1,00; Mato Grosso do Sul, MS — Cr\$ 1,00; Paraná, PR — Cr\$ 1,00; Santa Catarina, SC — Cr\$ 1,00; Rio Grande do Sul, RS — Cr\$ 1,00; Rio de Janeiro, RJ — Cr\$ 1,00; São Paulo, SP — Cr\$ 1,00; Minas Gerais, MG — Cr\$ 1,00; Goiás, GO — Cr\$ 1,00; Mato Grosso, MT — Cr\$ 1,00; Mato Grosso do Sul, MS — Cr\$ 1,00; Paraná, PR — Cr\$ 1,00; Santa Catarina, SC — Cr\$ 1,00; Rio Grande do Sul, RS — Cr\$ 1,00; Rio de Janeiro, RJ — Cr\$ 1,00; São Paulo, SP — Cr\$ 1,00; Minas Gerais, MG — Cr\$ 1,00; Goiás, GO — Cr\$ 1,00; Mato Grosso, MT — Cr\$ 1,00; Mato Grosso do Sul, MS — Cr\$ 1,00; Paraná, PR — Cr\$ 1,00; Santa Catarina, SC — Cr\$ 1,00; Rio Grande do Sul, RS — Cr\$ 1,00; Rio de Janeiro, RJ — Cr\$ 1,00; São Paulo, SP — Cr\$ 1,00; Minas Gerais, MG — Cr\$ 1,00; Goiás, GO — Cr\$ 1,00; Mato Grosso, MT — Cr\$ 1,00; Mato Grosso do Sul, MS — Cr\$ 1,00; Paraná, PR — Cr\$ 1,00; Santa Catarina, SC — Cr\$ 1,00; Rio Grande do Sul, RS — Cr\$ 1,00; Rio de Janeiro, RJ — Cr\$ 1,00; São Paulo, SP — Cr\$ 1,00; Minas Gerais, MG — Cr\$ 1,00; Goiás, GO — Cr\$ 1,00; Mato Grosso, MT — Cr\$ 1,00; Mato Grosso do Sul, MS — Cr\$ 1,00; Paraná, PR — Cr\$ 1,00; Santa Catarina, SC — Cr\$ 1,00; Rio Grande do Sul, RS — Cr\$ 1,00; Rio de Janeiro, RJ — Cr\$ 1,00; São Paulo, SP — Cr\$ 1,00; Minas Gerais, MG — Cr\$ 1,00; Goiás, GO — Cr\$ 1,00; Mato Grosso, MT — Cr\$ 1,00; Mato Grosso do Sul, MS — Cr\$ 1,00; Paraná, PR — Cr\$ 1,00; Santa Catarina, SC — Cr\$ 1,00; Rio Grande do Sul, RS — Cr\$ 1,00; Rio de Janeiro, RJ — Cr\$ 1,00; São Paulo, SP — Cr\$ 1,00; Minas Gerais, MG — Cr\$ 1,00; Goiás, GO — Cr\$ 1,00; Mato Grosso, MT — Cr\$ 1,00; Mato Grosso do Sul, MS — Cr\$ 1,00; Paraná, PR — Cr\$ 1,00; Santa Catarina, SC — Cr\$ 1,00; Rio Grande do Sul, RS — Cr\$ 1,00; Rio de Janeiro, RJ — Cr\$ 1,00; São Paulo, SP — Cr\$ 1,00; Minas Gerais, MG — Cr\$ 1,00; Goiás, GO — Cr\$ 1,00; Mato Grosso, MT — Cr\$ 1,00; Mato Grosso do Sul, MS — Cr\$ 1,00; Paraná, PR — Cr\$ 1,00; Santa Catarina, SC — Cr\$ 1,00; Rio Grande do Sul, RS — Cr\$ 1,00; Rio de Janeiro, RJ — Cr\$ 1,00; São Paulo, SP — Cr\$ 1,00; Minas Gerais, MG — Cr\$ 1,00; Goiás, GO — Cr\$ 1,00; Mato Grosso, MT — Cr\$ 1,00; Mato Grosso do Sul, MS — Cr\$ 1,00; Paraná, PR — Cr\$ 1,00; Santa Catarina, SC — Cr\$ 1,00; Rio Grande do Sul, RS — Cr\$ 1,00; Rio de Janeiro, RJ — Cr\$ 1,00; São Paulo, SP — Cr\$ 1,00; Minas Gerais, MG — Cr\$ 1,00; Goiás, GO — Cr\$ 1,00; Mato Grosso, MT — Cr\$ 1,00; Mato Grosso do Sul, MS — Cr\$ 1,00; Paraná, PR — Cr\$ 1,00; Santa Catarina, SC — Cr\$ 1,00; Rio Grande do Sul, RS — Cr\$ 1,00; Rio de Janeiro, RJ — Cr\$ 1,00; São Paulo, SP — Cr\$ 1,00; Minas Gerais, MG — Cr\$ 1,00; Goiás, GO — Cr\$ 1,00; Mato Grosso, MT — Cr\$ 1,00; Mato Grosso do Sul, MS — Cr\$ 1,00; Paraná, PR — Cr\$ 1,00; Santa Catarina, SC — Cr\$ 1,00; Rio Grande do Sul, RS — Cr\$ 1,00; Rio de Janeiro, RJ — Cr\$ 1,00; São Paulo, SP — Cr\$ 1,00; Minas Gerais, MG — Cr\$ 1,00; Goiás, GO — Cr\$ 1,00; Mato Grosso, MT — Cr\$ 1,00; Mato Grosso do Sul, MS — Cr\$ 1,00; Paraná, PR — Cr\$ 1,00; Santa Catarina, SC — Cr\$ 1,00; Rio Grande do Sul, RS — Cr\$ 1,00; Rio de Janeiro, RJ — Cr\$ 1,00; São Paulo, SP — Cr\$ 1,00; Minas Gerais, MG — Cr\$ 1,00; Goiás, GO — Cr\$ 1,00; Mato Grosso, MT — Cr\$ 1,00; Mato Grosso do Sul, MS — Cr\$ 1,00; Paraná, PR — Cr\$ 1,00; Santa Catarina, SC — Cr\$ 1,00; Rio Grande do Sul, RS — Cr\$ 1,00; Rio de Janeiro, RJ — Cr\$ 1,00; São Paulo, SP — Cr\$ 1,00; Minas Gerais, MG — Cr\$ 1,00; Goiás, GO — Cr\$ 1,00; Mato Grosso, MT — Cr\$ 1,00; Mato Grosso do Sul, MS — Cr\$ 1,00; Paraná, PR — Cr\$ 1,00; Santa Catarina, SC — Cr\$ 1,00; Rio Grande do Sul, RS — Cr\$ 1,00; Rio de Janeiro, RJ — Cr\$ 1,00; São Paulo, SP — Cr\$ 1,00; Minas Gerais, MG — Cr\$ 1,00; Goiás, GO — Cr\$ 1,00; Mato Grosso, MT — Cr\$ 1,00; Mato Grosso do Sul, MS — Cr\$ 1,00; Paraná, PR — Cr\$ 1,00; Santa Catarina, SC — Cr\$ 1,00; Rio Grande do Sul, RS — Cr\$ 1,00; Rio de Janeiro, RJ — Cr\$ 1,00; São Paulo, SP — Cr\$ 1,00; Minas Gerais, MG — Cr\$ 1,00; Goiás, GO — Cr\$ 1,00; Mato Grosso, MT — Cr\$ 1,00; Mato Grosso do Sul, MS — Cr\$ 1,00; Paraná, PR — Cr\$ 1,00; Santa Catarina, SC — Cr\$ 1,00; Rio Grande do Sul, RS — Cr\$ 1,00; Rio de Janeiro, RJ — Cr\$ 1,00; São Paulo, SP — Cr\$ 1,00; Minas Gerais, MG — Cr\$ 1,00; Goiás, GO — Cr\$ 1,00; Mato Grosso, MT — Cr\$ 1,00; Mato Grosso do Sul, MS — Cr\$ 1,00; Paraná, PR — Cr\$ 1,00; Santa Catarina, SC — Cr\$ 1,00; Rio Grande do Sul, RS — Cr\$ 1,00; Rio de Janeiro, RJ — Cr\$ 1,00; São Paulo, SP — Cr\$ 1,00; Minas Gerais, MG — Cr\$ 1,00; Goiás, GO — Cr\$ 1,00; Mato Grosso, MT — Cr\$ 1,00; Mato Grosso do Sul, MS — Cr\$ 1,00; Paraná, PR — Cr\$ 1,00; Santa Catarina, SC — Cr\$ 1,00; Rio Grande do Sul, RS — Cr\$ 1,00; Rio de Janeiro, RJ — Cr\$ 1,00; São Paulo, SP — Cr\$ 1,00; Minas Gerais, MG — Cr\$ 1,00; Goiás, GO — Cr\$ 1,00; Mato Grosso, MT — Cr\$ 1,00; Mato Grosso do Sul, MS — Cr\$ 1,00; Paraná, PR — Cr\$ 1,00; Santa Catarina, SC — Cr\$ 1,00; Rio Grande do Sul, RS — Cr\$ 1,00; Rio de Janeiro, RJ — Cr\$ 1,00; São Paulo, SP — Cr\$ 1,00; Minas Gerais, MG — Cr\$ 1,00; Goiás, GO — Cr\$ 1,00; Mato Grosso, MT — Cr\$ 1,00; Mato Grosso do Sul, MS — Cr\$ 1,00; Paraná, PR — Cr\$ 1,00; Santa Catarina, SC — Cr\$ 1,00; Rio Grande do Sul, RS — Cr\$ 1,00; Rio de Janeiro, RJ — Cr\$ 1,00; São Paulo, SP — Cr\$ 1,00; Minas Gerais, MG — Cr\$ 1,00; Goiás, GO — Cr\$ 1,00; Mato Grosso, MT — Cr\$ 1,00; Mato Grosso do Sul, MS — Cr\$ 1,00; Paraná, PR — Cr\$ 1,00; Santa Catarina, SC — Cr\$ 1,00; Rio Grande do Sul, RS — Cr\$ 1,00; Rio de Janeiro, RJ — Cr\$ 1,00; São Paulo, SP — Cr\$ 1,00; Minas Gerais, MG — Cr\$ 1,00; Goiás, GO — Cr\$ 1,00; Mato Grosso, MT — Cr\$ 1,00; Mato Grosso do Sul, MS — Cr\$ 1,00; Paraná, PR — Cr\$ 1,00; Santa Catarina, SC — Cr\$ 1,00; Rio Grande do Sul, RS — Cr\$ 1,00; Rio de Janeiro, RJ — Cr\$ 1,00; São Paulo, SP — Cr\$ 1,00; Minas Gerais, MG — Cr\$ 1,00; Goiás, GO — Cr\$ 1,00; Mato Grosso, MT — Cr\$ 1,00; Mato Grosso do Sul, MS — Cr\$ 1,00; Paraná, PR — Cr\$ 1,00; Santa Catarina, SC — Cr\$ 1,00; Rio Grande do Sul, RS — Cr\$ 1,00; Rio de Janeiro, RJ — Cr\$ 1,00; São Paulo, SP — Cr\$ 1,00; Minas Gerais, MG — Cr\$ 1,00; Goiás, GO — Cr\$ 1,00; Mato Grosso, MT — Cr\$ 1,00; Mato Grosso do Sul, MS — Cr\$ 1,00; Paraná, PR — Cr\$ 1,00; Santa Catarina, SC — Cr\$ 1,00; Rio Grande do Sul, RS — Cr\$ 1,00; Rio de Janeiro, RJ — Cr\$ 1,00; São Paulo, SP — Cr\$ 1,00; Minas Gerais, MG — Cr\$ 1,00; Goiás, GO — Cr\$ 1,00; Mato Grosso, MT — Cr\$ 1,00; Mato Grosso do Sul, MS — Cr\$ 1,00; Paraná, PR — Cr\$ 1,00; Santa Catarina, SC — Cr\$ 1,00; Rio Grande do Sul, RS — Cr\$ 1,00; Rio de Janeiro, RJ — Cr\$ 1,00; São Paulo, SP — Cr\$ 1,00; Minas Gerais, MG — Cr\$ 1,00; Goiás, GO — Cr\$ 1,00; Mato Grosso, MT — Cr\$ 1,00; Mato Grosso do Sul, MS — Cr\$ 1,00; Paraná, PR — Cr\$ 1,00; Santa Catarina, SC — Cr\$ 1,00; Rio Grande do Sul, RS — Cr\$ 1,00; Rio de Janeiro, RJ — Cr\$ 1,00; São Paulo, SP — Cr\$ 1,00; Minas Gerais, MG — Cr\$ 1,00; Goiás, GO — Cr\$ 1,00; Mato Grosso, MT — Cr\$ 1,00; Mato Grosso do Sul, MS — Cr\$ 1,00; Paraná, PR — Cr\$ 1,00; Santa Catarina, SC — Cr\$ 1,00; Rio Grande do Sul, RS — Cr\$ 1,00; Rio de Janeiro, RJ — Cr\$ 1,00; São Paulo, SP — Cr\$ 1,00; Minas Gerais, MG — Cr\$ 1,00; Goiás, GO — Cr\$ 1,00; Mato Grosso, MT — Cr\$ 1,00; Mato Grosso do Sul, MS — Cr\$ 1,00; Paraná, PR — Cr\$ 1,00; Santa Catarina, SC — Cr\$ 1,00; Rio Grande do Sul, RS — Cr\$ 1,00; Rio de Janeiro, RJ — Cr\$ 1,00; São Paulo, SP — Cr\$ 1,00; Minas Gerais, MG — Cr\$ 1,00; Goiás, GO — Cr\$ 1,00; Mato Grosso, MT — Cr\$ 1,00; Mato Grosso do Sul, MS — Cr\$ 1,00; Paraná, PR — Cr\$ 1,00; Santa Catarina, SC — Cr\$ 1,00; Rio Grande do Sul, RS — Cr\$ 1,00; Rio de Janeiro, RJ — Cr\$ 1,00; São Paulo, SP — Cr\$ 1,00; Minas Gerais, MG — Cr\$ 1,00; Goiás, GO — Cr\$ 1,00; Mato Grosso, MT — Cr\$ 1,00; Mato Grosso do Sul, MS — Cr\$ 1,00; Paraná, PR — Cr\$ 1,00; Santa Catarina, SC — Cr\$ 1,00; Rio Grande do Sul, RS — Cr\$ 1,00; Rio de Janeiro, RJ — Cr\$ 1,00; São Paulo, SP — Cr\$ 1,00; Minas Gerais, MG — Cr\$ 1,00; Goiás, GO — Cr\$ 1,00; Mato Grosso, MT — Cr\$ 1,00; Mato Grosso do Sul, MS — Cr\$ 1,00; Paraná, PR — Cr\$ 1,00; Santa Catarina, SC — Cr\$ 1,00; Rio Grande do Sul, RS — Cr\$ 1,00; Rio de Janeiro, RJ — Cr\$ 1,00; São Paulo, SP — Cr\$ 1,00; Minas Gerais, MG — Cr\$ 1,00; Goiás, GO — Cr\$ 1,00; Mato Grosso, MT — Cr\$ 1,00; Mato Grosso do Sul, MS — Cr\$ 1,00; Paraná, PR — Cr\$ 1,00; Santa Catarina, SC — Cr\$ 1,00; Rio Grande do Sul, RS — Cr\$ 1,00; Rio de Janeiro, RJ — Cr\$ 1,00; São Paulo, SP — Cr\$ 1,00; Minas Gerais, MG — Cr\$ 1,00; Goiás, GO — Cr\$ 1,00; Mato Grosso, MT — Cr\$ 1,00; Mato Grosso do Sul, MS — Cr\$ 1,00; Paraná, PR — Cr\$ 1,00; Santa Catarina, SC — Cr\$ 1,00; Rio Grande do Sul, RS — Cr\$ 1,00; Rio de Janeiro, RJ — Cr\$ 1,00; São Paulo, SP — Cr\$ 1,00; Minas Gerais, MG — Cr\$ 1,00; Goiás, GO — Cr\$ 1,00; Mato Grosso, MT — Cr\$ 1,00; Mato Grosso do Sul, MS — Cr\$ 1,00; Paraná, PR — Cr\$ 1,00; Santa Catarina, SC — Cr\$ 1,00; Rio Grande do Sul, RS — Cr\$ 1,00; Rio de Janeiro, RJ — Cr\$ 1,00; São Paulo, SP — Cr\$ 1,00; Minas Gerais, MG — Cr\$ 1,00; Goiás, GO — Cr\$ 1,00; Mato Grosso, MT — Cr\$ 1,00; Mato Grosso do Sul, MS — Cr\$ 1,00; Paraná, PR — Cr\$ 1,00; Santa Catarina, SC — Cr\$ 1,00; Rio Grande do Sul, RS — Cr\$ 1,00; Rio de Janeiro, RJ — Cr\$ 1,00; São Paulo, SP — Cr\$ 1,00; Minas Gerais, MG — Cr\$ 1,00; Goiás, GO — Cr\$ 1,00; Mato Grosso, MT — Cr\$ 1,00; Mato Grosso do Sul, MS — Cr\$ 1,00; Paraná, PR — Cr\$ 1,00; Santa Catarina, SC — Cr\$ 1,00; Rio Grande do Sul, RS — Cr\$ 1,00; Rio de Janeiro, RJ — Cr\$ 1,00; São Paulo, SP — Cr\$ 1,00; Minas Gerais, MG — Cr\$ 1,00; Goiás, GO — Cr\$ 1,00; Mato Grosso, MT — Cr\$ 1,00; Mato Grosso do Sul, MS — Cr\$ 1,00; Paraná, PR

Aconteceu...

HÁ 43 ANOS

Um acontecimento internacional, no ano de 1902! Alguma coisa que merecia reprodução nas revistas, em meia-página, desta-

alvo, reproduzindo um coelho, com os doze furos das balas reais...

Triste destino do rei lusitano! Seis anos mais tarde era morto, a bala, éle e um filho, quando, em carro aberto, atravessava o Terreiro do Paço em Lisboa...

★

E nesse mesmo ano era estreada ainda por Dias Braga, no Recreio Dramático, "uma peça de grande espetáculo, em cinco atos, dezesseis quadros e uma apoteose com o título "O Mártir do Calvário". Vamos evocar nosso crítico teatral da época: "O cartaz anuncia essa produção com o título de "original" de Eduardo Garrido; alguns colegas da crítica dizem-na traduzida ou imitada do espanhol. Não perto tempo em reconstituir essa complicada genealogia..."

"No desempenho há a destacar Eugénio de Magalhães, Ferreira de Souza, Grijó, Arelia Delorme no segundo quadro, Maria da Piedade pelo vigor dramático que imprimiu ao seu pequenino papel, e, principalmente, Olimpio Nogueira, cujos progressos são visíveis. O resto não compreendeu o que estava fazendo ou, se compreendeu, faltavam-lhe recursos artísticos para interpretá-lo. Para impressionar a imaginação popular, basta uma tósca imagem da Virgem em humilde ermidinha de aldeia. A sra. Lucilia Peres não conseguiu êsse resultado."

Olimpio Nogueira celebrou-se nesse papel, que representou centenas de vezes, até quando, em 1918, morreu no período da gripe. Lucilia Peres, desmentindo a crítica de 1902, até recentemente ainda fazia a parte de Virgem Maria.

HÁ 15 ANOS

No movimento revolucionário que se processou aqui no Rio, a 30 de outubro último, os "tanks" de guerra tiveram participação destacada, embora, felizmente, de simples exposição em praça pública. Tal como declarou alta patente do Exército entrevistada domingo último, os canhões falam com muita eloquência, mesmo silenciosamente. Não foi mister deflagrar um tiro sequer, nem as poderosas máquinas precisaram entrar em ação para que o ditador Getúlio Vargas rumasse com destino a São Borja e o país entrasse em nova fase governamental. Todavia, é curioso agora recordar que já na revolução anterior, em 1930, os precursores dos "tanks" entraram em ação e tiveram também papel preponderante. Folheando a edição extraordinária da REVISTA DA SEMANA editada em 8 de novembro daquele ano e dedicada à vitória do movimento que então levou o sr. Getúlio Vargas ao poder, encontramos destacadamente, na quinta página, o "cliché" de um "tank", por sinal



cadamente, com as respectivas ilustrações e "croquis"! "El-Rei de Portugal, Dom Carlos, atirador emérito!". E lá vinha a notícia: "Sua Majestade o Rei Dom Carlos de Portugal revelou-se um atirador emérito, sobretudo a pistola. Mai repostado ainda da gripe que o atacara à sua chegada a Paris, tomou parte, na última terça-feira, "chez" Gastinne-Renette, numa sessão de tiro organizada pela sociedade "Le Pistolet". Reproduzimos um dos alvos sobre que Sua Majestade fez fogo, batendo um dos nossos melhores atiradores, M. de Chuzac. Vê-se que as doze balas, atiradas a 16 metros sobre o alvo móvel, acertaram tôdas no corpo do coelho na carreira "running rabbit" figurada sobre o cartão".

E lá estava, ao lado, o "fac-simile" do

Homens que trabalham

Se V. S. sofre de prisão de ventre e esqueceu-se de tomar **Ventre-Livre** ontem à noite, antes de dormir, não esqueça hoje.

Tome uma dose de **Ventre-Livre** hoje à noite, antes de ir para a cama, que amanhã passará o dia bem e trabalhará com prazer.

Os homens esforçados devem cuidar especialmente da saúde, porque trabalham com afêro e precisam ter o estômago, os intestinos, o fígado, enfim todos os órgãos, e também os nervos, em bom estado.

A prisão de ventre intoxica o organismo, abate as forças e por conseguinte diminui a capacidade de trabalho.

Combata a prisão de ventre sem perda de tempo, usando **Ventre-Livre**.

Ventre-Livre tonifica as camadas musculares do estômago e intestinos e limpa-os das substâncias infectadas e fermentações tóxicas, verdadeiros venenos, que perturbam as funções de todos os órgãos e causam tão grande mal aos nervos.

Tome **Ventre-Livre** hoje, à noite.

Lembre-se sempre:
Ventre-Livre não é purgante

Tenha sempre em casa
alguns vidros de **Ventre-Livre**

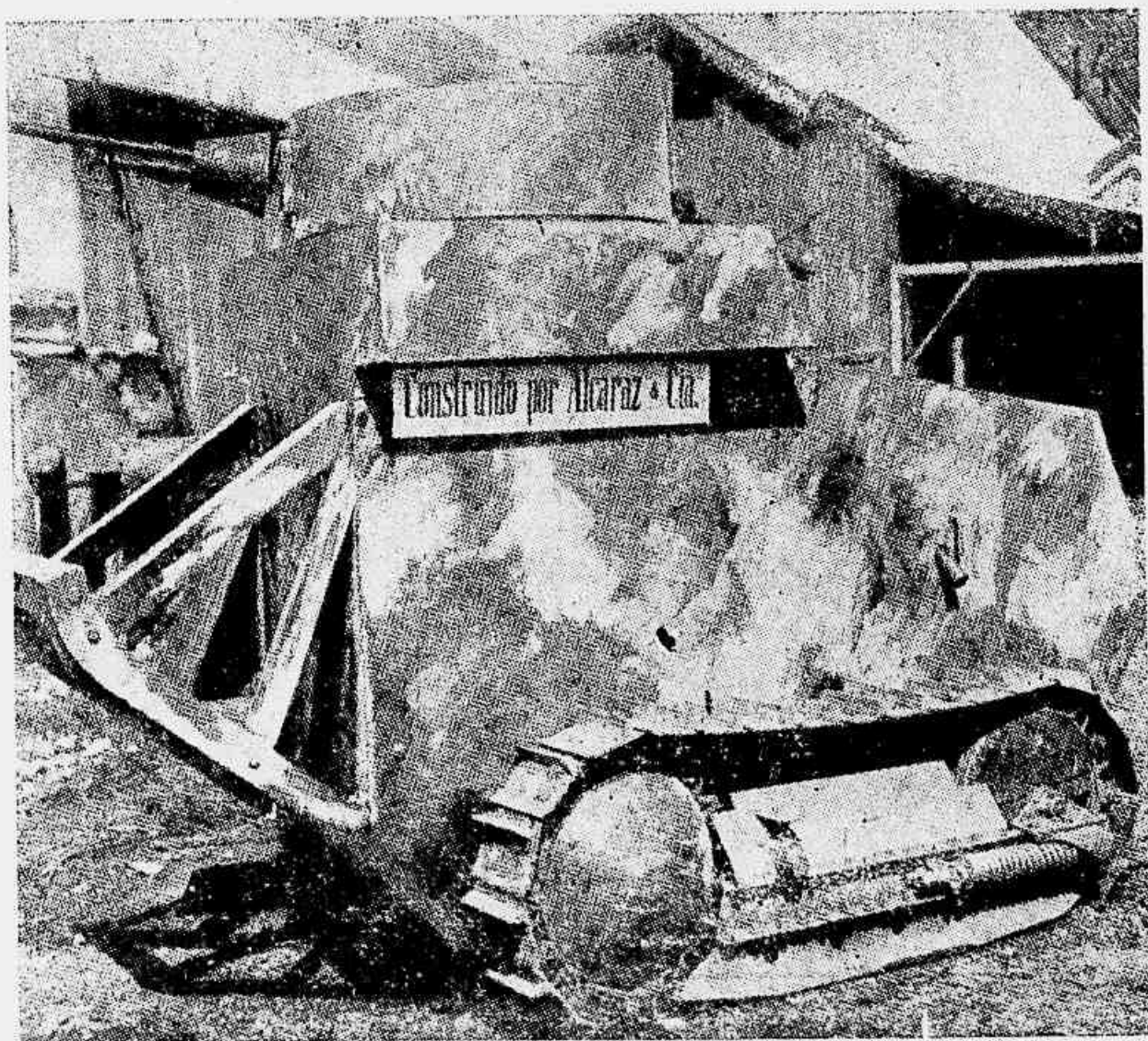
que "fabricado em Porto Alegre", tal como informa a legenda. Trata-se de um vovô respeitável dos veículos motorizados de nossos dias, um carro de assalto, sem dúvida rudimentar em confronto com os contemporâneos, ostentando em lugar proeminente estes dizeres: "Construído por Alcaraz & Cia.". Como se vê, os "tanks" de guerra evoluíram extraordinariamente no "curto espaço de tempo" destes quinze anos...

Mas os trocadilhos infames continuavam proliferando. Há quarenta e dois anos publicava-se isto:

"— Não os entendo... Uns dizem que eu emagreço... E outros... que eu "engordeço"..."

Só mesmo recordando a frase de Floriano: A bala...

XIZ



Um calçado da moda
para o mundo elegante

Gambier

Rua Uruguaiana, 52
Fone 22-5587 — RIO



O SALTO DE NIKOLSKI — Quando Serge Liliat foi visitar Nikolsky no sanatório, Jean Manzon acompanhava-o. Serge saltou em frente ao mestre, tentando resuscitar-lhe assim a memória. Quando o sanatório deu um salto espetacular o grande mestre acompanhando-o, acordado por um momento de seu longo pesadelo. E Jean Manzon conseguiu então esta fotografia magnífica.

OS CINCO DIAS — Paul Reynaud assumiu a pasta de França e declarou que em cinco dias reformaria radicalmente as finanças de França. Transcorreu em seu gabinete de trabalho e não restou ninguém durante o período de 120 horas. Mas Manzon sempre foi um furto, conseguiu meter-se no gabinete do político e focalizar pontualmente "os cinco dias".

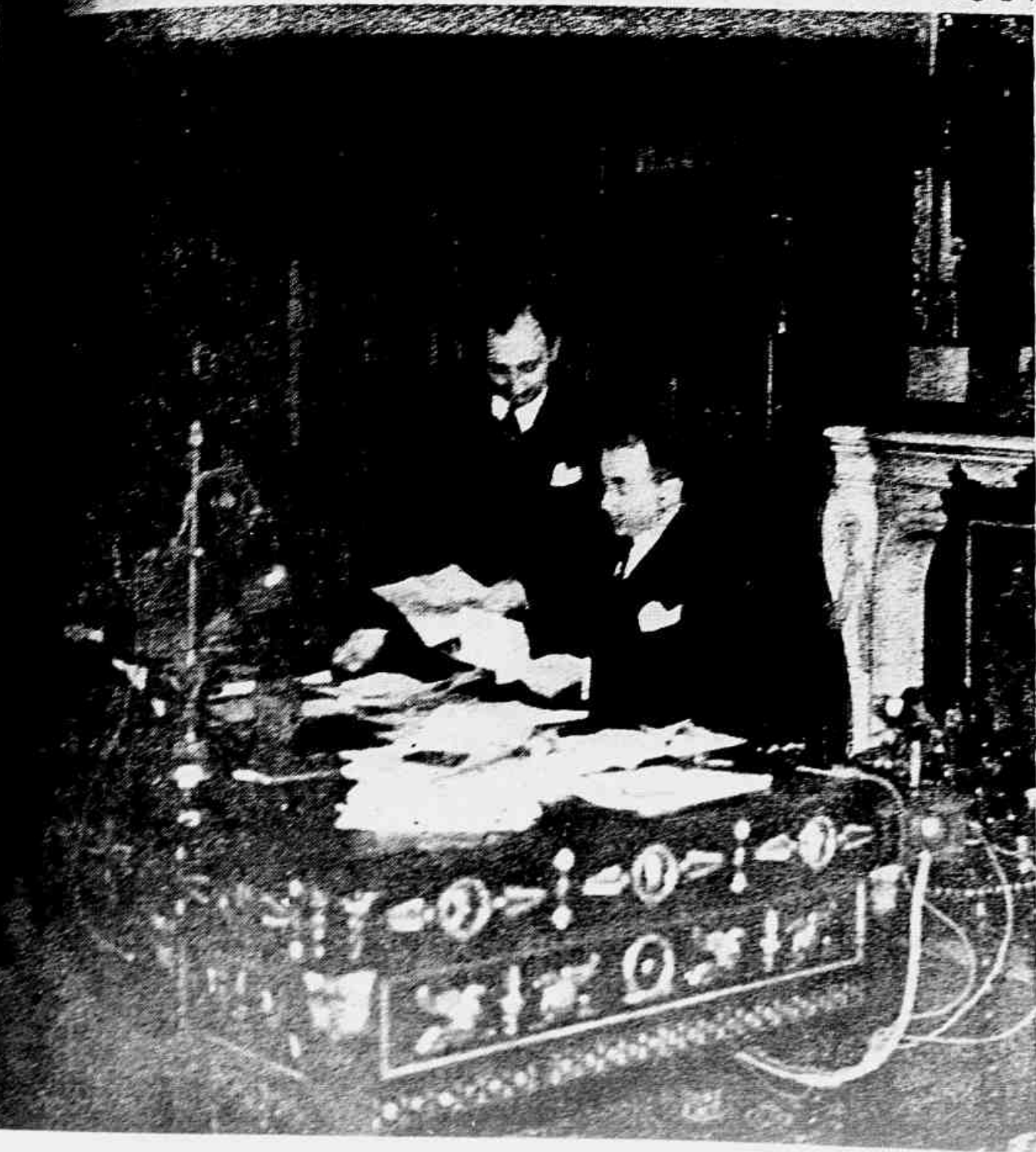


RUMO A NARVIK — Rumo a Narvik, navios pelas mares territoriais da Noruega a esquadra de França numa tentativa desesperada para deter a marcha dos nazistas contra o norte da Escandinávia. O reporter Jean Manzon viajava a bordo de uma das bombas, como cinegrafista do Almirantado. Ao entardecer de um dia de expectativa fotografou os seus camaradas.

ENTRE DOIS EXERCITOS — Capa do "VU" mostrando uma magnífica fotografia feita por Jean Manzon para ilustrar o reportagem tomada entre os dois exércitos da Espanha. Prêto entre os dois fogos, ele estava presente na Catalunha durante a "dépêche" republicana. Esta expressão foi fotografada por ele nos dias trágicos que se seguiram à ofensiva fascista.

PAUL REYNAUD

REPORTAGE PHOTOGRAPHIQUE "VU" PAR NOTRE ENVOYÉ SPECIAL JEAN MANZONI



VU

DANS CE NUMERO :
Un audacieux reportage de notre envoyé spécial
ENTRE LES ARMES
D'ESPAGNE



O reporter que viu duas guerras

Das aldeias da Catalunha às ruas de Dantzig — Ameaçado por um miliciano e prêso pela Gestapo — Uma vida que é um album de fotografias — Uma conversa com Jean Manzon, o homem que fotografou "Les cinq jours de Paul Reynaud"

E NCONTRAMOS Jean Manzon no bar de seu apartamento, preparando um Martini. Recebeu-nos com um convite para o "drink". Cheios dois cálices de Xerez, e bebidos à saúde de todos, começamos a conversar com o velho reporter de seis lustros, que já viveu mais, nos curtos anos de sua mocidade, que muita gente de cabelos brancos.

Manzon nasceu em Paris. Nasceu em 1915, quando mais aceso era o fogo nas trincheiras de Flandres e de Champagne. A sua vida estava predestinada a ser intensa e febril — uma vida digna deste nome, uma vida realmente vivida. Ninguém poderá agora supor, olhando aquele rapaz de cara redonda e olhos calmos, o que foram a sua vida aventureira e a sua carreira arriscada.

Reporter na verdadeira acepção da palavra, homem feito da mesma argila que serviu de matéria prima para Jack London e John Reed, Manzon nunca fugiu do perigo nem se afastou do desconhecido. Ia sempre aonde o mandava o seu jornal, chovesse ou fizesse sol, houvesse bombardeio ou armistício. Nada o fazia tremer, ninguém era capaz de afastá-lo de seu dever de jornalista. Enfrentava com a fisionomia serena e o coração calmo tudo aquilo que se torna mais temível aos olhos humanos: um avanço das "panzerdivisions" ou um discurso da Académie Française.

Começamos então pelo princípio, a contar a história do reporter Jean Manzon, o homem que viu duas guerras face a face, com todo o seu séquito de horrores e todo o seu desfile de misérias.

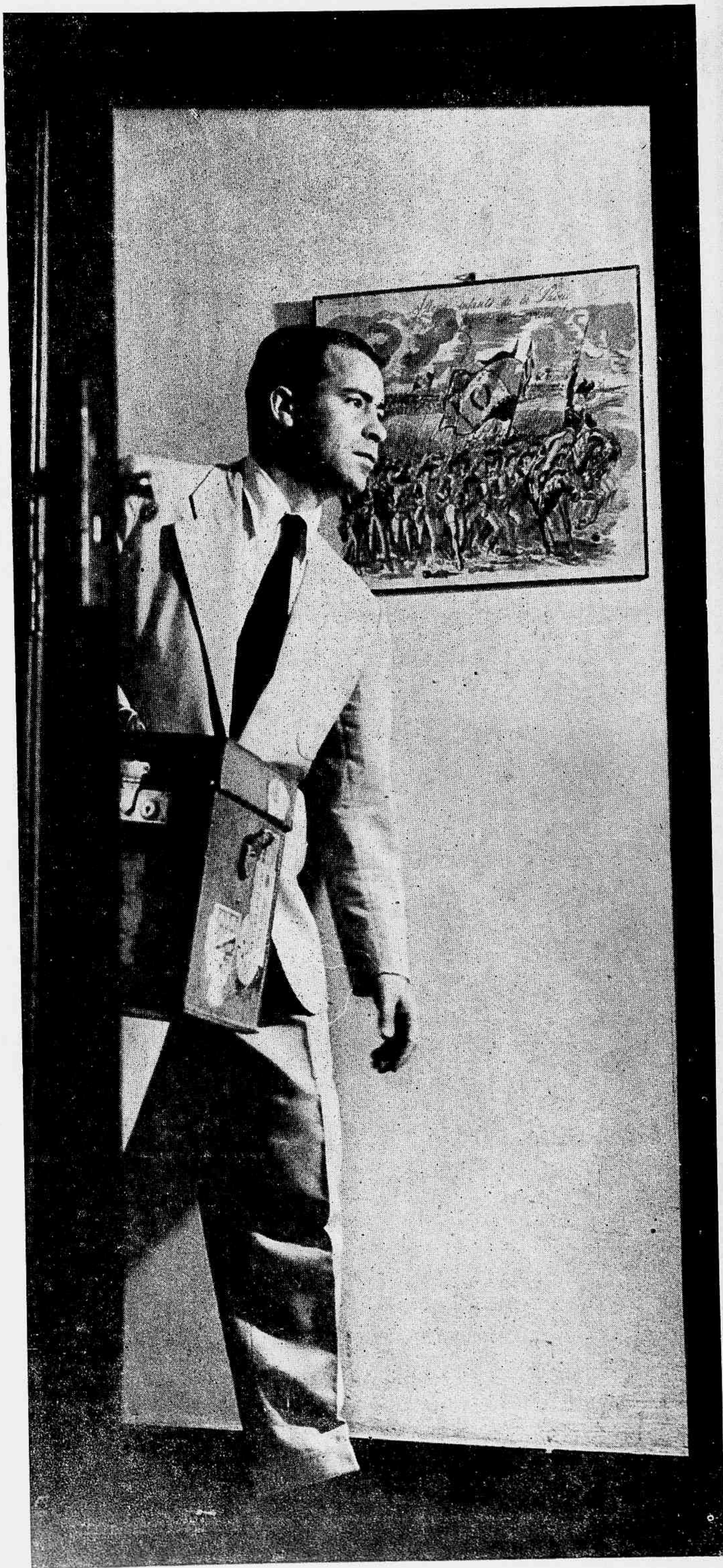
A PRAÇA DO "CARROUSEL" AMANHECEU FLORIDA

Começou por dar o seu nome ao secretário da redação e sendo admitido como "attaché" em "L'Intransigeant". Transferiram-no pouco depois (isto aconteceu em 1934) para a fotografia, onde principiou como auxiliar de laboratório, entregue à magia revolucionária dos sais ácidos, revelando filmes e imprimindo cópias.

Passou a primavera, correram pelo calendário os dias quentes do verão, as tardes nostálgicas do outono e as noites gélidas do inverno. Veio outra primavera. Caiu de sopetão sobre Paris, apanhando surpreendido o pessoal da redação de "L'Intransigeant", que não podia dispor de um fotógrafo para mandar à rua nessa função. E era imprescindível fotografar a Primavera, como se fazia todos os anos.

O secretário pensou, pensou, coçou a cabeça e mandou o rapazinho Jean Manzon fo-

DIA DE SERVIÇO — Jean Manzon deixa o seu apartamento para fazer uma reportagem. Leva consigo a indetectível mala, onde guarda um verdadeiro arsenal fotográfico. Na parede, um desenho colorido reproduz "La Marseillaise".





NOS MONTES DA NORUEGA — Fragmento de Jean Manzon em serviço, tomado nas montanhas da Noruega, quando ele estava destinado para o serviço da marinha da França como cinegrafista do Almirantado. Jean enverga a farda dos marinheiros franceses e traz à sua arma de combate a câmera. A resistência dos milicianos noruegueses foi toda filmada e fotografada pelo grande reporter, que assim tomou parte como correspondente em duas guerras.

tografar as flôres de Paris. Jean saiu à rua. Passeou por todo o centro, correu pelas margens do Sena, rodou três vezes em torno da

praça da Estréla. Deu fé de si em frente ao Louvre, procurando a Primavera. E ela estava ali, junto do seu nariz, sorrindo para ele

O MARINHEIRO JEAN MANZON — Dois instantâneos do marinheiro Jean Manzon, cinegrafista e fotógrafo do Almirantado Francês. A esquerda: durante o mau tempo, enquanto a esquadra cortava a custo as águas tumultuosas da Mancha, o operador é surpreendido em ação por um colega. A direita: numa praia do norte da França, quando fazia parte da tripulação do "Dunkerque", aparece aqui ao lado de um companheiro da Armada. Descalços, com os uniformes arregaçados, nem parece que estão ambos metidos numa guerra, a mais terrível de todas.



com os lábios das rosas vermelhas da praça do Carrousel. Jean meteu o olho no visor e bateu a chapa. Com o apertão no disparador havia traçado o seu destino. Deste minuto em diante ele era o fotógrafo Jean Manzon, e a câmera seria por toda a vida o seu ganha-pão e o seu passaporte.

A VIDA ERRANTE DE UM REPORTER FOTOGRÁFICO

Foi assim que Jean Manzon começou sua vida errante de reporter fotográfico. Durante muitos anos varejou as ruas de Paris, fotografando figuras e ambientes. Subia indistintamente aos setúmos andares do "Quartier Latin" e as salas nobres do "Quai d'Orsay". Criminosos e políticos, teatros e revoluções, bailes e greves passaram pelo celulóide de sua máquina, como passam os dias do calendário comercial para a cesta do escritório. Hoje, espalhadas sobre a mesa, as fotografias de Jean contam histórias tristes e alegres, dolorosas ou pitorescas, mas sempre interessantes. São histórias de uma vida errante, histórias vividas em muitos meridianos, sobre as ondas do canal da Mancha, nas florestas da Renânia, nas ruas de Dantzig, nas minas do Brasil. São histórias de sangue da Catalunha e de Navarra, são histórias de música e de mulheres das noites de Paris, são histórias de trabalho do Vale do Rio Doce, são histórias de dor das aldeias da Noruega. O reporter fotográfico Jean Manzon correu todo o mundo, viu



PREPARANDO-SE PARA O TRABALHO — O trabalho de Jean requer uma longa e laboriosa preparação. Aqui estão dois flagrantes dessa atividade preparatória: À esquerda, o fotógrafo é visto no momento em que acabava de rechear sua inseparável mala. Refletores, "flashes", fios, máquinas, todo um complicado mecanismo encontra-se acumulado aqui dentro. À direita: o reporter dá os últimos retoques no aparelho de sincronização de sua câmera predileta. Pela mesa estão espalhadas velhas fotografias de seus tempos saudosos passados na Europa.

muita gente e viu muitas coisas. Hoje, entre um cálice de Xerez e um cigarro americano, ele conta para um reporter brasileiro as suas memórias. Agora ele nos fala da Espanha. Diante de uma fotografia que nos mostra a retirada das tropas republicanas da Catalunha, perguntamos se também estivera na frente do Norte. Jean puxa do fundo da memória as suas recordações:

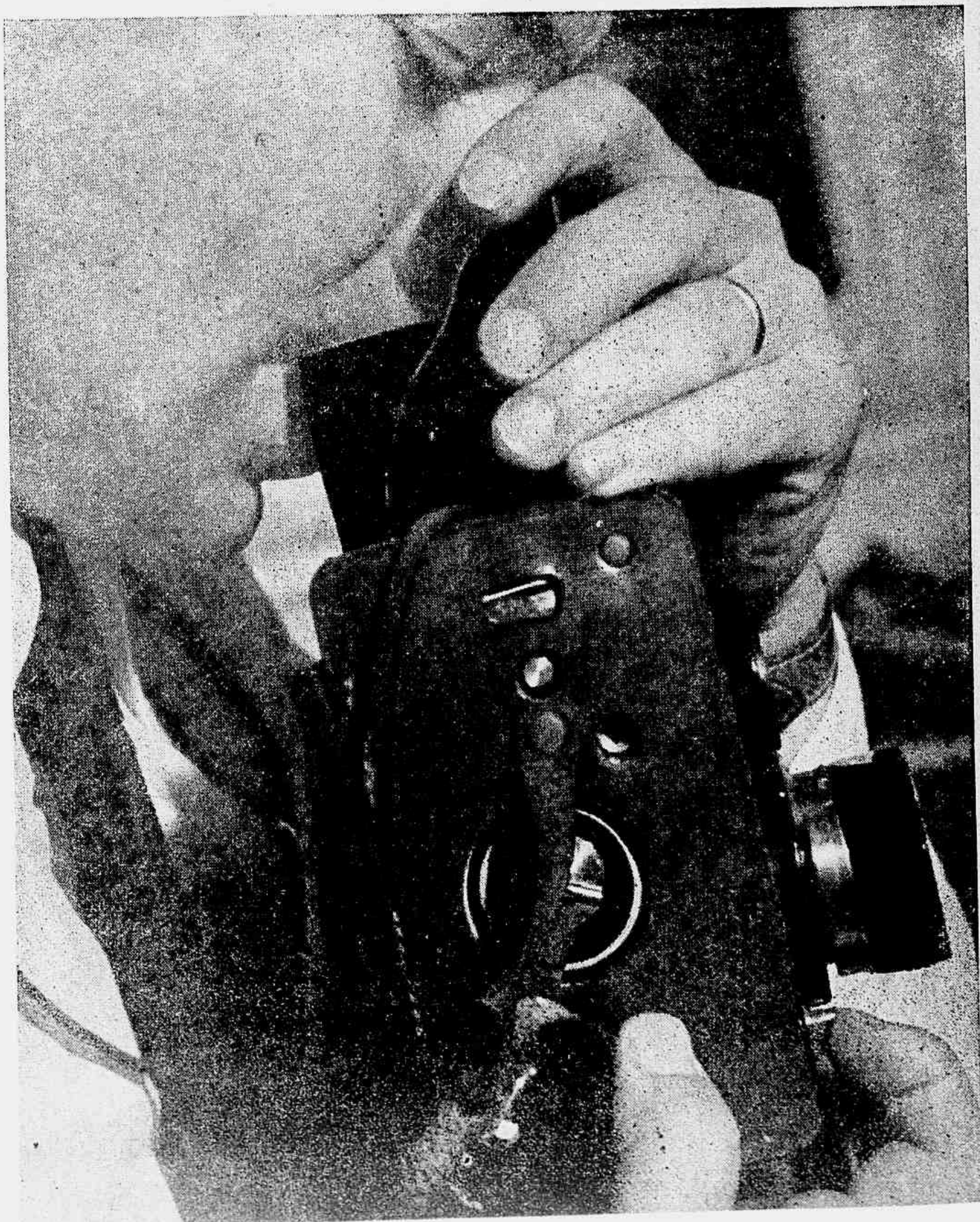
— Estive no norte, estive no centro, estive no sul. Em todos os lugares encontrei o mesmo caos. A miséria, a fome e o terror andavam soltos. Entrei na Espanha a tempo de ver o espetáculo doloroso da "débâcle" legalista. Primeiro vinham os civis, em longas filas pelas estradas enlameadas ou cobertas de pó, deixando pelo caminho os seus mortos, estendendo-se a longa legião dos fugitivos.

O reporter continua a falar. Desfilam pela salinha do apartamento de Copacabana as figuras desoladas do préstito sinistro. As palavras de Jean trazem de longe, das estradas da Espanha ensanguentada, a caravana da miséria e da dor. Ele esteve na Catalunha em 1938 e 39. Contou depois o que viu, apresentando o testemunho de suas chapas aos leitores de "L'Illustration".

Vemos por trás de suas palavras o longo suplício das estradas em ruínas, cobertas de retirantes, que os "Heinkels" ligeiros iam dizimando em rajadas precisas. Jean Manzon viu tudo aquilo e pasmou ante tanta covardia e tanto sangue. Nunca aos olhos experimentados do reporter se apresentara até então um espetáculo de tamanha dramaticidade.

Um dia, entrou no gabinete do comandante de uma brigada republicana. Disse que queria fotografar os aspectos da guerra. O general respondeu que não tinha tempo para cuidar do seu carro. Jean saiu sorridente e declarou ao oficial da sala contígua que o comandante havia mandado dar-lhe condução até Valencia. Prepararam um caminhão e o reporter foi à capital republicana. Voltou à Catalunha, quando mais crítica era a situação para as tropas do Governo. Foi ao tempo do licenciamento das "Brigadas Internacionais". A guerra estava perdida. Em Filguerras, os aviadores nazistas caçavam os civis em vôos razantes, como se caçassem coelhos. O fascismo avançava.

AÇÃO — Aí está uma foto que mostra um detalhe do trabalho de Jean Manzon, muito característico de sua maneira de fotografar. Prende com os dentes uma das lâminas de cobertura do espelho e, com os olhos fixos no visor, comprime o disparador com um apêto de dedo. Ele é hoje o maior artista de seu gênero que exerce no Brasil a espinhosa profissão.





O reporter Jean Manzon estava em pleno centro da ofensiva desencadeada na frente do Ebro. Numa aldeiazinha catalã, viu a retirada das tropas republicanas. Fotografou vários tipos de milicianos. Quando tentava fazer uma chapa, um "internacional" magro se aproximou dele. Em suas palavras fervia o ódio do combatente pelo não combatente. Perguntou ao reporter por que não pegava no fuzil e vez de "brincar" com a máquina. Jean respondeu com um sorriso, pondo os olhos nas duas pistolas-metralhadoras que o soldado trazia a tiracolo. O outro passou cuspidando injúrias; mas quando ele se distraiu, Jean conseguiu o seu retrato.

"ENTRE LES DEUX ARMÉES D'ESPAGNE"

Fugiram todos da pequena aldeia catalã. As famílias, tomadas de pânico, tomaram a direção das fronteiras dos Pireneus. As tropas governamentais em retirada passavam sem parar; os soldados traziam na fisionomia a marca do desânimo e do cansaço de três anos de lutas e de bravura. O lugarejo ficou vazio. Os dois últimos milicianos a deixar a praça dirigiram-se ao mastro que se erguera no principal logradouro. A bandeira da república foi arriada e eles a levaram consigo.

Jean continuou sozinho na aldeia abandonada; porém ela não ficou vazia por muito tempo. Pouco depois chegaram os franquistas. Tropas da Falange, da Legião Estrangeira, camisas negras, capacetes alemães e turbantes brancos dos mouros se confundiam na grande avançada nacionalista. Com o coração impassível, o fotógrafo Jean Manzon pulou sobre um caminhão, mostrando-se inteiro aos primeiros soldados. Fez uma chapa. Dirigiu-se depois a um oficial e pediu para falar ao comandante. Este "não tinha tempo para tratar de seu caso". E Jean foi ficando entre os marroquinos e os legionários, fotografando tipos e cenas.

Rumou depois para a fronteira e conseguiu apanhar vários aspectos da retirada republicana. Os homens eram desarmados e conduzidos ao campo de Toulon, cuja população aumentava de dia para dia. Mulheres e crianças tinham o mesmo destino. A Espanha estava perdida. Jean conseguira, porém, uma grande reportagem, que apareceu em "L'Illustration" sob o título: "Entre des deux armées d'Espagne".

Assim o fotógrafo Jean Manzon foi apresentado ao fascismo.

O MUNDO É UMA BOLA

O homem tem se preocupado muito com a vida e com o mundo desde que o mundo é mundo e o homem é homem. Tales e Anaximandro já haviam revolucionado Mileto com as suas teorias revolucionárias muitos anos antes de Cristo. Vieram as suas palavras correndo através dos séculos, até chegarem ao arrazoado de Copérnico e Galileu. Apesar das fogueiras e dos tribunais sagrados, todos compreenderam afinal que o mundo é mesmo uma bola. Melhor do que ninguém, compreendeu-o Jean Manzon. E resolveu explorar essa "boa bola".

Começou com Paul Reynaud. O célebre político havia se trancado em seu escritório, prometendo sair, daí a cinco dias, com a solução de todos os problemas financeiros da França. Era o primeiro ministro da Fazenda que se atrevia a afirmar tal coisa. Não receberia ninguém durante os "seus cinco dias". Mas Jean Manzon, apesar de tudo, conseguiu fixar vários flagrantes desse famoso período da vida do financista. Findaram-se os cinco

"CHEZ" JEAN MANZON — Foi em casa de Jean Manzon que foi feita a primeira reportagem sobre o Xerez e a vida da Espanha. Aqui está o grande reporter servindo o Xerez em uma casa de Xerez, com o bar, com as pistolas-metralhadoras e as armas onde apareciam

dias, Reynaud voltou à vida. Mas as finanças continuaram na mesma. Manzon cada vez mais se convenciu de que o mundo era mesmo uma bola.

Pouco tempo depois um submarino inglês naufragou junto às costas da Grã-Bretanha. Mandado por "L'Illustration", Jean conseguiu outra reportagem sensacional. Noventa ou cem homens estavam presos no bôjo do submersível. Quando a maré baixava a pôpa aparecia inclinada, elevando-se mais de três metros acima d'água. Bastaria uma brecha na couraça para que se lograsse o salvamento daqueles infelizes. Mas o Almirantado preferiu salvar o submarino. E todos os seus tripulantes pereceram. Jean voltou à França com a reportagem.

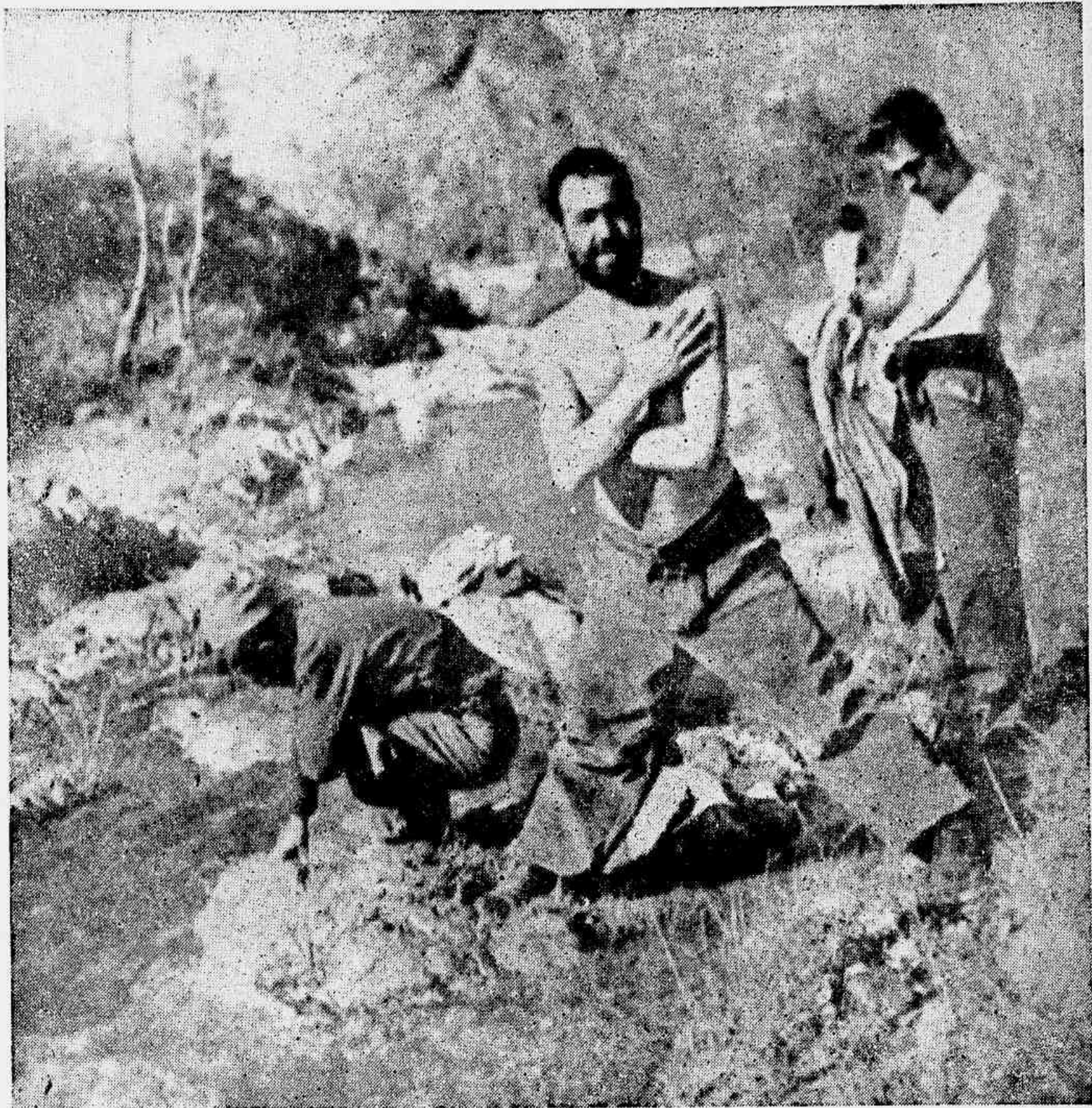
Não há dúvida: o mundo é uma bola...

COM A GESTAPO NÃO SE BRINCA

Sentados no bar da casa de Manzon, continuamos a ouvir as suas histórias de viagens e aventuras. O fotógrafo enche o cálice, torna a esvaziá-lo e prossegue:

— Um dos piores pedaços de minha vida eu o passei em Dantzig. Fui lá a mandado do "Paris Soir", logo que começaram os rumores de invasão. Mal desembarquei percebi que a cidade já estava ocupada pelos nazistas. Por toda parte se encontravam os turistas alemães. O ambiente estava carregado. Eu sabia que a paz de Munich não seria duradoura. Pouco depois da capitulação de Chamberlain e Daladier, eu conseguira fotografar uma reunião dos armamentistas internacionais. Vira reunidos na mesma sala chefes do "Comité de Forges" e das fábricas Krupp. Sabia que aquele "trust" da morte tramava alguma coisa no escuro. As duzentas famílias planejavam a venda da França. Portanto não me surpreendeu muito a situação de Dantzig.

Desembarquei e fui para o hotel com os meus apetrechos de fotógrafo. Mal cheguei, um jornalista suíço me avisou do perigo que corria. O seu quarto havia sido "visitado" de noite. Roubaram-lhe todo o material fotográfico e inutilizaram as chapas feitas. Apesar do aviso comeci a trabalhar, com muita discreção e cuidado. Mas a Gestapo estava de olho aberto. Dormia com cadeiras atrás das portas, e nunca abandonava a câmera e as lâmpadas. Apesar de todas essas precauções, fui prêso pela polícia secreta alemã. Os "turistas" me interrogaram demoradamente.



OS FRANQUISTAS PROCURAM LIMPAR-SE — No momento de descanso, durante a ofensiva do Exército do Norte, soldados franquistas procuram limpar-se com a água de um pequeno afluente do Ebro. Estão semi-nus, o que torna difícil a identificação de sua procedência. Vê-se porém, em volta da cintura do da direita, a faixa negra da Legião Estrangeira.

Mas, como ainda não haviam tomado posse da cidade oficialmente, não se atreveram a meter as mãos nos meus bolsos. Consegui assim salvar os meus filmes.

DO OUTRO LADO DO RENO

Jean Manzon acende um cigarro, vai a uma estante, retira algumas fotografias. Passamos em revista aquele material. Diante de uma reprodução nítida e artística, que mostra um conjunto forte de luzes entre um rio e uma floresta, êle explica:

— Isto pode parecer uma usina elétrica,

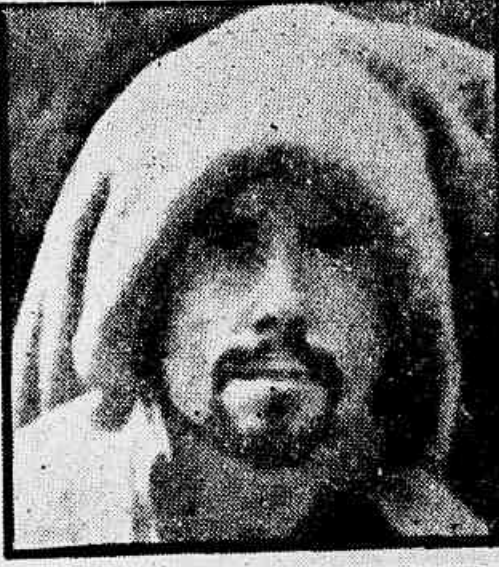
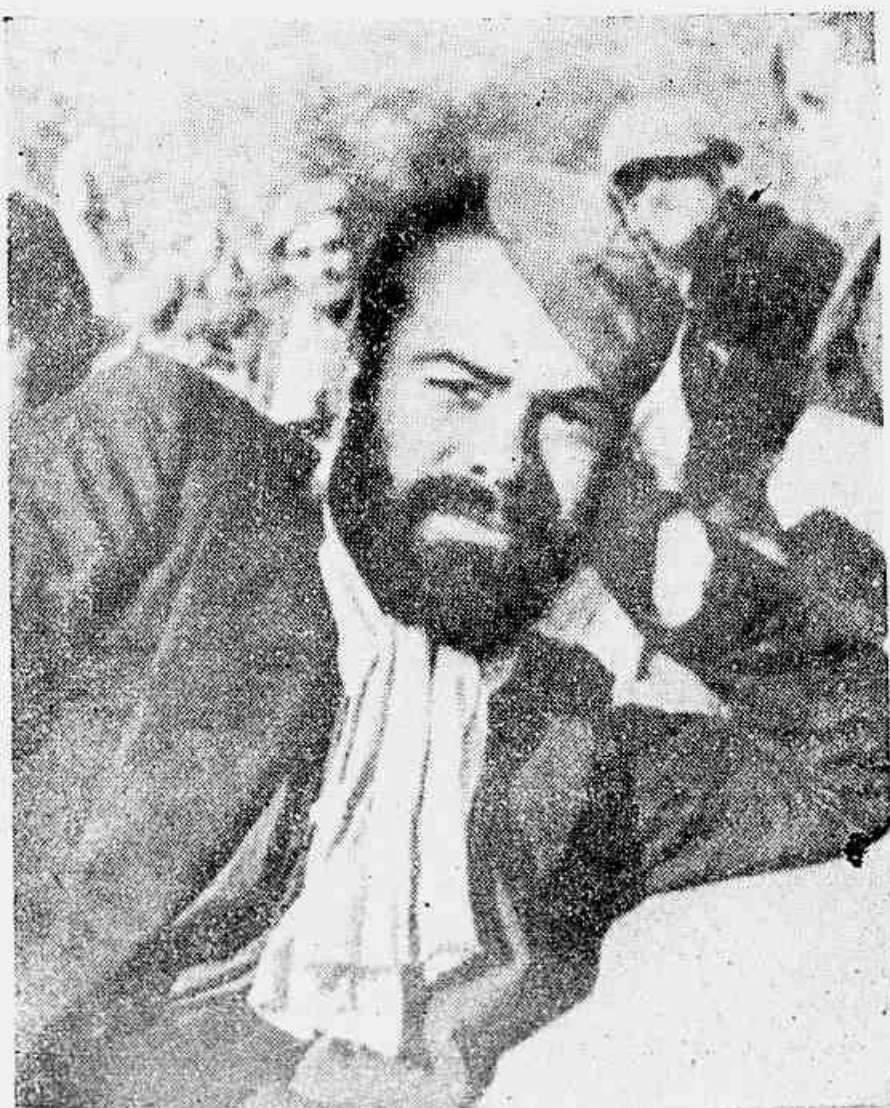
mas é outra coisa muito diversa: ali — continua apontando as luzes — era a linha Siegfried. Fotografei os trabalhos de edificação do lado francês do Reno. Saiu a reportagem como um aviso às nossas autoridades. Mas ninguém deu importância a ela.

Agora Jean Manzon mostra-nos outra fotografia:

— Isto é a célebre ponte sobre o Reno, que dá acesso à França. A quinta coluna impediu que ela fôsse dinamitada quando os alemães avançaram.

— E você ainda estava na França no tempo da invasão?

OS ÚLTIMOS DIAS DA REPÚBLICA — Fotos feitas por Jean Manzon em Filgueras, durante os últimos dias da República Espanhola. A esquerda, uma foto que apareceu em uma revista parisiense, com a legenda: "Sancho Pança em repouso". A direita, seis expressões de soldados republicanos: um oficial do exército regular, quatro milicianos espanhóis e um terrível internacionalista que ameaçou o reporter quando este fez a chapa que aqui aparece.





— Não. Quando arrebentou a guerra fui convocado para a marinha. Servi como fotógrafo e cinegrafista do Almirantado. Estive em muitos lugares com a Armada. Esta foto, por exemplo — e Jean mostra-nos outro positivo — foi feita na Noruega, quando desembarcamos em Narvik.

Reparamos no retrato. Lá está o reporter metido numa farda de marinheiro francês, com o "pom-pom" do gorro agitado pelo vento frio da Escandinávia. Sentado na neve, entre os pinheiros de uma montanha norueguesa, Jean coloca um filme na câmara. Um soldado está municiando a sua arma.

O nosso entrevistado retoma a palavra: — Da Noruega voltei à França. Veio a invasão. O meu navio era então o "Dunkerque". Ocupada a França, essa unidade rumou para a Inglaterra. Fui desmobilizado. Deixei a Europa.

E A VIDA CONTINUA

— E você veio ter ao Brasil chamado por alguém, ou simplesmente trazido pelo destino?

— Nem chamado nem trazido. Vim de passagem. Acontece, porém, que muitas vezes dá certo aquele ditado: "O homem põe e Deus dispõe. E Deus dispõe. Passei pelo Brasil rumo à Argentina, onde pretendia passar algum tempo. Aqui, porém, tive propostas de trabalho e fui ficando. As coisas do Brasil me seduziram.

Acostumados ao marasmo monótono da vida brasileira, não pudemos deixar de estranhar que um reporter viajado como Manzoni se deixasse seduzir pelas nossas coisas. Ele explica:

— Aqui há muito que ver. Naturalmente, depois que desembarquei ainda não houve guerras no Brasil. Mas vocês têm tesouros. Favelas, macumbas, carnaval, tudo isto é interessante. Além do mais, a camaradagem aqui é maior.

— Não compreendemos...

— É fácil de compreender. Na França, por exemplo, você acha que poderia fazer uma reportagem em torno de minha pessoa? Não, meu velho. Se trabalhássemos lá, você só pensaria em me "furar", e eu estaria sempre alerta para retribuir-lhe a deferência. Lá é assim. O "furo" tem um valor inacreditável. Um reporter é sempre um concorrente feroz do outro reporter. Cada "furo" corresponde a uma glória. E a cada glória de um reporter corresponde a demissão de outro. Aqui, não. Existe entre a turma da imprensa uma espécie de camaradagem que não se vê por lá. Assim é a América. E eu gosto dela.

Deixámos a residência de Jean Manzoni. Na mesa larga ficaram as suas velhas fotografias, espalhadas em desarranjo. Páginas de um calendário perdido entre guerras e manobras políticas, memórias de um homem que viveu a epopéia de muitos combates e grandes lutas.

Lá ficou ele, no seu apartamento de Copacabana, colocando na pasta as suas recordações de reporter internacional.

A vida, diz Monteiro Lobato, é como um livro aberto. Há vidas que são insípidas como um livro de conta-corrente — vidas de velhos comerciantes que comeram, dormiram e trabalharam por trás do balcão encardido. As vidas dos soldados são como epopéias sublimes. Sim, o velho Lobato tem razão. A vida é um livro aberto. E a vida de Jean Manzoni é um livro mais interessante e expressivo: um álbum de fotografias da própria vida, colhidas durante anos, nos pontos mais remotos dos cinco continentes e dos sete mares.

RECORDAÇÕES — Recortes de páginas e capas de jornais e revistas de Paris, onde aparecem trabalhos do grande fotógrafo de atualidades Jean Manzoni. Onde havia qualquer coisa digna de ser fotografada, lá estava ele cumprindo a sua missão. Foi assim que participou dos maiores acontecimentos do século XX.



Há pouco tempo o destino incerto de reporter levou Jean Manzon no bôjo de um avião, através da cerração dos Andes, até a cidade de Santiago. Ali ele conheceu uma môça, casou-se com ela. Voltou ao Brasil. Aqui está Jean tomando um "close-up" de sua senhora, durante um momento de folga. Ele se distrai fazendo fotografias, como um ferreiro que brincasse na bigorna nas horas de lazer.

Os grandes concursos literários da "Revista da Semana"

CONTINUA REGISTRANDO FRANCO SUCESSO O "PRÊMIO AURELIANO MACHADO" — GRANDE QUANTIDADE DE ORIGINAIS DESTINADOS À SEGUNDA APURAÇÃO. — O CONCURSO DE PEÇAS DE TEATRO

Continuam a alcançar pleno sucesso em todos os meios literário do País os três grandes concursos estabelecidos pela REVISTA DA SEMANA, com o principal objetivo de incentivar os valores novos e premiar as verdadeiras vocações. Tanto o concurso de contos como o de romances e de peças teatrais têm atraído a atenção de quantos, desejosos de se iniciarem na literatura, nunca antes encontraram uma oportunidade análoga, que lhes abrisse de par em par as portas da popularidade.

O nosso concurso permanente de contos, que tem como patrono o saudoso jornalista Aureliano Machado, que durante muitos anos dirigiu a REVISTA DA SEMANA e a quem a pioneira das publicações ilustradas brasileiras deve em grande parte o prestígio de que hoje goza no conceito público, tem sido uma oportunidade da qual se valeram muitos jovens para se fazerem lidos. A primeira apuração desse certame, que tem caráter permanente, foi mais uma vitória para o já grande cartel de nosso semanário. Agora, começam a nos chegar às mãos os

originais de contos destinados à segunda seleção, a ter lugar no dia 2 de janeiro de 1946, na redação da REVISTA DA SEMANA.

O "Prêmio Apolônia Pinto" tem sido também outro motivo de grande interesse por parte dos intelectuais novos, que vêem nesse magnífico certame, que lhes faculta a quantia de Cr\$ 10.000,00 em sua estréia, um justo prêmio ao seu labor e à sua inteligência.

Assim como os outros, o concurso de romances. Dando aos novos uma magnífica oportunidade de lançar o seu livro de estréia, o "Prêmio REVISTA DA SEMANA" é um grande estímulo a quantos queiram se iniciar na difícil e espinhosa carreira de romancista.

Esses concursos são mais um motivo de orgulho para nós, porquanto vemos hoje que eles alcançaram plenamente os seus objetivos, e foram compreendidos por todos os nossos leitores os nossos intentos e o nosso trabalho.

BASES DO CONCURSO PERMANENTE DE CONTOS

(2.ª apuração)

"PRÊMIO AURELIANO MACHADO"

De três em três meses, seleção de doze contos literários, que serão publicados nas páginas da REVISTA — Temas de preferência brasileiros mas também generalizados — Uma oportunidade para os novos — Cr\$ 100,00 para o autor de cada conto publicado

- 1) O prazo para o segundo concurso será de 90 dias, expirando, portanto, a 31 de dezembro.
- 2) Os originais deverão vir datilografados em espaço dois, em folhas de papel formato ofício, num mínimo de três e máximo de cinco páginas.
- 3) O assunto dos contos ficará a critério e escolha do autor, exigindo-se, todavia, enredo, estilo e unidade de ação no relato da história, podendo inscrever-se autores inéditos ou já publicados.
- 4) Os originais devem ser enviados com todos os esclarecimentos do autor — nome, endereço, etc. — para Celestino Silveira, Redator-Secretário da REVISTA DA SEMANA — Rua Visconde de Maranguape 15, Rio de Janeiro.
- 5) A seleção dos 12 contos, uma vez terminada o prazo de segundo trimestre, será feita pela redação da REVISTA DA SEMANA. Os originais premiados serão publicados durante os três meses seguintes.
- 6) Cada conto premiado, uma vez publicado, facultará ao seu autor o recebimento de Cr\$ 100,00 (cem cruzeiros), pagos na administração da REVISTA.
- 7) Os contos ficarão de propriedade dos autores, a quem é facultado o direito, posteriormente, de publicá-los onde entenderem; todavia, compreende-se que só serão aceitos originais inéditos.
- 8) Os autores poderão usar pseudônimo, se assim desejarem.
- 9) O Concurso Permanente de Contos terá como patrono o antigo diretor da REVISTA DA SEMANA e demais publicações da Companhia Editora Americana, o saudoso jornalista Aureliano Machado.
- 10) Automaticamente, em 2 de janeiro de 1946, será iniciado o 3.º Concurso de Contos, que terá assim, sempre, etapas de três em três meses, de modo a ser publicado semanalmente e com regularidade um conto premiado.
- 11) Não serão devolvidos os originais, premiados ou não.

AVISO IMPORTANTE

Pedimos às pessoas que queiram concorrer à segunda apuração do nosso concurso de contos, o obséquio de, quando trouzerem pessoalmente os seus originais, entregá-los diretamente ao sr. Celestino Silveira, ou a um redator desta Revista, na sede da mesma, à rua Visconde de Maranguape, 15 — 1.º andar, afim de evitar possíveis extravios.

CONCURSO DE PEÇAS DE TEATRO

"PRÊMIO APOLÔNIA PINTO"

Cr\$ 10.000,00 para o primeiro classificado, oferta do Clube Ginástico Português — Representação das peças colocadas em 2.º e 3.º lugares pela Escola Dramática da mesma instituição — As peças continuarão pertencendo exclusivamente aos autores

- 1) Fica instituído o Concurso de Peças de Teatro, para a conquista do "Prêmio Apolônia Pinto", promovido pela REVISTA DA SEMANA e sob o patronato do Clube Ginástico

Português, podendo ao mesmo concorrer todos os escritores brasileiros quer tenham ou não peças representadas.

- 2) O concurso será encerrado impreterivelmente dia 30 de novembro do corrente ano, de modo a ser conhecido o resultado em dezembro.
- 3) Os concorrentes terão liberdade ampla de elaboração de seus trabalhos quanto aos temas e ao gênero, devendo, no entanto, a peça premiada ter mérito literário, qualidades cênicas e tempo de representação mínimo de duas e máximo de três horas.
- 4) O Clube Ginástico Português fica com a prioridade de representar a peça premiada, pelo conjunto de amadores de sua Escola Dramática, dentro de seis meses a contar da apuração do concurso.
- 5) O autor da peça premiada terá liberdade de fazer representar o seu trabalho em qualquer teatro do País, logo após as suas representações pela Escola Dramática do Clube Ginástico, ou, em caso contrário, a contar dos seis meses acima citados.
- 6) Em qualquer caso o Clube Ginástico Português terá sempre o direito de representar a peça premiada quando o julgar conveniente.
- 7) O Clube Ginástico institui um prêmio de Cr\$ 10.000,00 (dez mil cruzeiros) para a peça escolhida pela Comissão Julgadora, constituída por um representante da REVISTA DA SEMANA, um do Clube Ginástico Português, um da Associação Brasileira de Críticos Teatrais, um da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais e um da Casa dos Artistas.
- 8) Fica expressamente proibido a qualquer dos membros componentes da Comissão julgadora participar do concurso.
- 9) Todos os originais de peças devem ser diretamente remetidos a Celestino Silveira, Redator-Secretário da REVISTA DA SEMANA, Rua Visconde de Maranguape 15, Rio de Janeiro.
- 10) Além da peça colocada em primeiro lugar, o Clube Ginástico Português fará representar pela sua Escola Dramática os originais classificados em 2.º e 3.º lugares, pagando aos autores os direitos da praxe, bem como outros originais que julgar interessantes para esse fim.

A COMISSÃO JULGADORA DO "PRÊMIO APOLÔNIA PINTO"

A comissão julgadora do nosso concurso de peças teatrais está composta dos seguintes membros: Celestino Silveira, representando a REVISTA DA SEMANA; Joracy Camargo, da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais; Daniel Rocha, do Clube Ginástico Português; Bandeira Duarte, como representante da Associação Brasileira de Críticos Teatrais, e Floriano Faissal, pela Casa dos Artistas.

CONCURSO DE ROMANCES

"PRÊMIO REVISTA DA SEMANA"

- 1) Poderá concorrer ao "Prêmio REVISTA DA SEMANA", instituído para o melhor romance que nos for apresentado, qualquer escritor brasileiro nato.
- 2) Os originais que nos forem remetidos deverão obedecer às seguintes normas:
 - a) serem absolutamente inéditos;
 - b) consistirem de cento e cinquenta laudas de papel formato ofício, datilografadas em espaço dois, no mínimo, e de duzentas e cinquenta laudas idênticas, no máximo.
- 3) Respeitadas as condições do 1.º item, fica entretanto entendido que os temas podem obedecer a qualquer motivo, nacional ou não.
- 4) Os trabalhos serão julgados por uma comissão composta por um representante da REVISTA DA SEMANA, um romancista e um crítico literário.
- 5) Deverão vir acompanhando os originais o nome, pseudônimo e endereço do autor.
- 6) O trabalho que obtiver primeiro lugar será premiado com uma medalha de ouro e um diploma honorífico, e que facilitará ao seu autor a edição da obra. A REVISTA DA SEMANA se encarregará ainda da propaganda do lançamento do romance.
- 7) A entrega de originais será encerrada definitivamente a 30 de novembro de 1945.

Nem ele mesmo saberia explicar o motivo daquela açã^o...

O espelho

Conto de MARGERY SHARP

TALVEZ fôsse a guerra, novamente. Talvez, também, a solidão. Alan estava de licença. Sabia disso, porém o rapaz não avisara a família. Ficara em Londres. Como êle, havia muito tempo. A guerra... Brock lembrou 1914 e as vezes que êle, igualmente, não dizia aos pais que estava de licença. E ficava em Londres, divertindo-se. Era a vez do filho. Na verdade, se não fôsse êle ter, por acaso, vindo a Londres, nunca saberia que Alan preferia passar dois dias em Londres a ir visitar a família. Como êle, havia muito tempo, em 1914. ...A guerra...

Realmente, não poderia explicar por que convidara aquela môça. Ela dizia chamar-se Sylvia, usava muita pintura e conversava em voz muito alta. Chamava-o benzinho... E Brock sentia que, de certo modo, estava fazendo um papel ridículo. Um velho acompanhando uma môça bonita. Era fácil perceber que ela estava ali com êle para ganhar o seu dia. Um bom jantar, vinho de primeira qualidade, e poderia compensar tudo com um sorriso, talvez um beijo paternal ao despedir-se. Por que fizera aquilo? Por que convidara aquela môça? Talvez a culpa fôsse de Alan. Soubera que o filho estava ali perto e não viera vê-lo. Sentira-se sozinho, tão sozinho naquele meio agitado. A môça parecia-se com uma que êle conhecera nos velhos tempos. Em 1914... Como o tempo passara! Já não era mais a mesma coisa. Antes era o moço que vinha de licença, cheio de vida, olhando as mulheres que há muito não via. Agora... Sentia-se, sobretudo, cansado.

— Que há, benzinho?

Êle não respondeu. Uma mulher alta tomou o microfone e começou a cantar muito alto. A orquestra era ensurdecadora. Brock desejava voltar para casa, para o seu sossego... O tempo...

— Alan!

De repente, êle viu o filho. Lá estava êle, rindo muito, com uma mulher muito pintada. Brock lançou um olhar para Sylvia. Da mesma espécie. Somente uma diferença. Já fôra o rapaz novo com quem elas brincam. Agora era o velho, que pagava as contas. Ela teria outro, com certeza, para divertir-se.

Levantou-se bruscamente.

— Alan!

O rapaz voltou-se.

— Papai!

Como fazê-lo compreender?

— Papai!

— Não me apresenta?

— Miss... Miss...

— Linda Doyle — completou a mulher.

— Miss Linda Doyle... Meu pai.

A mulher deu uma risada escandalosa.

— Focinho de um cara do outro.

Depois, virando-se para Alan:

— Focinho bonitinho.

Brock notou o constrangimento do rapaz.

— Alan, preciso falar com você.

Alan levantou-se imediatamente.

— Com licença.

— Tem tôda — disse Linda.

Diante do filho, Brock não sabia como começar.

— Alan, eu...

Nunca conseguiria explicar.

— Estava sozinho. Não tinha ninguém... Resolvi sair... Há uma mulher que...

O rapaz olhou para êle com surpresa.

— O senhor arranjou alguma encrenca?

— Meu filho... eu estava sozinho...

Êle sentiu que Alan compreendera. O filho deu-lhe um olhar que o encheu de alegria. Havia surpresa e ternura naquele olhar. Um olhar afetuoso, de amigo compreensivo. Brock agarrou na manga do rapaz.

— Não se preocupe, meu filho. Eu me livro dela.

Alan sorriu.

— Vamos tratar disso.

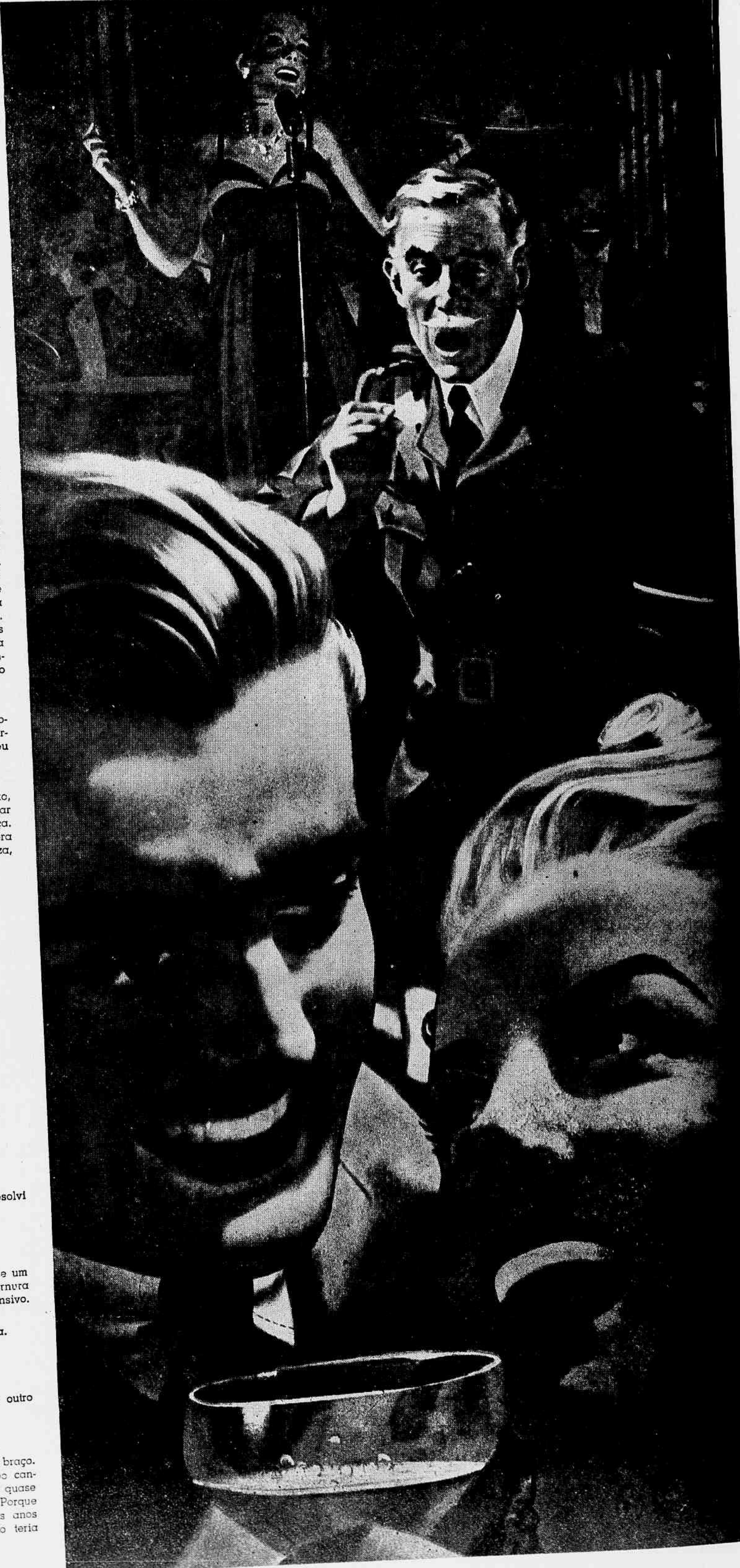
Voltou-se para Linda e disse:

— Sinto muito, meu bem. A farrinha fica para outro dia. Vamos? — disse, depois, ao pai.

— Mas... Mas...

— Deixe-a aí. Ela há de encontrar outra coisa.

Na rua, a caminho de casa, o rapaz tomou-lhe o braço. Caminhava a passos rápidos, elásticos, que o corpo cansado de Brock tinha dificuldade em seguir. Estava quase ofegante, com a caminhada, mas feliz, muito feliz. Porque ali, ao lado dele, estava êle mesmo, eu há muitos anos atrás... Apoiou-se no rapaz, e se não fôsse feio teria chorado.





AQUI ESTÁ O DESERTO ONDE EXISTIU HIROSHIMA

H.G. Wells e a bomba atômica

A energia elétrica lançada dentro do núcleo atômico do urânio, pondo em liberdade a energia concentrada dos neutrons, provocou o aparecimento da mais terrível arma até então imaginada pelo gênio humano. Criada a era do bombardeamento atômico, o mundo passou a viver a idade atômica, uma nova era de indecisões e incertezas. Alguns mostram-se otimistas, quanto à grande descoberta; mas entre esses não está o célebre pensador inglês H. G. Wells, cujo artigo publicado no "Sunday Express", de Londres, publicamos abaixo.

LONDRES, 21 (Por H. G. Wells, escrito para o "Sunday Express", de Londres, e distribuído pelo International News Service) — O fim de tudo o que chamamos vida se encontra muito próximo e não pode ser evitado. Este mundo se encontra no fim da sua carreira. A gente está descobrindo que algo terrível e raro surgiu na vida. Mesmo os menos observadores de vez em quando sentem-se abalados, perscrutam-se acerca do sentimento fugaz que os assalta, de que algo está acontecendo e que a vida jamais voltará a ser o mesmo que era antes. Caso se examine com visão panorâmica o quadro que oferecem os acontecimentos, defrontamo-nos frente a frente com um novo modo de vida, até então não imaginado pela inteligência humana. Esta nova fachada fria e deslumbradora deixa num estado de estonteamento a inteligência humana. Todavia, é tal a vitalidade e a obstinação dos espíritos humanos que, em sua condição de insaciável, ainda sentem o impulso filosófico de pesquisa, sob esta fria premência, de alguma forma segura de sair desta situação.

E NÃO HA SOLUÇÃO

Estou convencido de que não existe saída para esta situação. Até agora os acontecimentos mantiveram uma certa coesão e uma certa consistência lógica, do mesmo modo que os corpos celestes tais como os conhecemos se mantêm no espaço suspensos pela força do fio de ouro da gravidade. Agora, parece como se esse fio tivesse desaparecido e tudo se tivesse precipitado de qualquer forma em direção a qualquer parte, com velocidade constantemente acelerada. O limite do desenvolvimento ordenado e secular da vida parecia estar fixado de modo definitivo pelo qual um elemento qualquer poderia traçar o esboço do que poderia vir. Mas já se chegou a esse limite e se ultrapassou um caos até agora incrível.

NINGUÉM SABE O QUE TRARÁ O DIA DE AMANHÃ

Quanto mais medito sobre as realidades que nos rodeiam, mais difícil me parece traçar um esboço do futuro. Aboliu-se a distância e os acontecimentos ocorrem praticamente de forma simultânea em todo o planeta. A vida tem que se adaptar a isso, e com a apresentação de um tal "ultimatum" o esboço do futuro se desvanece totalmente. Os acontecimentos se sucedem uns aos outros, atualmente, numa sequência não sujeita a lógica alguma.

Ninguém sabe o que o dia de amanhã trará, mas ninguém, a não ser o moderno filósofo cientista, pode aceitar plenamente esta falta de lógica. Mesmo no seu caso, esta sequência ilógica não influi no seu comportamento normal de todos os dias. Seu comportamento é o mesmo da multidão normal. A única diferença é que traz consigo a dura convicção de que o fim de toda a vida se encontra próximo.

CAMINHO RAPIDO PARA O VÓRTICE

O observador situado em alguma parte remota do cosmo e completamente alheio a nós pensará que compreendemos a impossibilidade de contra-atacar essa força e que a extinção se produzirá na forma de um raio, numa sacudidela brutal. Essa sacudidela não se produz como um raio. Essa sacudidela se produz em parte hoje e em parte na semana seguinte. Quanto aos demais, ficam a se interrogar sobre o que virá depois. Talvez estejamos enlouquecendo, aproximando-nos com a maior rapidez do vórtice da extinção, mas o ignoramos. Para os que não morrerem haverá sempre um amanhã neste nosso mundo que, por muito que se transformem as coisas, a ele sempre nos acostumaremos e o aceitaremos como normal. Até agora a repetição parecia uma das leis primárias da vida. As noites seguiam-se aos dias e os dias às noites. Mas, nesta estranha fase da nova existência pela qual passa o universo, torna-se evidente que os acontecimentos já não se repetem. Seguem na sua marcha para diante, precipitando-se no mistério impenetrável da sombra sem limites e sem voz, contra a qual esta obstinada premência de nossos espíritos não satisfeitos pode lutar, mas contra a qual lutará só até ficar totalmente vencida.

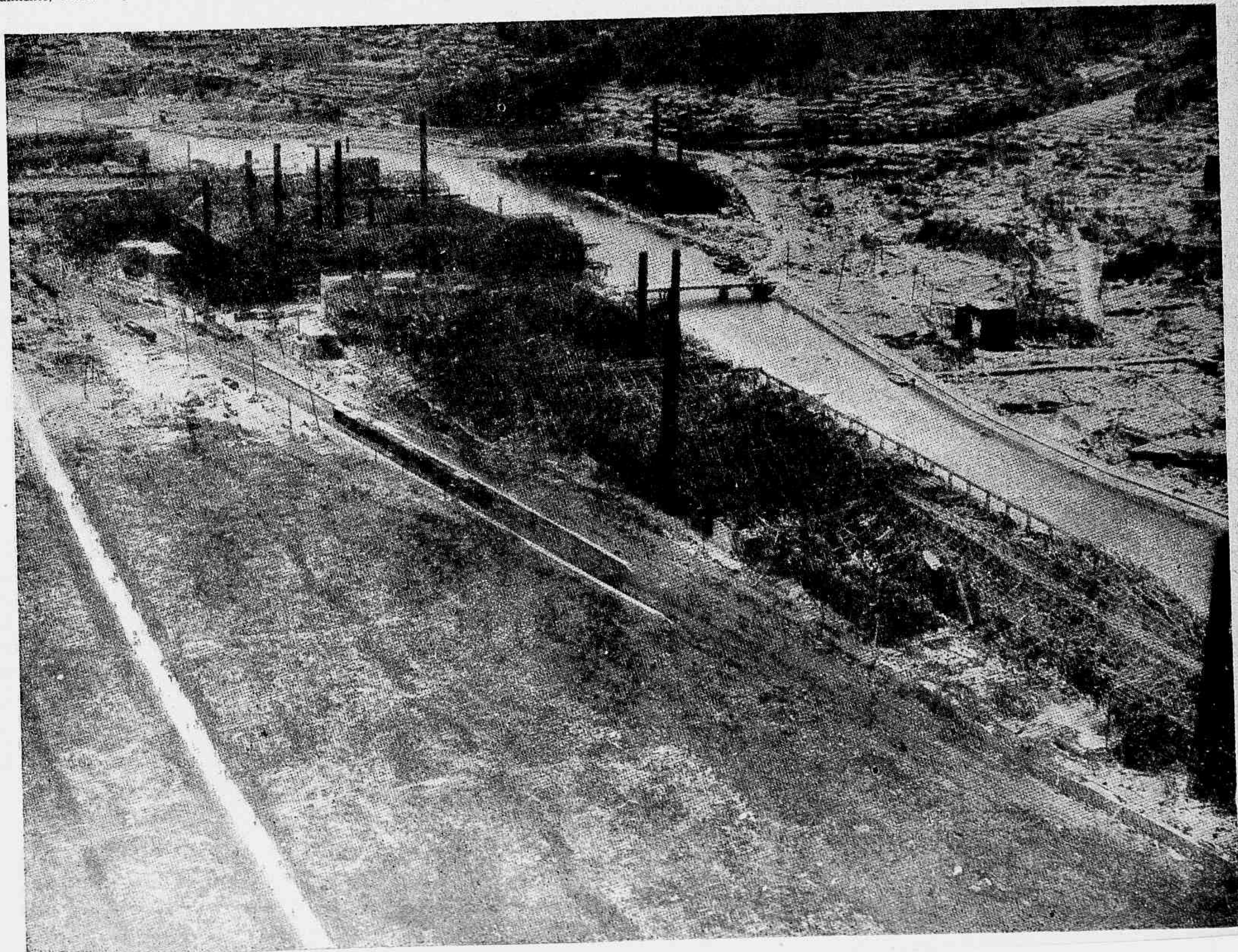
ÚLTIMOS ESFORÇOS DA AGONIA

Nosso mundo, em sua auto-miragem, não admitirá nada disso. E' como um combóio perdido na escuridão de uma costa desconhecida e cheia de recifes, dirigido por piratas que discutem e clamam, enquanto o navio sossobra e eles saqueiam e dirigem a nau a seus caprichos. O espírito humano nos limites do esgotamento ainda faz o seu último esforço inútil para buscar a saída, para fugir ou sair do círculo vicioso. E' isso quase a única coisa que o espírito pode fazer. E estes são os seus últimos esforços de agonia, que mostram a morte que para nós se fechou para sempre. Não existe forma de sair, fugir ou atravessar a situação.



NUVEM ATÔMICA — Uma vez bombardeado o núcleo atômico do urânio, toda a energia concentrada se dispersa, intervindo nos átomos dos corpos postos em seu raio de ação. A própria estrutura dos elementos é modificada e sobe para o céu uma nuvem poderosa dessa tremenda energia concentrada. (Foto feita em Nagasaki.)

CEMITÉRIO DE EDIFÍCIOS — A possibilidade do bombardeamento dos eletrons de urânio, deu aos americanos a posse da maior força ativa jamais sonhada por nenhum exército. Explodindo sobre Nagasaki, a segunda bomba atômica varreu um raio de mais de dez quilômetros, pulverizando edifícios e sublimando metais. Transformados numa nuvem de vapor, fábricas e estaleiros voaram pelos ares, numa concentração de energia nuclear liberta. Aqui aparece um aspecto da cidade depois do bombardeio — um verdadeiro cemitério de edifícios.





HIROSHIMA, UM TUMULO — Aí está o aspecto desolador que apresenta a comunidade japonesa de Hiroshima, após o lançamento da primeira bomba atômica. Por toda a parte destruição e morte. Corpos humanos, veículos e edificações transformaram-se em gases incandescentes subindo em nuvens. Nada perdeu o poder incomensurável da energia nuclear em liberdade. Os homens saberão lançar mão da energia atômica como fonte terapêutica, ou permanecerão na loucura de empregá-la como arma de guerra? Wells mostra-se pessimista. Que o futuro o desminta ou, do contrário, que Deus se compadeça de nossas almas.

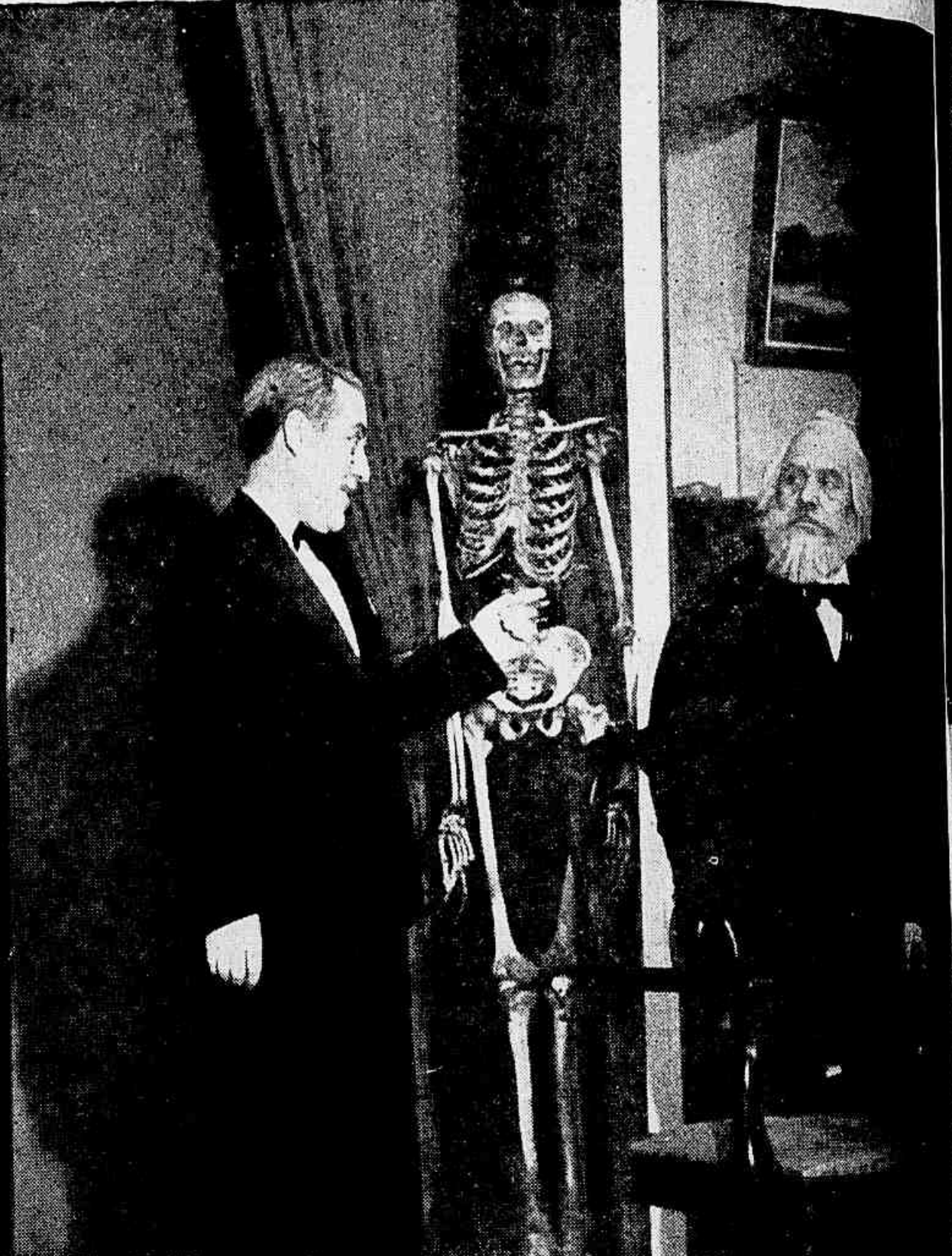
FERROS RETORCIDOS... — Eis o que sobrou de Hiroshima. A subida da nuvem de vapor ocasionou um deslocamento de ar igual ao provocado por um bombardeio de cem aviões pesados. E o movimento atmosférico produziu ruínas aonde não chegou o poder desagregador dos íons dos átomos de urânio bombardeados.

JÁ NADA VIVE EM HIROSHIMA — A vida animal foi banida do lugar por onde passaram os neutrons libertos de urânio. As árvores se desfolharam, os telhados se despiram, tudo se reduziu a ruínas e escombros. Hoje, podemos afirmar que já nada vive em Hiroshima, a primeira cidade a sofrer um bombardeio atômico.





**EM REGIÃO MAIS DISTANTE DA CIDADE DE HIROSHIMA
O ASPECTO FOI DESOLADOR. UM ÔNIBUS JAPONÊS FICOU
REDUZIDO A ÊSSES ESCOMBROS.**

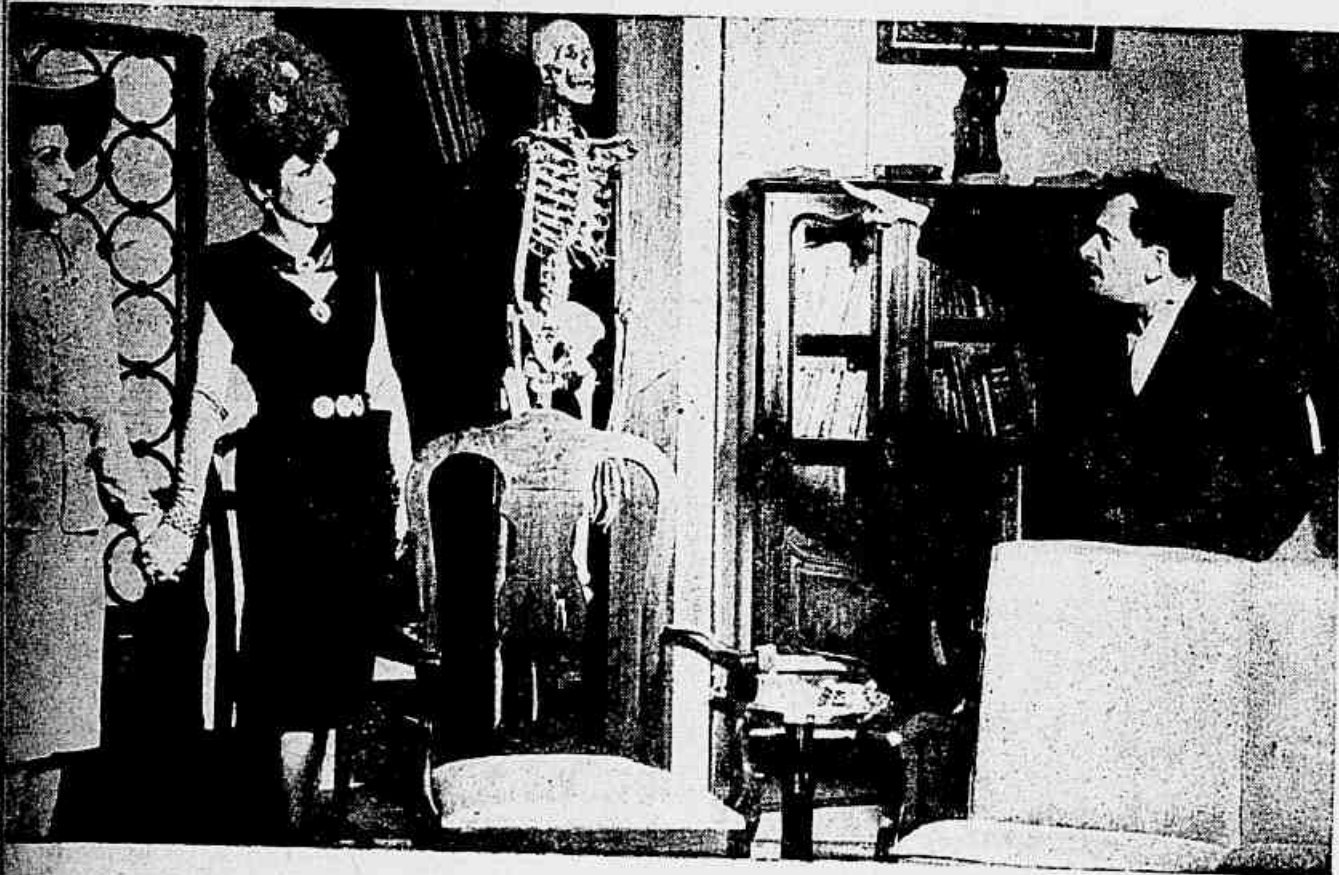


DOENTE O NETO DE DEUS — A casa do Neto de Deus, cientista a que se dava esse nome, chega um médico, a chamado do criado Pedro, que julgava doente o seu patrão. Depois de uma discussão científica, o dono da casa convida o facultativo para jantar. Este aceita o convite e comparece à hora da "bóia" trazendo consigo três amigos, gente "chic a valer": um advogado, Julia e Madalena. Todos acham muito original a casa do "Neto".

A ATRAÇÃO DO MISTÉRIO — Levadas pela atração do mistério, voltam depois à casa do Neto de Deus as graciosas senhoritas Madalena e Julia. Ali elas encontram-se com dois dos mais simpáticos habitantes do palacete: o esqueleto, confidente do filósofo, e Lazaro, um louco que faz parte da coleção de tipos que o cientista guarda em sua residência. Julia está apavorada, mas Madalena continua atraída pelo estranho poder do homem de barbas negras que se diz Neto de Deus.

O NETO DE DEUS

MEIA LUZ — Quando Julia esperava na sala o aparecimento do Neto de Deus, as luzes se apagaram. Ela tomou-se de medo, mas o cientista exótico entrou no aposento, tranquilizando-a. Uma vela foi acesa e, à meia luz, o dono da casa troca palavras filosóficas com a visitante. Esta cada vez mais se sente atraída por aquele homem estranho, que guarda em sua casa um esqueleto e vários tipos anormais.

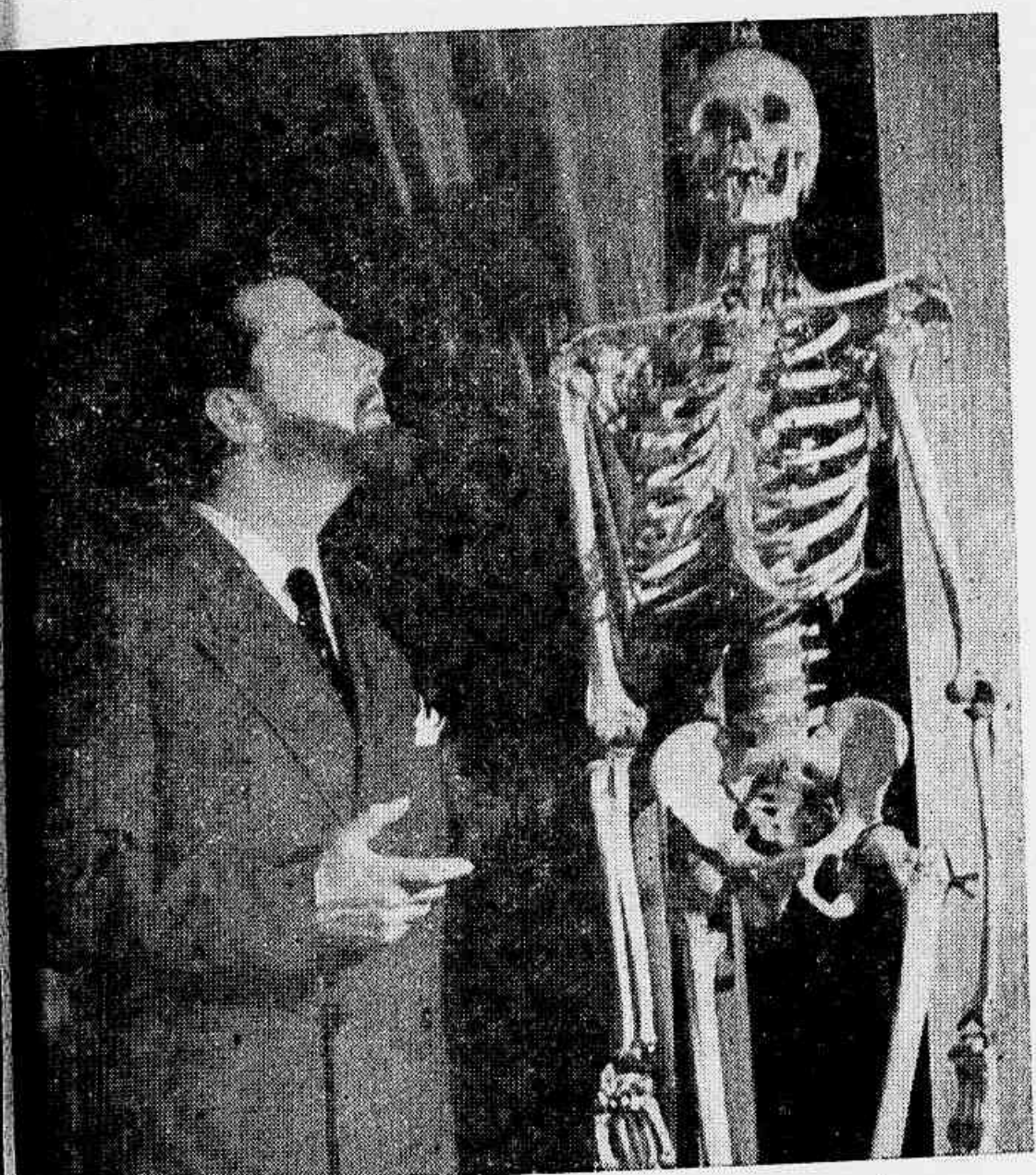


JÚPITER E EUROPA — O poder de atração do Neto de Deus fez-se sentir decisivamente sobre a jovem Madalena, a tal ponto que ela resolveu ficar em seu paraíso maluco. Cientificados por Julia de que a amiga ficara em casa do homem que consideravam maluco, o advogado e o médico dirigem-se à residência do "terrível raptor", para dali retirar a moça. Chegam porém no momento exato em que Júpiter dá uma gostosa beijoca em Europa conformeda.





"PRENDAM ESTE HOMEM!" — Vendo que Madalena não se retirava de "motu-próprio" da casa do "maniaco", Julia e seus dois amigos levam ao palacete uma caravana policial, pedindo ao delegado que prenda o cientista. O Neto de Deus consegue entretanto convencer a autoridade de que é completamente inocente. Assim, ele e seus amigos, os malucos e desocupados que ele protege, são deixados em paz pelos "tiras", que se retiram em boa ordem. O médico, o advogado e Julia também se vão, sem conseguir levar o novo Cristo ao Pretório.



COMO HAMLET — Diante do esqueleto, como Hamlet, o Neto de Deus pronuncia um soliloquio filosófico em torno da vida e da morte. O esqueleto entretanto, impassível, continua mudo diante das perguntas do sábio.

Peça de Joracy Camargo, encenada no Teatro Serrador, com o seguinte elenco: O Neto de Deus, Mario Salaberry; Madalena, Aimée; Pedro, Anibal de Freitas; Marta, Carmem Azevedo; Lazaro, Modesto de Souza; Médico, Arnaldo Coutinho; Julia, Flora May; Advogado, Carlos Melo; Francisco, Jackson de Souza; Cicatriz, José Lemos; Maria Cachucha, Lídia Reis; Príncipe, Gaspar Bernardo.



S. A. IMPERIAL — Entre os personagens colecionados pelo Neto de Deus conta-se o Príncipe Fulano, que perdeu o nome e a fortuna com a queda do grande e magnânimo Nicolau II, que Deus tenha em sua guarda. Com uma nobreza elegante, ele desdobra-se em delicadezas para com Madalena.

LUSTRANDO O "OLIMPO" — A casa do Neto de Deus é completamente reformada por Madalena, que resolve pôr em ordem todos os objetos do "Olimpo". Com a cooperação de Lazaro, o louco consciente, Cicatriz, navalha de fama, Francisco, célebre ladrão, e Maria Cachucha, tipo popular, ela inicia os trabalhos de fachina do "Paraíso". Todos, inclusive Marta e Pedro, auxiliam a nova dona de casa. Todos não: S. A. Imperial o príncipe Fulano, sentado a um canto superiormente, olha o desenvolvimento do trabalho daquela ralé, com os pensamentos metidos numa contra-revolução branca. Madalena entretanto continua a arrumação de seu lar. Seu e de seu companheiro, o Neto de Deus.

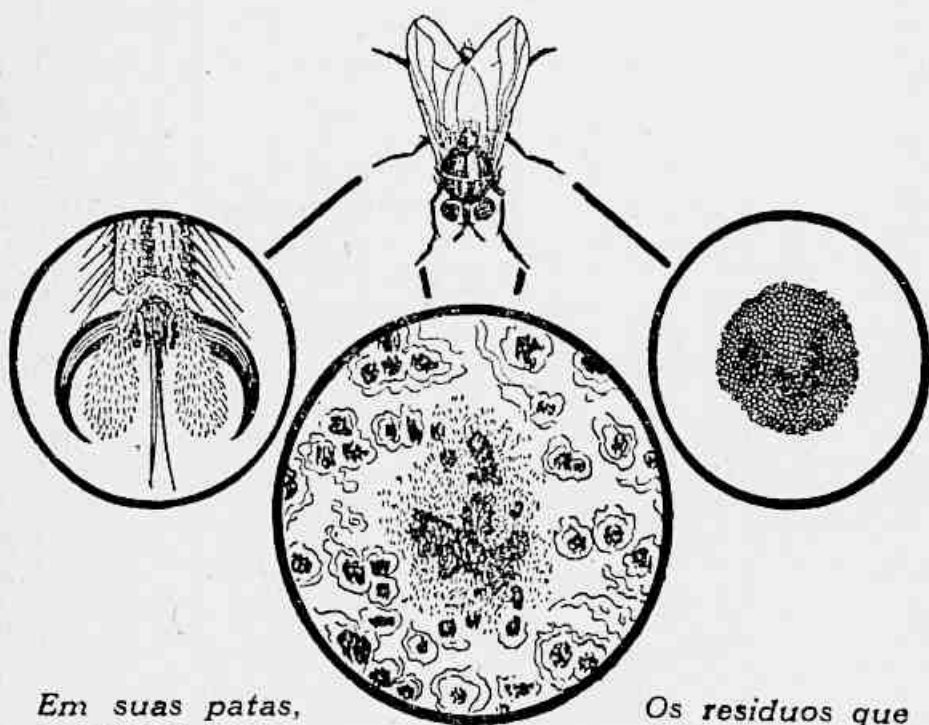


A FEBRE TIFOIDE

e as m^oscas

A febre tifoide, juntamente com os paratífos A e B, é uma enfermidade sumamente grave. Há duas formas de evitar o contágio: seja pela vacina ou impedindo a propagação dos germes. Nesta, as m^oscas desempenham um papel importante. Ao digerir ou carregar em suas patas os micróbios do tifo, recolhidos em objetos ou desperdícios que estiveram em contato com enfermos, convertem-se em ativas portadoras do mal, depositando seus germes nos alimentos e objetos de uso pessoal.

Exterminar as m^oscas é, portanto, evitar um veículo da febre tifoide. As pulverizações com SHELLTOX, inseticida científico, atingem amplamente esse resultado, pois suprimem tão perigosa praga dos lares onde são aplicadas.



Em suas patas, as m^oscas transportam os germes de perigosas enfermidades que transmitem aos seres humanos.

Estes são os micróbios causadores da febre tifoide; podem ser vistos com frequência, ao microscópio, nas patas e nos resíduos que deixam as m^oscas.

Os resíduos que deixam as m^oscas nos lares e sobre os seres humanos, são outros tantos focos potenciais de infecção.



SHELLTOX

Não tonteia os insetos: MATA-OS!

ANGLO MEXICAN PETROLEUM CO. LTD.
PRODUTOS DE PETRÓLEO



M U S I C A

FIM DE TEMPORADA

A temporada musical vai morrendo, pouco a pouco. Agora que o Municipal fecha as suas portas, os concertos se transferiram para os auditórios menores. Foi na A. por exemplo, que se realizou o recital de Helena Figner. Essa fina cantora de cântico que domina com facilidade um gênero tão difícil, escolheu um programa magnífico: três ciclos de canções: um de Schumann com poesia de Heine, um de Poulenc com poemas de Paul Eluard, e um de Debussy com versos de Pierre Louys. Na parte dedicada aos compositores brasileiros, Helena Figner incluiu uma série de canções de Mignone, Camargo Guarnieri, Villa Lobos, Jaime Ovalle, todas com versos de Manuel Bandeira. Durante o concerto uma senhora, sentada ao meu lado, principiou a rir, subitamente. Houve um natural espanto por parte do público, pois Helena Figner estava justamente interpretando uma delicada composição de Schumann com versos, de um lirismo envolvente, de Heine. Nem todos sabiam, é natural, a história daquela poesia, que justificava o riso da cantora. Conta-se que Heine, tendo comparecido a uma festa com sapatos novos, com os pés acostumados ao calçado rebelde, sentia dores horribéis, sobretudo num calo impensável. Dessas circunstâncias excessivamente prosaicas surgiu a obra que Schumann musicou, que Helena Figner traduziu com delicada emoção: "Não sei se poderei suportar..."

★

No Conservatório Brasileiro de Música, a professora Helena de Macedo Costa apresentou uma aluna, Silvinha Fang, num recital. E' sempre com prazer que assistimos aos primeiros passos de uma nova artista.

Não comentaremos as interpretações de Silvinha. O talento da jovem pianista merece, sem dúvida, um julgamento severo, que é a melhor maneira de provar que se espera muito dela. E' justo, porém, que esperemos uma ocasião mais oportuna e nos limitamos desta vez, a registrar, com prazer uma estréia auspiciosa.

★

Talvez o concerto mais importante deste fim de temporada tenha sido o início do ciclo de Bach, há muito prometido. Na Escola Nacional de Música, alunas do professor Fontinha apresentaram obras de Bach, destacando-se entre outras Lucy Sales, que muito elogiada pela crítica depois de seu concerto, realizado não faz muito tempo.

Raramente temos a oportunidade de ouvir Bach interpretado, digamos, com a técnica adequada desse compositor. O autor avançava uma hipótese engenhosa, explicando que os pianistas tocam mecanicamente, sem a menor preocupação de exprimir o sentimento envolvente daquelas obras, como reação, talvez inconsciente, contra as torturas sofridas na escola de música, ao serem forçados a estudar a estrutura das maravilhosas tocas de Bach, terminado o curso, continua a ser "exercício", e sofre com a aversão que os pianistas nutrem pela sua obra.

Roberto Lyra Filho

JOHANN SEBASTIAN BACH



C I N E M A

"UMA AVENTURA NA MARTINICA"

A publicidade anunciou em grande estilo que durante a filmagem de "Uma aventura na Martinica" fora iniciado o romance real de Humphrey Bogart com Lauren Bacall, culminando com o casamento. Não podemos garantir que tenha sido verdade, mas, como "golpe" ... de propaganda, valeu. E que eles casaram, não há dúvida. Deu certo, como também aprovou a dupla constituída por Bogart e essa bizarra atriz, fazendo lembrar um pouco de Veronica Lake, outro pouco de Garbo, uma parcela de Lucille Ball e qualquer coisa de Marlene. Mas então será Lauren Bacall destituída de personalidade? Não. Embora lembrando toda essa gente, possui características e feições próprios. Em se a vendo não se pode mais esquecê-la.

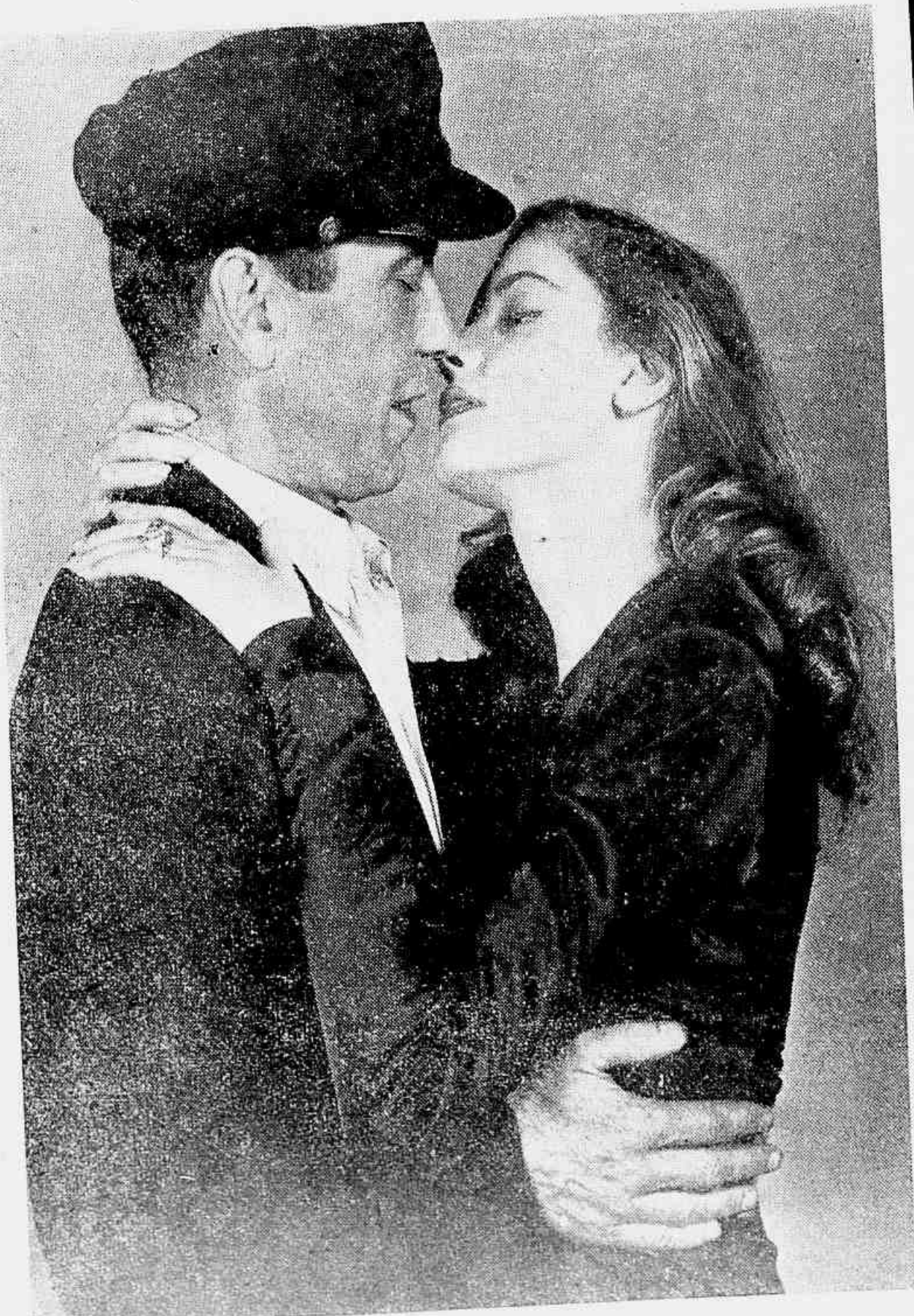
O grande mal de Humphrey Bogart está sendo justamente o filme que mais o popularizou — "Casablanca". Existe por parte da Warner a preocupação de repôr a façanha, repondo, vez por outra, o espectador no mesmo ambiente de "Casablanca", e lá vem Bogart fazendo um americano que vadiou pelo mundo, homem perigoso, escondendo seus "casos" anteriores e subitamente apaixonado por uma mulher esquisita, como Ingrid Bergman ou, agora, como Lauren Bacall. E lá vêm as cenas do "bar", o infalível piano solado por um pianista que vai matraqueando as teclas com uma sugestiva melodia, servindo de "background" ao filme.

Mas enquanto "Casablanca" era repassado de poesia e conduzido pela esteira permanentemente do drama, levado a sério, este, agora, envereda pelo atalho da comédia. Sem dúvida a Warner não teria destinado Bogart para protagonista da novela de Hemingway se esse personagem não estivesse tocado daquele feitiço másculo e áspero que é o traço pessoal desse ator. Humphrey Bogart tem de viver sempre em perigo, guardando o seu segredo e conquistando uma garota sem dar mostras públicas de estar apaixonado, sorrindo pouco, olhando de baixo para cima, baixando o queixo, dispondo sempre de um revólver na gaveta ou no bolso, com o cigarro entalado no canto dos lábios apertados e replicando insolências à ameaça do mais perigoso adversário. Por isso ele agrada agora, por estar tal como o reclama o seu público. E quando terminam, debandando daquele lugar terrível onde sempre os enfrentava o perigo das próprias vidas, eles o fazem ao som do piano do "bar", faqueiros e felizes, levando nos olhos os recíprocos promettimentos de carinhos que andaram permutando o tempo todo do filme. Lauren Bacall faz fazer sucesso. Não poderiam encontrar melhor "partenaire" para Humphrey Bogart. Ele, másculo e sério; ela, maliciosa e atrevida... Há ainda Walter Brennan, fazendo pouco mas tirando partido absoluto quando aparece. A direção de Howard Hawks traz o selo da experiência e da habilidade desse homem. E o filme todo vive de expectativas, não tem muita guerra, embora a ação do filme transcorra sob o seu influxo. A sequência do tiro, dentro do gabinete, põe o público em delírio. Na certa Bogart vai adquirir novos "fans", e sua esposa começou otimamente. Hollywood ganhou um exemplar novo de tipo sofisticado. Tipo da mulher que tem de ser tratada com o modo peculiar do ator em aprêgo: de homem para homem...

Perdão: de homem para mulher. — C.

Cotação: 3 (MUITO BOM)

HUMPHREY BOGART e LAUREN BACALL em "Uma aventura na Martinica"



Combatem suavemente a preguiça intestinal.



HEMORRHOIDAS? tome

EM TODAS AS FARMACIAS E DROGARIAS



DÔR DE OUVIDO? INFLAMAÇÃO E PURGAÇÃO NO OUVIDO? Use AURIS-SEDINA

Feliz descoberta
ANTISARDINA
creme miraculoso

LABORATORIO
ANTISARDINA

Caixa Postal, 80
CURITIBA - PARANÁ



Senhores:

Em sinal de gratidão pelos benefícios que obtive com o uso de ANTISARDINA, — o creme miraculoso para o tratamento da pele, unico que produz os efeitos que anuncia; ofereço-vos uma fotografia em homenagem a ANTISARDINA que é a mais feliz descoberta para o embelezamento da cutis.

Respeitosos cumprimentos

(a.) Ivonete Jacyra Nascimento
(Firma reconhecida)



Observe a leitora o pitoresco todo especial do cinto e da bolsa que Joan Leslie apresenta nessa fotografia à esquerda. Uma "toilette" simples, bastante esportiva, onde, mais uma vez, se faz sentir o valor dos acessórios nos trajes femininos. Joan Leslie aproveita, com rara habilidade o elegância, esses acessórios. O cinto e a bolsa fazem referências a pontos aprazíveis e marcantes onde a gente de cinema e os turistas vão com frequência, em visita ou para repousar. Palm Springs... Santa Barbara... Arrow Head... E a inefável Hollywood, terra do sonho, da ilusão, das grandes aventuras românticas... E também terra dos grevistas da Warner, como de gente ferida nos hospitais e prisões às centenas...



A moda infantil foi sempre um sério problema para as mãezinhas e as costureiras. Com frequência, o cinema proporciona, a ambas, motivos bem inspirados e bonitos, como acontece agora com os dois modelos, acima e ao lado. Karolyn Grimes, "estrelinha" descoberta pelo diretor Leslie Fenton e que será lançada em uma alta-comédia com a já famosa Marguerite Chapman e Fred Mc Murray, apresenta-se nestas duas fotos, em ótimas e graciosas sugestões de "toilettes" para as garatinhas brasileiras. Motivos simples, de grande efeito, com a participação dos brinquedos prediletos das crianças. Reparem que a boneca da pequena Karolyn, na gravura ao alto, veste o mesmo tecido que a artista apresenta. E o ursinho, em baixo, parece muito espantado...

O BEIJO

CLASSIFICADO NO CONCURSO
DA "REVISTA DA SEMANA"

Conto de
ISAAC SOARES
Ilustração de
MIGUEL H.

— Caramba! Não arru-
ma idéia?
O dr. Libório, presidente
está todo entregue ao
um discurso patriótico
diante de uma fôlha de
o, os



seus olhos vagueiam melancolicamente em roda do gabinete. Mas as idéias são esquivas, puxa! Os olhos do dr. Libório dançam de um lado para outro, como que buscando surpreender alguma idéia disimulada nalgum canto. Mira as estantes atestadas de livros caros. As poltronas estofadas, gordas como o dr. Libório. O linóleo ainda não rachou graças aos cuidados maternos da Marieta. Por fim, o seu olhar cai sobre a imbuia espelhante do birô, onde vê refletidas as suas bochechas polpudas. Ocorre-lhe, agora, uma lembrança perturbadora: Talita está lá no quarto-de-banho, já deve estar dentro d'água. Sim... mas tratemos do discurso.

Isto de espremer o cérebro é inútil. As idéias quando vêm é espontaneamente, por assim dizer. O dr. Libório acende o charuto. Talita está lá na banheira... Ora! Ele sopra uma baforada para o ar. Depois seus dedos começam a brincar com a caneta-tinteiro. Objeto inútil, nas suas mãos a caneta. Também, ali no canto, outra coisa inútil — a máquina portátil, afogada entre jornais, revistas, livros. Máquina boa, novinha em folha. Mas abandonada, imóvel, inútil. E como é confortável este gabinete! Há quase ambiente e elementos para compor uma obra-prima. O birô de imbuia lustrada, rumas de papel de linho, a máquina, os livros com letrinhas de ouro nas lombadas de marroquim. Tudo o que é materialmente necessário para cometer obras-primas. Só faltam as idéias. Que estará fazendo Talita agora? Naturalmente, está com o corpo coberto de espuma.

Pensamentos incomodamente fúteis insinuam-se no cérebro nevoento do dr. Libório. Curioso! Por que não consegue concentrar-se? Agora, na hora do entardecer, é sempre a ocasião mais propícia para mergulhar de pontacabeça nos abismos da meditação. Ele fica com os nervos calmos, as sombras tênues e as brisas que anunciam o crepúsculo exercem sobre ele uma influência sedativa. E agora, precisamente, é a hora tranquila em que a tarde declina. São oblíquos os raios do sol que entram pelas largas janelas escancaradas. Entram e vêm incendiar o rubi que há num dedo do dr. Libório.

Mas, apesar da hora, hoje os nervos do dr. Libório não estão calmos. E não estão porque... Sim, Libório velho, tenha coragem de confessar a verdade a você mesmo. Os seus pensamentos estão hoje perturbados porque agora você ficou sozinho com Talita aqui no pavimento superior do bangalô. A Marieta foi passar o dia com as primas. A criada está lá em baixo, na cozinha, e deve estar atarefadíssima, por sinal.

Aqui em cima só se encontram o dr. Libório e sua sobrinha. Sobrinha, não: sobrinha da Marieta. A esposa tem lá os seus parentes, o marido tem os dele. Não havendo mistura de sangue não há parentesco. O dr. Libório pensa, com prazer, que entre ele e Talita não há nem pode haver nenhum laço consanguíneo. Sobrinha da mulher, minha não. Ah! Ah!

Mas... e o discurso? Deverá pronunciá-lo depois de amanhã. Isso de falar **ex-tempore** não é com ele. Quando tem de falar em público, gosta de levar a sua eloquência no bolso, o preto no branco — coisa meditada, sensata, estilo caprichado. Mas será mesmo possível que não vai conseguir botar nenhum período no papel? O difícil é começar. O resto vem depois, naturalmente. Traça uns rabiscos no alto da folha: "Minhas senhoras. Meus senhores". E empaca. Chupa desesperadamente o charuto. Qual! Não sai mesmo nada. Mira o estuque do teto. Depois, o quebra luz bege, cheio de figurinhas chinesas. Talita... Mas não! Pensemos noutra coisa, caramba!

A frase ocorre-lhe assim de súbito, uma coisa inesperada como uma borboleta colorida que entrasse pela janela. Na verdade, que achado! Frase boa, bonita, bem sonora, bem tribuniária: "Senhores: o sangue que nos anima é seiva de pau-brasil!". Ótimo! Chega a



duvidar: será dele mesmo? Não será algum resto de leitura que andasse escondido nalgum porão da memória? Qual nada, é dele sim. Agora é preciso aproveitar bem a tirada. Situa-la bem, dar-lhe o devido relêvo no discurso. Convém até usá-la para fêcho da oração. Nada melhor: "O sangue que nos anima, senhores...". Já se vê perorando na sacada, agradecendo com sorrisos os "muito bem" e as palmas.

Ergue-se, radiante. Chega à janela, como a uma tribuna, para receber a ovação de um público imaginário. Por espaço de alguns segundos, conserva-se sorridente. Afinal, desfeita a ilusão, resolveu chupar o charuto e olhar o jardim.

Lá em baixo, no jardim, a brisa bole nas flores e nas árvores. O sol está forte ainda. Bonitos os canteiros. Hortênsias. Rosas. Lírios. Cravos. A brisa vem até aqui em cima, carregada de aromas, faz carícias nas bochechas do dr. Libório. O jardim está bonito, sim senhor! Também, a Marieta não lhe poupa cuidados. Marieta é o tipo da esposa modêlo. Carinhosa, trabalhadeira, tem gosto em trazer em ordem um lar confortável e belo. Entretanto, ele nunca conseguiu amá-la. Casou com ela por um motivo simples, corriqueiro: ele era um bacharel pobre, sem futuro, e ela uma herdeira rica e nem por isso era muito feia. Nunca a amou. Suportou-a apenas, nestes estirados vinte anos de vida matrimonial. Habitou-se a ela assim como a gente se habitua à bengala. E agora, que ambos são quarentões, é lá possível amor? Claro que não! Ela, porém, é sempre carinhosa, amorosa mesmo. E assim faz com que o dr. Libório se veja constrangido a beijá-la três ou mais vezes por dia. Beijar Marieta, que coisa horrível! Mas ele se resigna e beija aqueles beijos secos, aquela cara murcha sulcada de pés-de-galinha. Pobre Marieta!

Mas olha quem está ali, passeando rente ao gradil, rondando o jardim! Nada menos que o namorado de Talita. Sujeitinho pau, atrevido. Merece um corredão. Frangote petulante, pensa que já é um homem. Deve ter a mesma idade de Talita, uns dezessete anos. O dr. Libório qualquer dia — deixa estar —

vai chamar o frangote à ordem, dizer-lhe umas verdades, expulsá-lo ali do jardim. O diabo é que Talita parece ter paixão pelo rapaz. Tôdas as tardes, depois do banho, ela desce ao jardim para encontrar-se com ele. Passeiam por entre os canteiros. Depois sentam-se ali no banco, sob o cinamomo, onde ficam ate quase o anoitecer. O dr. Libório anda desconfiado. Ninguém lhe tira da cabeça que Talita e o namorado trocam muitos beijos ali no banco, sob o cinamomo, em meio ao lusco-fusco. Mas mesmo que não se beijem, aqueles agarramentos não ficam bem, ali no jardim, sob as vistas de quem passa na rua. Um abuso. E' de admirar que a Marieta feche os olhos, finja não ver os assanhamentos da sobrinha. E' que o frangote é filho de um capitalista, um sujeito rico de fazer medo. Talita vive aos beijos com o namorado... Os lábios sinuosos e rubros de Talita grudam-se aos lábios do frangote... Ai! O dr. Libório chupa o charuto com redobrado furor.

Tantas tragadas de fumo, em tão pouco tempo, provocam-lhe sede. De copo na mão, sai em procura do filtro d'água que há no corredor.

Mas oh! Ao embocar no corredor, vê Talita saindo do quarto de banho. Ela avança pelo passadiço, os cabelos soltos, louros, abundantes, lindos. Tôda ela é linda. Pela abertura negligente do roupão, vêem-se-lhe nergas alvas das coxas. Talita passa por ele sem dizer palavra, vai em direção ao quarto. O copo esquecido em u'a mão, o charuto ardendo na outra, o dr. Libório fica a contemplar a sobrinha de sua mulher, até que ela desaparece. Pan! — uma porta bate, Talita encerrou-se no quarto. Agora ela vai se arrumar, fazer-se ainda mais bela.

Sorvendo frescos goles d'água, o dr. Libório pensa na beleza de Talita. E' branca, é loura, é púbere. Mas os seus olhos azuis não têm a inocência banal das adolescentes. O seu corpo virgem possui sedução diabólica. Os seios são volumosos, magníficos. As ancas balançam voluptuosamente quando ela anda. A gente percebe que há quenturas de sol e de vulcão no seu sangue jovem. Mas a pobre-

(Continua na pág. 50)

MUSICA MODERNA

Os "crooners", os chefes-de-orquestra, os intérpretes das modernas melodias encontraram no cinema sonoro um novo e poderoso veículo de difusão. Eles se popularizam diante das platéias que os aplaudem em "night-clubs" norte-americanos, mas adquirem uma popularidade com vênus maior com a exibição dos filmes aos quais dão o seu concurso, em outros países, inclusive no Brasil, onde constituem, hoje, em certos casos, uma consagração perfeitamente rivalizada com a dos atores e atrizes da tela. Em muitos casos eles também se improvisam em atores e, não raro, conseguem agradar. Há no momento um grande público para os filmes musicados, ao contrário do que sucedia outrora, quando a produção cinematográfica desse gênero



lograva apenas saturar o espírito das platéias. Mas os tempos são outros, e quando um "musical" inclui no "score" qualquer dessas orquestras de primeira plana, não precisa reforçar muito o elenco de comediantes.

Aqui estão algumas dessas figuras popularíssimas e queridas dos amantes da música moderna americana: Benny Goodman, ao alto, com o seu instrumento que mais ainda o faz um ídolo dos "fans" da última geração; José Iturbi, o notável pianista de classe (ao centro), em palestra com Frank Sinatra, a grande alucinação do momento; e, finalmente, Xavier Cugat, cuja visita ao Rio está sendo insistentemente anunciada — mas notícia que não teve ainda confirmação. Todos constituem grandes cartazes no rádio, nas gravações e, particularmente, na tela.

EM 1837 era regente do Imperio, a principio interino, Pedro de Araújo Lima, herdeiro governamental da luta dos Farrapos nascida na regencia Feijó. Nova luta civil veio complicar o reger de Araújo Lima.

Na Bahia, em fervedouro politico, o de todo o Brasil, estalou guerra civil, contando entre figuras destacadas Sabino Vieira. Seria historicamente a Sabina; mas na voz popular, sempre escarnecedora, a guerra das Raposas e dos Perús.

Noturnamente, de 6 para 7 de Novembro de 1837, um movimento sedicioso sahio do Forte de São Pedro, espalhando-se por toda a cidade do Salvador.

O movimento obrigou o presidente da provincia, o recém-senador do Imperio, Souza Paraizo, e mais autoridades a deixarem a capital, organisando contra-revolução no interior.

A revolta se disse nascida do dever de opôr-se às más intenções da Regencia, tratada por Governo Central do Rio de Janeiro, procurando enfraquecer as provincias, tendo-as por suas colonias, em menoscabo da sua dignidade e categoria das mesmas. Em 1821, aplicada ao Brasil inteiro, fôra este o *leit motiv* da propaganda da Independencia.

Governo de urgencia o da revolta, declarou que a tropa, o povo bahiano, os guardas nacionais, reunidos no Forte de São Pedro, tinham deliberado desligar a Bahia do Governo Central, considerando a provincia Estado Livre e Independente.

Assembléa Constituinte seria logo convocada e, sufragada na cidade do Salvador, modelaria o novo Estado. Segunda assembléa, eleita por votantes do interior da ex-provincia, desenvolveria as bases apresentadas pela Constituinte elaborada por dois grãos.

Aclamação popular designou presidente do Estado Innocencio da Rocha Galvão, ausente nos Estados Unidos e substituido por vice-presidente, João Carneiro da Silva Rego.

Nem todos os habitantes do Salvador mostravam-se novembristas. Muitos receiavam desconfiando. Para contental-os, foi municipalmente anunciado que o Estado Livre só subsistiria até a maioridade de D. Pedro II, cujo natalicio, a 2 de Dezembro de 1837, os novembristas festejavam. A 2 de Dezembro de 1843 o Estado Livre seria reabsorvido pela unidade nacional, após vida de presumidos sete anos.

O Governo Central do Rio de Janeiro discordou. Tinha por si a Regencia a marinha para o bloqueio do Salvador, o auxilio e preparo da contra-revolução a avolumar-se no proprio Estado Livre, valendo-se tambem Araújo Lima de forças de Pernambuco e do Rio de Janeiro para debelar sedição.

De successo em successo chegou o momento para os novembristas de jogarem a vida em partida final com um Exército Restaurador às ordens do marechal João Crisostomo Callado.

Em tres dias de Março de 1838, a capital bahiana, no caso tristemente do Salvador, deu teatro a cenas pungentes, as de batalha encarnçada a cujo fogo se associou o incendio ateado por uns e outros em diversos pontos da cidade. Pelo incendio ficou corôada por clareões na successão de bulções de fumo.

Alcançada victoria, cabe ao vencedor sepultar mortos, pensar feridos, contar prisioneiros. Teve de fazel-o o marechal Callado em Março de 1837. Sem duvida no seu intimo militar teria reconhecido o denodo dos vencidos dignos de boa causa.

No ardor da peleja, Callado traçara bilhete dirigido ao seu quartel-mestre general, o tenente-coronel Pinto Pacca, apondo ao bilhete fecho inusitado em bilhetes de qualquer ordem:

"Sobre o cavallo, ao meio-dia de 14 de Março de 1838".

A vitória da legalidade seguiu-se repressão em cujas malhas cahio Sabino Vieira, uma dessas personalidades de duas faces que tanto perplexiam quantos traçam História.

No Instituto Historico e Geografico Brasileiro, Moreira de Azevedo e Sacramento Blake estudaram Sabino Vieira. Blake tomou a defesa do inculcado medico e professor de medicina, segundo o defensor "injusta e cruelmente depreciado em seu carater."

Blake arrolou testemunhas de defesa, chamando a esta pessoas de relevo, já da Bahia, os conselheiros Vicente de Magalhães e Aranha Dantas, este tendo concorrido com Sabino para obtenção de cathedra medica, já do Rio de Janeiro, Beaurepaire Rohan e João Severiano da Fonseca.

Mas — esta adversativa é de muito peso em tudo quanto humano — a 3 de Março de 1909, em sessão do Instituto Geografico e Historico da Bahia, um medico, professor de medicina, tambem pesquisador em busca da verdade dos acontecimentos, tratando da Sabina ofereceu a consocios esclarecidos uma conferencia na qual era muito estudado Sabino Alvares da Rocha Vieira.

Os fatos que expoz, as conclusões a que chegou, os documentos em que se baseou tornam a conferencia de Braz do Amaral digna de atenta leitura, induzindo a bastantes reflexões.

Conduzem a pensar que um homem pôde ser duplo, entremecendo em sua vida o bem e o mal, culpas imperdoaveis e ações nobres.

Sabino Vieira, por incidencia em varios artigos do Código Penal, foi condemnado pelo juri da cidade do Sal-

vador, sentença confirmada pelo juri da vila de São Francisco, em grão de apelação. Recebeu penas cuja soma equivalia a meio século de expiação e carcere.

Declarado maior em 1847, D. Pedro II anistiou clemente os envolvidos no movimento de 1837. Aos tidos por maiores deles foram designadas residencias fóra da Bahia, Sabino Vieira mandado a Vila Boa de Goiás. Al chegou em 1841, casou segunda vez, sem descendencia, a sua viuva recasando. Chamava-se em solteira Ana Vieira, casada não precisou mudar apelido.

Na capital goiana o dr. Sabino clinicou, mas não soceguou, apontado como redator de um jornal manuscrito — *Zumbi* — de carater oposicionista. Em 1844 era Sabino transferido para Mato Grosso, indo a Cuiabá para que depois lhe fosse ordenado regresso a Goiás para onde não regressaria. Ficou no Engenho da Jacobina em visinhança da vila de Poconé. Em Jacobina, no assinalado dia de Natal de 1846, falecia Sabino Vieira, tendo sepultura no corpo da capela da fazenda.

Recobriram-lhe tumulo duas taboas de jacarandá com inscriçao em alto relevo, ao major João Carlos Pereira Leite, devida a inscriçao citada por Estevão de Mendonça em suas tão estimaveis "*Dalás Alallogrosenses*".

Em 1875 os restos de Sabino, a pedido do deputado Mariano Ramos, foram entregues ao Instituto Geografico e Historico da Bahia, tambem de posse das taboas mortuarias da capela da Jacobina, por intervenção e oferta do Dr. Agenor de Miranda.

A respeito da estadia de Sabino em Goiás ha muita vantagem em lêr estudo do notavel goiano Sebastião Fleury Curado, jurista dado a estudos historicos.

A tudo quanto se tem escrito sobre Sabino Vieira, ajuntemos documento encontrado no arquivo diplomatico do *Quai d'Orsay* onde de séde o Ministerio de França dos Estrangeiros. Trata-se do officio de Dugrivel, gestor do consulado francês na Bahia a 25 de Março de 1838 (Livro de correspondencia 17, pagina 249).

Informa Dugrivel ter ido o Sr. Gaulette ao consulado perguntar se o comandante de corveta francesa *Sapho* podia dar asilo a Sabino.

"Pedi-lhe para voltar hora depois, podendo então talvez responder-lhe. Transporte-me logo para bordo e ai apenas chegado começava-se a vêr sair fumaça de um ponto da cidade baixa, em seguida de diversos logares, dizendo-me o comandante da corveta julgar dever receber Sabino à vista da cidade em chamas, salvo se eu lhe certificasse por escrito não caber a Sabino nenhuma responsabilidade do que estava ocorrendo e à vista disto fui para terra.

Mal chegado em casa apareceu o mesmo Snr. Gaulette, contando de um momento levar resposta a Sabino, segundo Gaulette enfermo no Forte de São Pedro, visinho do meu domicilio (o consulado fica na cidade baixa).

Caida a noite, muito me surpreendeu vêr vindo o proprio Sabino entrar pela casa a dentro; era a segunda vez que o via, pela primeira vez o avistando em Palácio (o da presidencia da provincia). Estava Sabino realmente enfermo, eu o fiz repousar; às dez da noite, alguns soldados quebraram os vidraças de casa contigua à minha pretendendo incendial-a. Sabino fez um esforço, desceu e deteve gente alcoolizada, mostrando-lhe bandeira francesa flutuando em minha casa. Voltou para dentro muito molesto e deitou-se.

No dia seguinte chegaram os Imperiais com espanto nosso; podia eu dizer a Sabino perseguindo e de cabeça posta a premio: sair de minha casa era mandal-o a morte certa, não estando eu tambem habilitado a certificar ao Snr. Comandante da *Sapho* que Sabino não houvesse participado do incendio que ele comandante vira na vespera.

Nesta alternativa eu não podia nem denunciar Sabino à justiça, nem defendel-o caso esta o reclamasse de modo regular, descobrindo-o ela propria em minha casa, Sabino tendo sido visto por alguns soldados entrar-me em casa, doente, na noite de 14, a 22 a justiça vindo revistar a casa. Deixei-a agir; ela descobriu Gaulette e Sabino, este ultimo teria sido fatalmente sacrificado se o encontrassem algures, disseram-me officiais que acompanhavam os juizes de paz. Procurei logo depois o Snr. Presidente da Provincia para explicar-lhe como Sabino por um concurso de circunstancias bastente singulares fôra ter à minha casa. O Presidente recebeu-me assáz friamente (o que eu esperava) mas isto nada é, tenho consciencia de haver salvo Sabino da vindita popular, creio ter praticado um dever de humanidade, o resto é com a justiça. Sei grande a malignidade humana. Dai julgar eu dever entrar em minucias para explicar um fato inteiramente natural."

O asilo concedido a Sabino desagradou à colonia francesa do Salvador, protestando aquela junto ao seu governo. A conduta de Dugrivel, o asilante, foi examinada num inquerito e deve ter sido causa de sua dispensa ou remoção de cargo.

ESCRAGNOLLE DORIA REPASSANDO NA MEMORIA

Em 1839 o consulado francês na Bahia estava entregue a um adido de legação, o cavaleiro de Saint Georges, depois ministro de França no Rio de Janeiro.

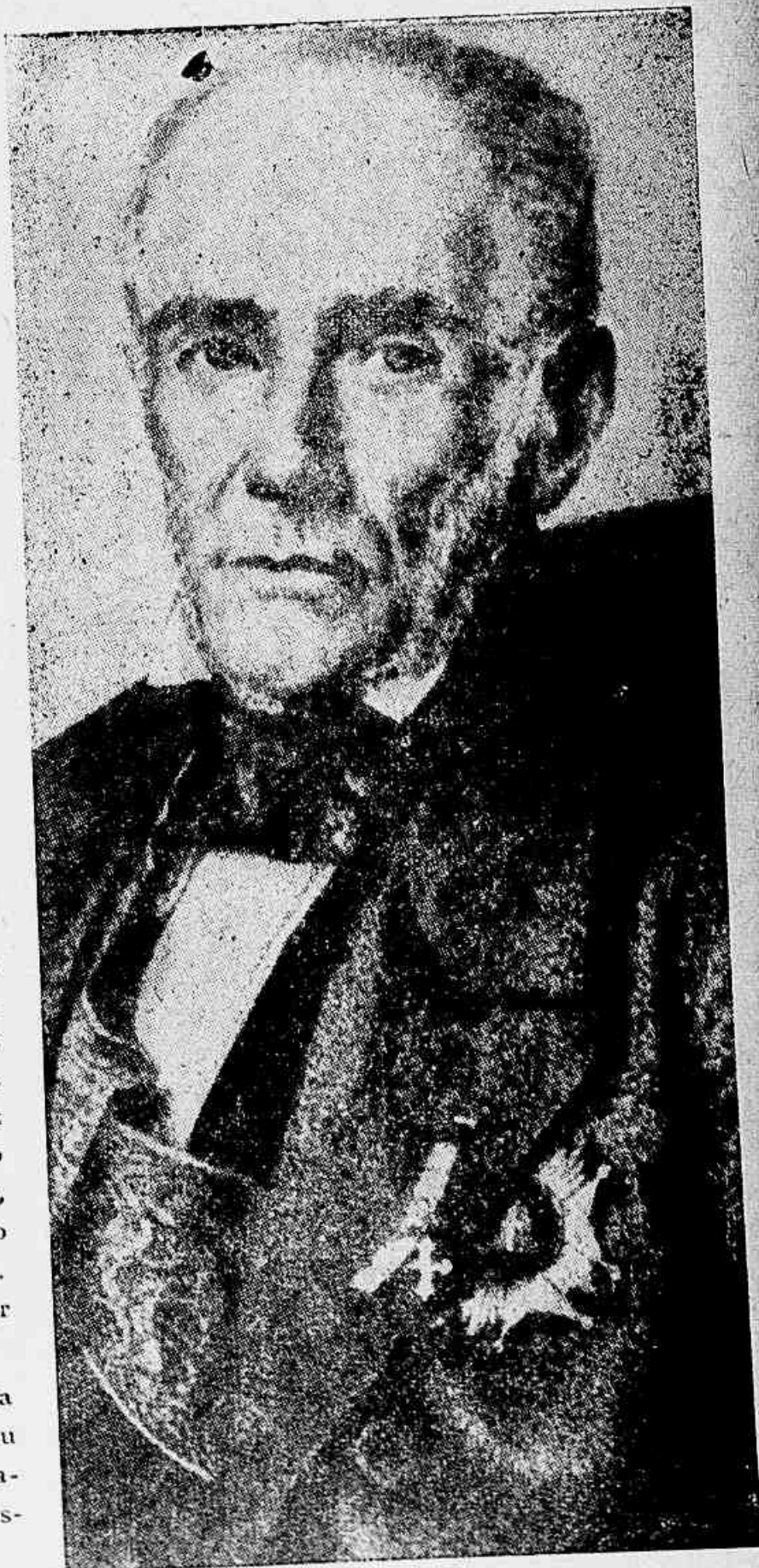
Qualquer que tenha sido a sorte consular de Dugrivel, o seu officio de 25 de Março de 1838 ao ministro dos Estrangeiros do governo de Luis Felipe, o conde Molé, testifica o esforço de Dugrivel para salvar a vida de Sabino Vieira quando esta mais ameaçada, na derrota de movimento jugulado, a fatais vinditas, umas do poder publico em nome da ordem, outras de origem pessoal pelos mais diversos motivos, Sabinos ou raposas derrotados, tinham ajuste de contas com os vencedores, que haviam alcinhado de perús.

Finda qualquer luta ha que lhe balancear os danos de vidas e de bens perdidos. Só o fogo que Dugrivel viu principiar, de bordo da *Sapho*, devorara centena de casas. Muito mais de milhar de vidas fôram sacrificadas. Ao sobresalto de mezes, o furor de batalha final de tres dias, ao panorama dos incendios sucediam a tristeza, o luto dos lares acompanhando o luto publico. São assim as guerras, civis ou não. Teem cruel lado aritmetico para vencedores e vencidos. Somam desgraças, subtraem vidas, multiplicam odios, dividem pátrias, ou nações.

E a Historia não cessa de registrar isto.

PEDRO DE ARAÚJO LIMA

Regente do Imperio em 1837 — Contava então 44 anos de idade.



A mulher de Paris e de Londres

Paris — H. P.) — A mulher moderna de Paris e de Londres sabe despertar, adquirir e conservar a sua Feminilidade, Juventude, Saúde, Atracção e Beleza, tão desejadas e necessárias em todos os períodos de sua vida. A sua arma é o famoso tratamento OKASA, à base de Hormônios frescos e vivos (extratos das glândulas endócrinas e de Vitaminas essenciais) — (fonte de Vitalidade). OKASA, de alta reputação mundial, é fabricado há mais de 25 anos pelos conhecidos Laboratórios Hormo-Pharma de Londres e Paris; é importado agora directamente de Londres. O tratamento OKASA é uma medicação de escolha, ultra-razional e científica; conhecida pela sua eficácia terapêutica clinicamente comprovada,

oferece o máximo de sucesso em todos os casos ligados à deficiência do sistema glandular, do aparelho genital e do teor vitamínico, como: frigidez, insuficiência ovariana, regras anormais, perturbações da idade crítica (menopausa), obesidade ou magreza excessivas, flacidez da pele e rugosidade da cutis, queda ou falta da turgência dos seios, etc., todas essas deficiências de origem glandular na mulher.

Experimente OKASA e se convencerá. Peça a fórmula drágeas "ouro" em todas as boas Drogarias e Farmácias, só em embalagem original de Londres. Informações e pedidos ao Distribuidor: Produtos ARNA — Av. Rio Branco, 109 — Rio — Tel. 43-3378.

Este pesadelo não tem fim?

Pratos e panelas não dão sossego à dona de casa... Que trabalho enjoado! Ainda bem que, agora, as coisas melhoraram. Também na pia o Sabão Minerva está fazendo maravilhas, eliminando a gordura, removendo a fuligem e deixando as louças e panelas, num instante, clareadas e limpinhas! No tanque ou na pia Minerva é sempre o mesmo sabão de confiança, que não

empedra, nem esfarea, e custa pouco porque rende m-u-i-t-o mais! Ao comprar Sabão Minerva, procure no carimbo o retrato de Dona Minervina — a Lavadeira Feliz!



DONA MINERVINA AFIRMA:

Lava mais!
O Sabão Minerva lava três dúzias de roupa enquanto outros lavam apenas duas.

Elimina os germes!
Limpeza especial, portanto, para asroupinha do bebê!

Rende até o fim!
Porque não empedra nem esfarea e é o mesmo sabão de confiança até o último pedacinho!

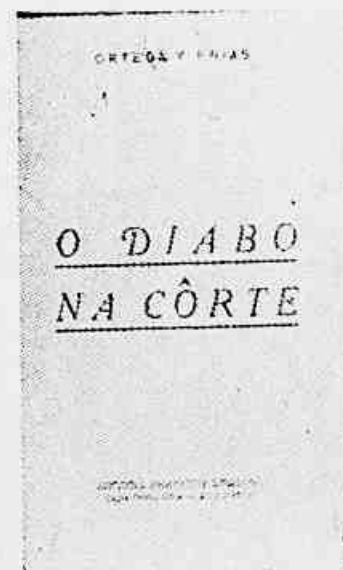
GRS. 250 TAM. 2 CLAS. 59

MINERVA CIA. GESSY

Sabão MINERVA sai barato porque protege o que lhe é caro!

Livros

O DIABO NA CÔRTE, romance de Ortega y Frias — Editora Assunção Limitada — São Paulo, 1945.



Muitos velhos de hoje terão lido o *Diabo na corte*. A sua voga em Portugal e Brasil correspondeu aos grandes êxitos de livreria em qualquer tempo. O público leitor inclinava-se então, em grande maioria, para as aventuras dos heróis de capa e espada, também chamados de fada e calha, que atravessavam os entrechos mais complicados. Essas obras correspondiam no romance aos melodramas com que se tornaram célebres o teatro do Ambigu, de Paris, o Príncipe Real, de Lisboa, o Recreio, do Rio de Janeiro. Xavier de Montepin, com os *Piratas do Sena*, Panson du Terail, com as *Proezas de Rocambolo*, para só citar uma obra, ou enorme bagagem de qualquer dos dois, gozavam fama de genialidade. Quantitativamente dominavam os mercados da Europa e da América. As suas produções vendiam-se como gênero literário de primeira necessidade. E foram eles, de certo, os mestres de Ortega y Frias, embora os admiradores dêste o cognominassem o Dumas espanhol.

Ortega y Frias fez passar o presente romance na corte de Espanha no tempo de Felipe II, I de Portugal. Não se preocupou, porém, com a reconstituição da época em que o "Demonio do Meio Dia" dominava boa parte da Europa e sonhava o reino do mundo. Diversamente do velho Dumas, que exercia a sua fantasia prodigiosa sem deixar de respeitar os cenários autênticos nem de observar o caráter dos personagens tirados da realidade, Ortega y Frias foi o menos possível historiador. Descrições pouquíssimas e sempre muito de passagem. O que lhe interessava — porque para essa condição convergia o interesse das massas leitoras — era o ímpeto dos episódios, através da vivacidade dos diálogos. Multiplicam-se no texto as frases curtas com que os personagens anunciam, combinam, decidem os grandes golpes da acção. Um pagem extraordinariamente esperto e corajoso, de posse duma planta do palácio real com inúmeros alçapões, portas disfarçadas, passagens ocultas, toda sorte de esconderijos e escapatórias — resolve entregar-se a um empreendimento de justiça punitiva e reparadora às barbas das guardas, dos cortejos, do próprio soberano. Graças à possibilidade de aparecer e desaparecer onde e quando convenha ao seu plano quixotesco, vai operar as façanhas mais surpreendentes, coisas que darão a impressão de verdadeiros milagres. E o ponto de partida do romance. O resto... levaria muito tempo a contar.

* * *

NINGUÉM VIVE PARA SEMPRE, romance de W. R. Burnett, tradu. de Silvio C. Magalhães — Editora Assunção Limitada — São Paulo, 1945.



A acção deste romance envolve ampla e lecção de gatunos assassinos e classes anexas. São os heróis do crime e as suas vítimas; os "intrujões" que lhes compram a presa de jóias ou doutra mercadoria preciosa, para a disfarçar e revender; os advogados semelhantes aos que no Rio são chamados "de porta de xadrez"; os botequineiros e mais fornecedores que, quando necessário, fazem crédito àquela freguezia especial e desmedidamente a exploram, pelo princípio de que roubar a ladrão é fazer jus a longo perdão; outros tipos ainda, bem conhecidos da polícia ou por ela ainda ignorados, mas que o não serão por muito tempo.

Em todo caso, o autor deste livro os conhece como os seus dedos. Se, rigorosamente falando, não vive no meio deles, consegue, a maior ou menor distância, observá-los com segurança e minuciosamente os descrever. Tanto as façanhas daqueles sujeitos, como as suas misérias, não divergem muito, de fato, das comédias ou solidas pelos personagens de incontáveis outras obras do gênero. São escamoteações de carteiras ou relógios alheios; assaltos mais ou menos à maneira dos *gangsters*; planos de extorsão cu de conto do vigário, e principalmente a trama complicada, de episódios sensacionais, em que há de cair com o seu dinheiro uma pacífica viúva. Nada disso, como se vê, oferece novidade inventiva. O entrecho é, como dizem os franceses, qualquer. Todo o interesse está na maneira como o romancista nos apresenta aquele pessoal, nos faz dar-lhe importância ao ponto de o acompanharmos nas suas proezas e nas suas infâmias, nos seus bons êxitos e nos seus revêses, em todas as suas aventuras...

A tradução é desenvolta, correnteia — talvez um pouco de mais.

* * *

COMENTÁRIOS BÍBLICOS e O JULGAMENTO DE PILATOS, por Francisco de Paula Ferreira de Rezende — Empresa A Noite — Rio de Janeiro, 1945.



A publicação destes dois livros, cinquenta anos após o falecimento do autor, obedeceu ao impulso do amor filial. Francisco de Paula Ferreira de Rezende os tinha mandado imprimir mas deixara de os distribuir convenientemente, de lhes dar a merecida publicidade. Seria talvez o prestígio alcançado na magistratura e na política que o induzira a não cuidar da sua nomeada de escritor propriamente dito. Naquêle tempo ainda a literatura se afigurava aos olhos de muita gente, e de muita gente boa, incompatível com a dignidade de certos cargos, a postura exigida por certas funções públicas. Ferreira de Rezende que, depois de Juiz de Direito, passou sucessivamente a deputado provincial de Minas, ministro do Supremo Tribunal Federal, procurador geral da República e vice-presidente do Estado, sacrificou-se, como homem de letras, em respeito à sociedade que não deixaria de o julgar severamente por ter outros interesses, outros enleves do espírito fora da magistratura ou dos negócios de Estado. Ainda então as musas faziam mal aos doutores...

Além disso, Ferreira de Rezende lançava nos seus escritos concepções independentes, arrojadas, contrárias ao pensar ou, mais propriamente, ao sentir da generalidade. Assim a ligação por ele tirada de certos passagens do Evangelho em contrição com os ditames dos mestres mórtes da teologia e que dava Jesus Cristo como enfermo mental. Alguns anos depois, publicava o médico francês Dr. Finet Singlé o livro *La Folie de Jésus*. Nem por isso o autor do *Julgamento de Pilatos* passaria a não ser, pela magia dos conceitos e esteatizantes os que não produziam obra alguma, oprimidos de trezentos, de heráclito e de...

Ho nestas condições vive um pouco de coragem para quem sil. A a escrever, porém, si

"A minha vida tem sido tão modesta e tem-se passado tão silenciosa que, se porventura o meu nome não morresse de todo e desde logo comigo, eu só o poderia dever a êsse meu *Julgamento de Pilatos*, que se não é, nem poderia ser, uma obra muito notável, me parece, no entanto, que não deixa de encerrar um mérito qualquer, embora, muitas vezes, me queira parecer que aquilo que se me afigura como novo talvez não passe, na realidade, de alguma coisa muito comum. Mas enfim, boa ou má, não me resta coisa melhor..."

O Sr. Guilherme de Almeida não se contenta em fazer versos, além de rigorosamente seus, admiráveis. De vez em quando, oferece-nos poesias francêsas, dando-lhes, na nossa língua, uma eloquência e uma distinção que pouco ficam a dever à originalidade. Assim fez com *Toi et moi*, de Paul Gerdly; com uma selecção de Baudelaire, rebatizando-a *Flores das "Flores do Mal"*; com uma antologia desde Ronsard aos contemporâneos, transpondo os versos antigos — *tour de force* realizado a poder de cultura, paciência e graça — para a linguagem portuguesa de cada época. Dizer o que isto representa de sapiência e de engenho será reconhecer no Sr. Guilherme de Almeida um prestígio até agora de certo não excedido nas nossas letras. E os dois rimadores, o criador e o intérprete, que assinam êsse nome, cada um a seu modo o honrando, bem dignos se tornam um do outro.

GREEN

*J'arrive tout couvert encore de rosée
Que le vent du matin vient glacer à mon front.
Souffrez que ma fatigue, à vos pieds reposée,
Rêve des chers instants qui la délasseront.*

*Aqui estão frutos, flores, folhas, que eu vos trouxe.
E um coração que só por vós sabe pulsar.
Não o despedacais com vossa mão tão doce,
E possa o humilde dom ser grato ao vosso olhar.*

*Deixai rolar no seio moço a fronte lenta
Em que ainda ecoam vossos beijos musicais.
Deixai-a sossegar da bendita tormenta.
E que eu durma um instante, enquanto repousais.*

J. L.

Recebemos um exemplar do trabalho supra-referido que os filhos do Sr. Daniel de Carvalho, ilustre homem publico patricio, mandaram imprimir.

E', como o título indica, uma publicação especializada que surge sob os melhores auspícios, apresentando ótima feição gráfica e matéria ilustrada de real interesse.

NACÃO ARMADA — Recebemos o número de Setembro de 1945, a 70.^a edição correspondente ao ano 10.^o de *Nação Armada*, revista civil e militar dedicada à segurança nacional.

embolso Postal. A' venda nas Perfumarias, Drogarias e Farmácias do Brasil.



**GRIPES
RESFRIADOS
NEURALGIAS**



DÔRE
de **CABEÇA**

TRANSPIROL

TINTURA FLEURY
DÁ JUVENTU

**DÁ JUVENTUDE
AO SEU CABELO**

Em poucos minutos a cor natural voltará aos seus cabelos. Escolha entre as 18 tonalidades diferentes da Tintura Fleury aquela que mais lhe agradar.

APLICAÇÃO FACILIMA:

Peça ao nosso serviço técnico todas as informações e solicite o interessante folheto "A Arte de Pintar Cabelos", que distribuímos grãtis.

CONSULTAS, APLICAÇÕES E VENDAS: Rua 7 de Setembro, 40 - 5º. Mo-
 Nome
 Rua
 Cidade Estado R\$

**PARA QUE SUA EPIDERME MANTENHA
TODO O ENCANTO DOS 20 ANOS...**

CRISTAIS PARA BANHO E TALCO

ALLÂNIA

PRODUTOS DE ALTA CLASSE



JOÃO DO RIO E O «CINEMATOGRAFO»

O Rio teve, sempre, os seus bons reporters. Mesmo quando a nossa Imprensa não era presidida pelo espírito do sensacionalismo e da divulgação em grande estilo, a reportagem continha uma característica no Brasil. Grandes reporters passaram pelos jornais cariocas, políticos e sociais, mundanos e artísticos. Poucos, no entanto, terão alcançado a popularidade e o renome de João do Rio. Ele foi essencialmente o reporter e, mesmo diretor de grandes matutinos, o reporter por excelência. Os fatos do dia, os acontecimentos da "hora-a-hora", eram comentados com senso

A morte de Paulo Barreto ocorreu em junho de 1921. Vinte e quatro anos transcorreram, mas a memória do grande cronista continua recebendo o culto de toda a gente brasileira. Na gravura, o autor de "Rosário da Ilusão", com o fardão da Academia Brasileira de Letras.



de humor, em belo estilo, pelo cronista de "Cinematographo", volume editado em 1909, onde se enfeixa uma série de seus trabalhos do ano anterior — o ano da Exposição Nacional da Praia Vermelha — e de onde extraímos hoje, estas páginas:

EPITÁFIOS

Oh! o dia de finados! Que curioso e inesgotável panorama da indiferença humana! Acordo cedo, tomo um pouco de café com leite lendo os jornais, que todos falam da tristeza geral, da saudade, de lágrimas e de tochas. Atochado dessa literatura inconsciente e banal, feita de focinhadas aos velhos números de anos anteriores, visto um fraque preto, tomo um ar alegre e vou percorrer os cemitérios. Haverá passeio mais filosófico do que essa peregrinação entre as tumbas de parentes alheios?

Os temperamentos grandemente sensíveis são na vida as vítimas dessa hiperacuidade de emoção. A sensibilidade refinada corresponde quase sempre uma semi-revolta contra a banalidade apagada das sensações do vulgar. Eu estou convencido de que sou imensamente sensível. Nada mais triste para mim que um pique-nique do *High-Life* ou um baile carnavalesco — duas coisas imensamente gostadas. Tanto dos pique-niques como desses bailes denominados forrobodós, venho febril, nervoso, amargo, com uma tristeza que se abeira do cemitério e do suicídio diante da irremediável sandice humana.

Em compensação, de volta de um enterro, de uma visita de pêsames ou de um breve passeio pelo cemitério, sinto uma alegria satânica, a vontade de cantar e dançar o *vem cá, mulata!* e dizer com provocação chufas aos transeuntes.

E por que? Porque eu sou mau? Oh! não! Porque a indiferença dos que deviam sofrer não corresponde nunca ao grau de piedade consoladora que lhes reserva o meu coração. É uma alegria de despeito, é um espalhafato nascido da desilusão, é um escândalo que se abebera e envenena e se anima da observação amarga.

A civilização impõe a supressão do pranto. A selvageria esbate todas as possibilidades de um sentimento digno. A sociedade é estupidamente egoísta, feita de classes que pendem umas para o máximo da civilização, outras para o homem primitivo. E tantos são os casos de dór fingida que eu desconfio sempre, não compreendo mais, com uma grande vontade de rir.

Por isso, logo de manhã, de fraque preto, vou visitar os cemitérios. Estão sempre cheios. A direção, que encontro à porta, faz questão da enchente, dando notas aos reporters. Cada cemitério corresponde a uma certa classe. O jovial cemitério de Catumbi é bem dos ricos moradores do Haddock-Lobo e Tijuca; o Caju é vulgar, é misto como a Cidade Nova e as ruas centrais: tem imensamente de tudo; os dois outros das Ordens cheiram a S. Cristóvão; e há um *up-to-date*, positivista, nefelibata e elegante: o de S.

Eu gozo esses camaradões educadores. Logo à porta, onde há algumas pilhérias lúgubres, tais como um insulso *revertere ad locum tuum*, as corujas de Pallas Athenae — atiramos do alto das grades um olho sabedor. Entra-se. A direção, louca por um elogiozinho na imprensa, é amabilíssima:

— Então, por aqui? Há quanto tempo? Já viu como está isso limpo? Fizemos o possível para preparar tudo...

Há porém atrás da direção um homem de sobrecasaca e face triste.

Espere, exclama o administrador, vou apresentar-lhe o representante do barão de Souto, que ornamentou muito bem o sarcófago da família.

— Ah! meus parabens...

— Se v. excia. permite, eu mostro. É todo de flôres naturais e tem candelabros de bronze verde com acetileno.

— Que acetileno?

— As velas com o vento fazem mau efeito. Espero que v. s. não se esqueça de mim.

De fraque preto e chapéu na cabeça (porque já ninguém tira o chapéu no cemitério quando vai pela aléa principal) vou conduzido pelo representante do barão. E vejo os túmulos, e vejo os vivos. Oh! o estranho espetáculo, a calma sinistra de môças aparando as velas por cima das lápides brancas; os velhos sepulcros com raminhos de manjerição guardados apenas por criados. Em alguns túmulos de família, há famílias que conversam e eu não esquecerei nunca que uma vez encontrei, em Catumbi, uma senhora reclinada à entrada do túmulo, numa cadeira de balanço, lendo com interesse os *Fantoches de Mme. Diabo*.

De vez em quando um riso, uma corrida: são as crianças que brincam de "tempo-será". E há senhoras que vieram de *coupé*, cobertas de crepe, cheirando a violeta; há cavalheiros de sobrecasaca e *huit-reflets* carregando com gravidade uma *corbeille*; há conhecidos que se encontram, trocam apertos de mão por entre os túmulos, enquanto à beira da artéria principal, o povo miúdo, a gente baixa, sentada no chão, come frutas e doces, discutindo coisas ou lamentando-se.

O homem do sepulcro do barão mostra-me o aparêlho do acetileno dentro do túmulo que encerra os antepassados do grande Souto, como se me mostrasse uma tela célebre, dá-me o seu cartão, e corre outra vez à administração, e eu, de fraque preto, começo a passear e a ver os epitáfios.

Os epitáfios foram, pelo menos na Grécia, de uma sugestiva delicadeza. Os poetas da antologia deixaram-nos epigramas funerários de uma gentileza encantadora, e os romanos — nas inscrições, pôsto que mais graves, criaram o epitáfio que faz pensar. Já nesse tempo nem todos os falecidos tinham epitáfios porque até na morte é fatal a desigualdade, mas há nos que chegaram à nossa época, escritos para crianças, homens, mulheres ou animais, tanta poesia, tanta melancolia que se fica a amar esses mortos remotos. Assim de uma criança se diz: "Brinquei toda a minha vida, fui amada de toda gente, tinha os cabelos loiros soltos nas espáduas". Assim morto o negociante ufana-se do seu crédito, um correio diz que ama a caça, e as dançarinas belas asseguram aos pósteros a sua lindeza, dizendo-se filhas das musas.

O epitáfio não evoluiu muito. E talvez mais tolo e mais reclamista apenas. As honras pregam-se às lápides, e há sempre poetas, filósofos e gente sem juízo para mandar gravar no mármore opiniões, sentenças e crenças e a passageira Saudade, que só assim dura um pouco mais.

Entre o correio Vitalis, dizendo-se autor do próprio epitáfio, e o epitáfio de Fabricio no "Père Lachaise", há tempos dado à publicidade:

Aqui jaz
Conhecido negociante parisiense,
A sua inconsolável viúva
continua com o mesmo
ramo de negócio



O enterro de João do Rio foi um dos acontecimentos populares de maior importância e do qual todos os cariocas mais antigos estão ainda lembrados. O esquife saiu da redação de "A Pátria", o último jornal por ele fundado, e na altura do Silogeu o então presidente da Academia, conde de Laet, pronunciou a oração de despedida dos seus companheiros imortais. Assinando uma "Carta para além-túmulo a Paulo Barreto", na REVISTA DA SEMANA, Carlos Malheiro Dias assim terminava: "Dorme em paz, sonhador! Tudo é transitório na terra, menos os belos sonhos".

ou o de Smith já conhecido de impressos:

Aqui jaz John Smith
que se suicidou com um revólver
sistema "Colt",
A melhor marca para os desesperados

ou o do Belton, também notado pelos repórteres de extravagâncias:

Debaixo desta pedra
repousará um dia James Belton
que presentemente dirige
na 5.^a avenida n.º 127 a bem conhecida
casa de cabedais e utensílios
para sapateiros

há apenas a notar o predomínio dos instintos práticos sobre a vaidade ou hipocrisia.

Nas mansões dos mortos brasileiros não há ainda tanta ousadia, como não há a beleza dos epitáfios gregos. Há sentimentais, poéticos, informativos. O amor conjugal corre parilha com os diminutivos, os nomes gravam-se entre adjetivos fatais. Mas o lastimável é que nem depois da morte, nem na pretensa paz dos túmulos, o homem escapa à convenção do seu meio, à sociedade, à vida social, e arrosta, e carrega, e todos os anos toma parte e todos os dias mostra uma lápide em que o exagêro, e o ridículo, e as vaidades humanas se intensivam. Os epitáfios! Mas que capítulo entre o assustador e o altamente pilhérico se poderia escrever apenas com êsses dizeres de mármore! Eles são assustadores pelo que fazem pensar. Quantas pedras há com êsses dizeres:

Aqui jaz
José Antonio Perelra

E em baixo, para dizer quem pôs a pedra:

Amor conjugal.

Quantas dessas senhoras não estão casadas outra vez? Não é possível ler uma dessas confissões sem o desejo de conhecer o confesso. Há outros, porém, menos preocupados. Põem o nome do defunto e em baixo:

Oral por êle!

Quer dizer: tratem vocês disso se tiverem tempo porque nós francamente... São melhores, entretanto, do que os egoístas, tão egoístas que até nas pedras deixam pedidos:

Aqui jaz Marocas
Anjo feliz no céu

Para o pedido cínico:

Pede a Deus pelos que te
quiseram bem.

E os biográficos, os biográficos sempre em monumentos importantes com horrendos anjos a tocar trombetas ou a depositar grinaldas?

Aqui jaz D. fulana de tal,
filha do conselheiro Cicrano e
espôsa do Dr. Beltramo, médico,
advogado, oficial da Ordem da Rosa,
ex-deputado
pela ex-província de...

E os religiosos, os que afirmam a sua crença para além da sepultura e colocam legendas positivistas ou frases espíritas à porta da campa naturalmente quente no mês de novembro? E os poéticos? Que tristeza. Deus do céu!

A morte inspira particularmente os vates e os que não o são. Os cemitérios estão cheios de poesias. Há o filosófico:

Que te importam os ossos meus
Ó tu que me estás lendo
Enquanto fôres vivendo
Ri do mundo e teme a Deus.

Ri do mundo e teme a Deus... Oh! La Rochefoucauld! É isso mesmo. Riamos tristemente dessa grande feira de vaidade e vamos ver mais adiante como morreu Alice:

Como um lírio ainda em botão
Desfolhado pelo vento
Assim morreu Alice,
Ao som de um triste lamento.

Muito bem. Foi um falecimento delicado e harmônico, assim uma espécie das conferências da Exposição... Pobre Alice! Mas qual o morto que a poesia tumular não compara a flôres? Na vida tudo são flôres, porque mesmo com a saudade a vida é melhor que a morte. Todos os túmulos têm a marca dos de cá, a marca que é um pedido: — "Descansa em paz! Paz à sua alma! Roga a Deus pelos teus!", o que significa: "Não nos aborreças mais! Fica descansado! Se realmente estás no céu ajuda-nos cá na terra".

Sim, definamos a situação. Nada de confusões. Se os mortos governam cada vez mais os vivos, os mortos estão muito mais seguros onde estão. E decerto nada mais sincero do que êste epitáfio de uma espôsa e de uma filha ao espôso e pai morto:

Espôso e pai, foste tão bom e justo
Que só para prantear a tua morte
Queremos viver muito...

Oh! Enganou-se positivamente aquêle poeta espiritualista que escreveu:

Borné dans sa nature, infini dans ses vœux
L'homme est un dieu tombé qui se souvient des cieux.

(Continua na pag. 55)



Com o mesmo brilhantismo dos anos anteriores, acaba de transcorrer a Semana da Economia de 1945, certame instituído pela Caixa Econômica Federal do Rio de Janeiro, dentro do largo programa de difusão dos hábitos e princípios da economia popular.

As festividades foram iniciadas a 25 do mês findo, com a Festa dos Bairros, que se realizou nos cinemas Santa Helena, na Penha, e Olinda, na praça Saenz Peña, e no Colégio Piedade. Foi distribuído grande número de prêmios e brindes aos alunos vencedores do Torneio Escolar de 1945. No mesmo dia realizou-se no Teatro Municipal a Festa das Professoras, quando foram entregues os prêmios dos Concursos de Jogos Educativos e da Campanha dos 100%, que é uma curiosa iniciativa da Carteira de Economia Escolar da Caixa Econômica, premiando a professora que, pelos seus esforços persuasivos, consegue inscrever, no plano de economia escolar de seu estabelecimento, igual número ao de alunos matriculados na sua classe.

A mesa da solenidade, que foi presidida pelo sr. Carlos Luz, esteve composta dos srs. capitão Aristides da Silva Costa, representante do Prefeito; coronel Jonas Correia, secretário geral da Educação; Theobaldo de Miranda Santos, diretor do Departamento de Educação Primária da Prefeitura; representante do ministro da Educação, e Ariosto Pinto, diretor da Carteira de Economia Escolar da Caixa Econômica, e grande número de diretores de escolas.

O sr. Carlos Luz, presidente da Caixa Econômica Federal do Rio de Janeiro, abriu

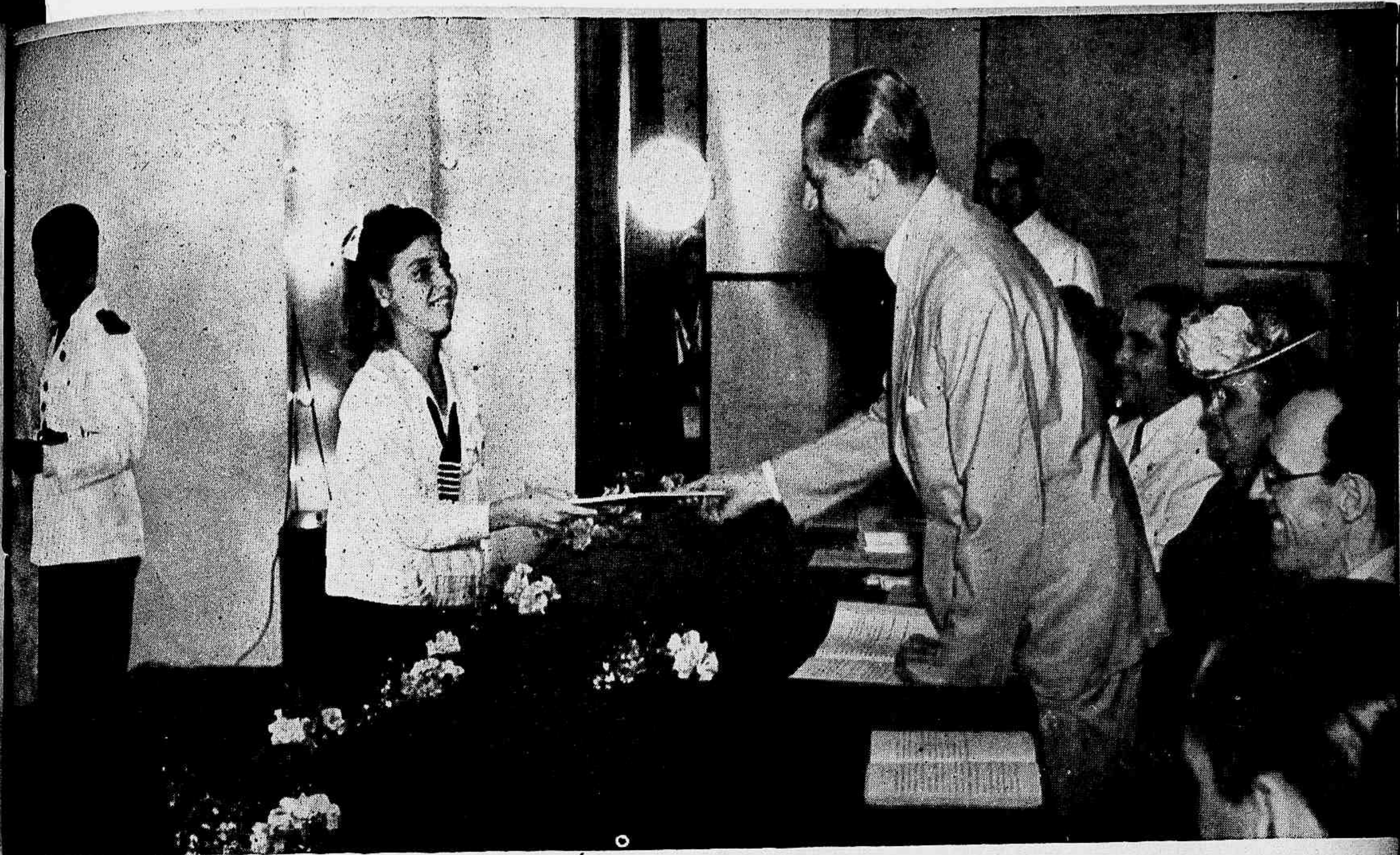
A esquerda, do alto para baixo — Aspecto do Cinema Olinda, literalmente cheio, durante a realização da Festa dos Bairros. Assistência à Festa das Professoras, levada a efeito no Teatro Municipal, com grande brilho. A direita — A professora Maria Magdalena Sammartino Carregal, agradecendo, em nome de suas colegas de magistério, os prêmios conferidos pela Caixa Econômica na Campanha dos 100%.



A SEMANA DA ECONOMIA DE 1945

A Caixa Econômica ofereceu ao professorado carioca, no final da Festa das Professoras, realizada no Teatro Municipal, um concerto pela Orquestra Sinfônica Brasileira, do qual se vê o flagrante abaixo.



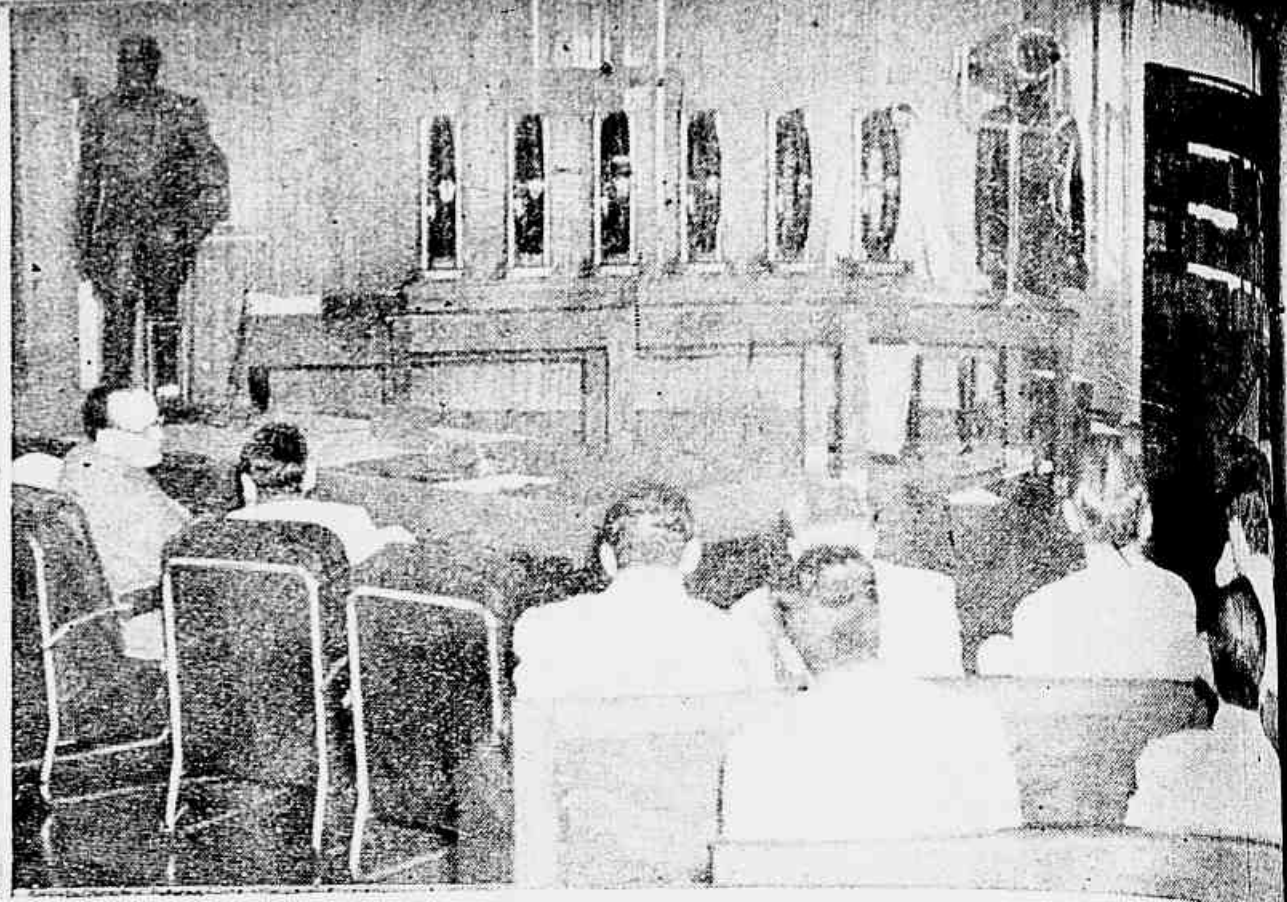
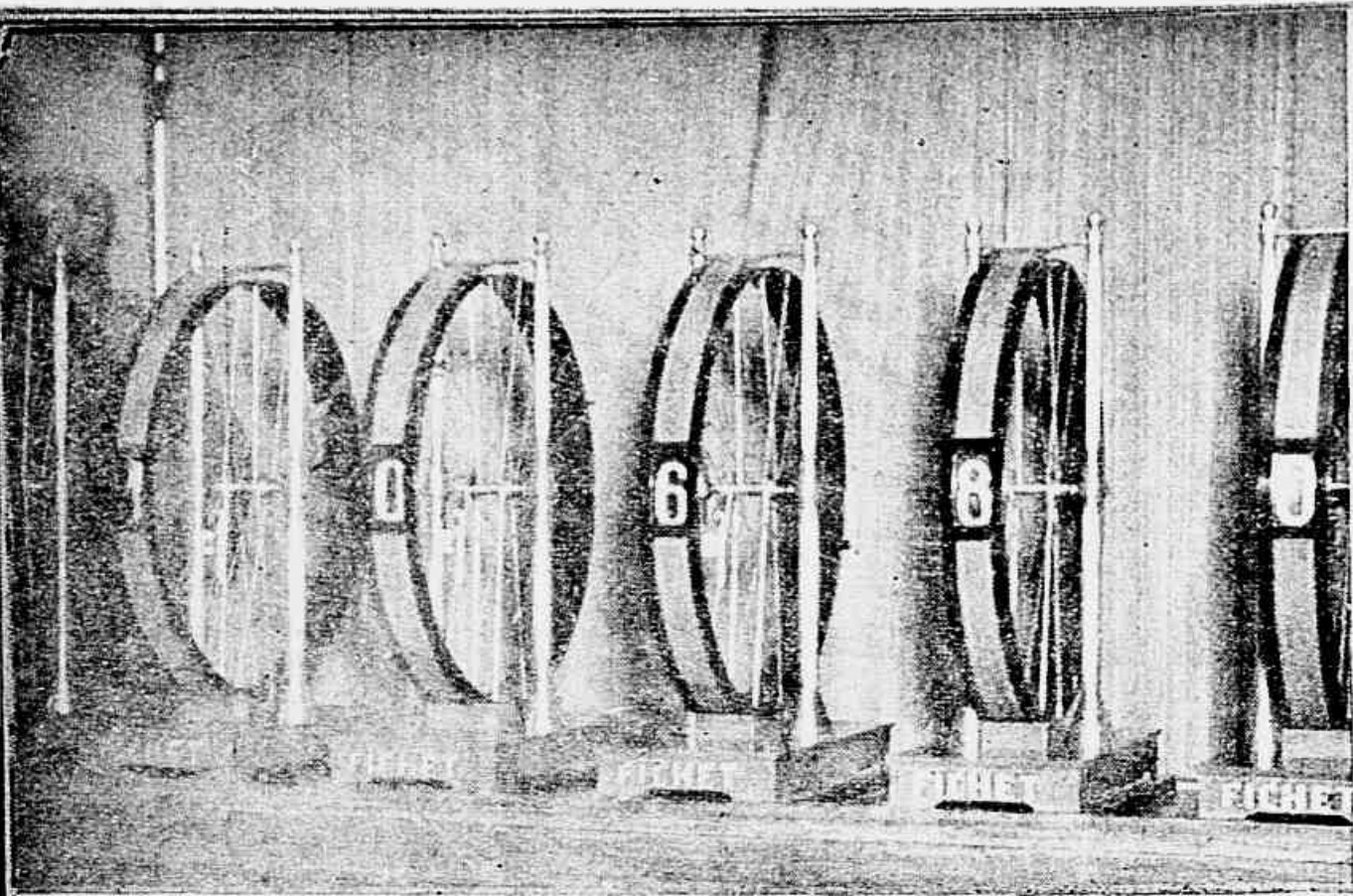


Em cima — A menina Norma Cariello, aluna da Escola 18-9 João Hopke, recebe das mãos do sr. Carlos Luz o prêmio que lhe coube nos concursos abertos às séries primárias, em solenidade realizada no Colégio Piedade, durante a Festa dos Bairros.



Em cima — O presidente da Caixa Econômica entrega a uma professora o prêmio que lhe coube, na Campanha dos 100%.
A esquerda — Aluna premiada no Programa dos Novos, cantando ao microfone da P.R.D-2, na irradiação destinada aos vencedores desse interessante certame, como parte dos festejos da Semana da Economia. Em baixo — Grupo de estudantes premiados no Programa dos Novos.

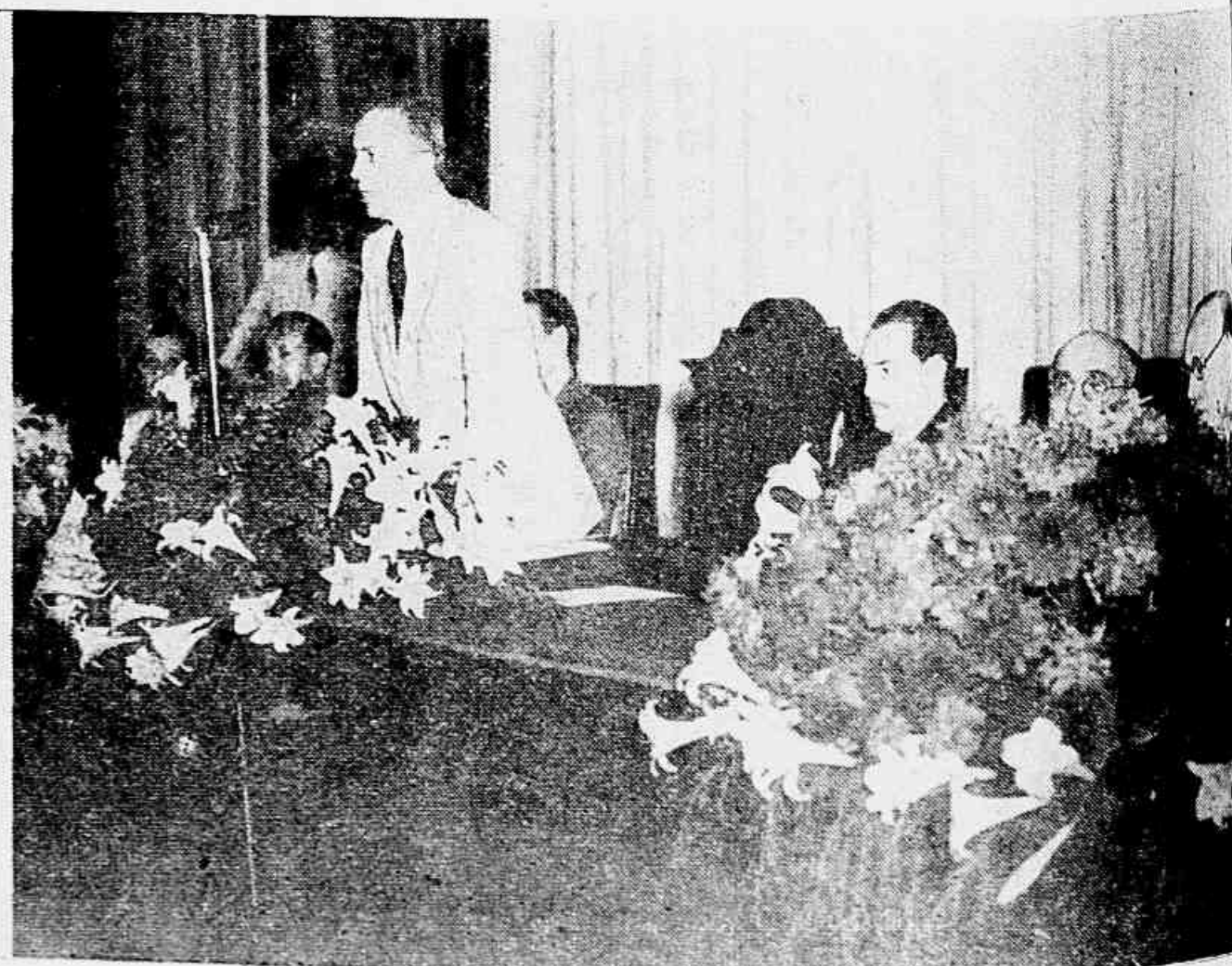




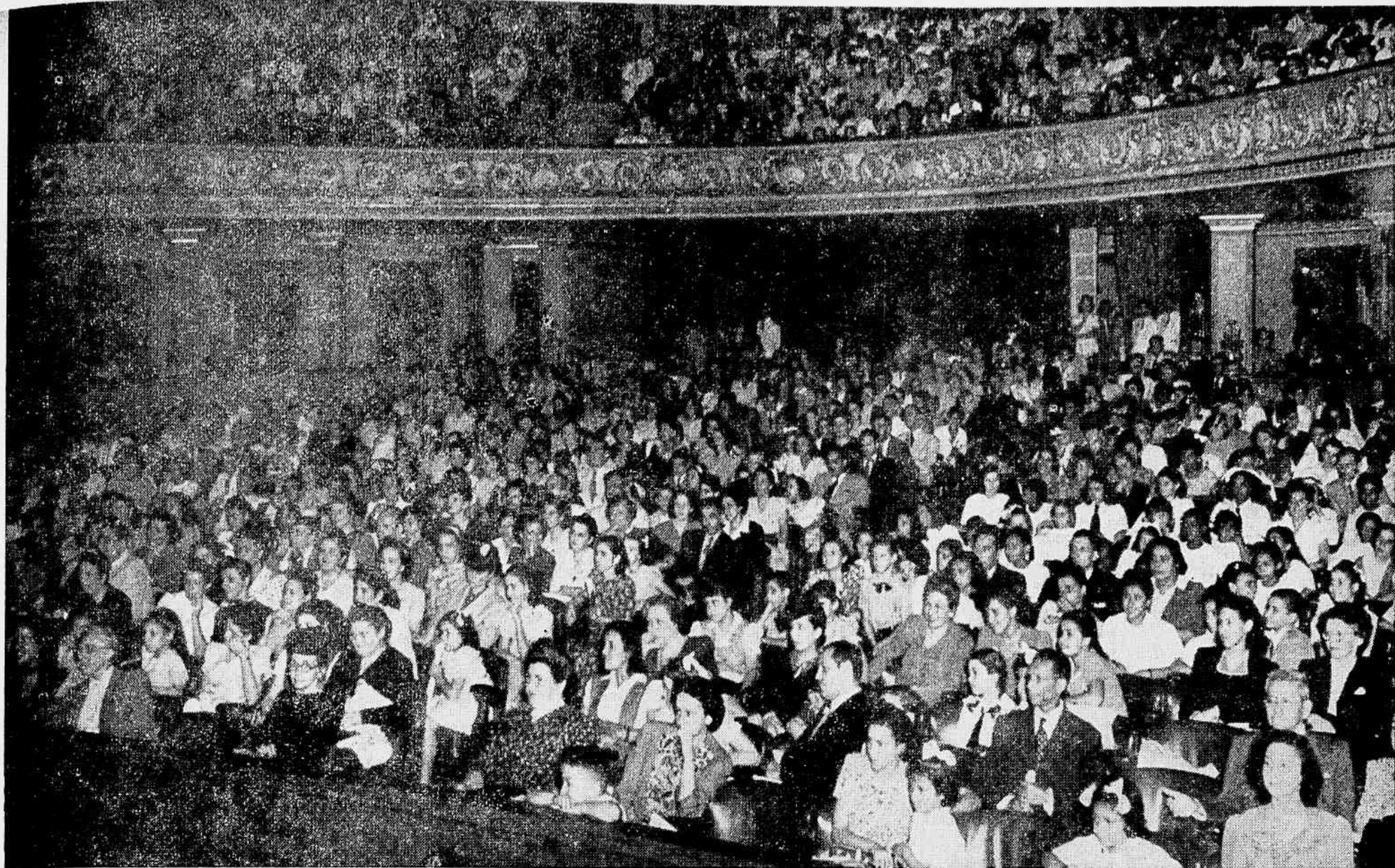
A esquerda — O sorteio do Prêmio de Economia Popular coube este ano à caderneta n.º 310.680, pertencente a José Ferreira do Nascimento. A direita — Aspecto do sorteio de cautelas de máquinas de costura, que contemplou 120 mutuárias da Carteira de Penhores da Caixa.



A esquerda — Crianças do Parque Proletário da Gávea na festa ali realizada. A direita — Na festa do Parque da Gávea, o sr. Carlos Luz faz entrega, a uma aluna da escola local, de uma Caderneta de Economia.



A esquerda — Representantes de famílias contempladas com o prêmio de proles numerosas, instituído este ano pela Caixa, presentes à Festa dos Trabalhadores, no Teatro Municipal. São o sr. Raymundo Norato França e sua filha Sibênia, sr. Gervasio dos Santos, sr. Moacyr Antonio Cerbino, sua esposa, sra. Cerenília Araújo Cerbino, e seus filhos Ivonete, Ivan e Ivanir, e sr. Manoel Messias dos Anjos e sua esposa, sra. Natália Freitas dos Anjos. A direita — O presidente da Caixa Econômica, sr. Carlos Luz, falando na Festa dos Trabalhadores.



A assistência à Festa dos Cursos Primários, levada a efeito no Teatro Municipal, grandemente concorrida.

a solenidade, fazendo breve discurso. Em seguida passou a palavra ao sr. Hugo Meira Lima, alto funcionário do seu gabinete, que falou em nome da Caixa, conchitando o magistério primário a prosseguir na campanha lançada por aquele instituto de crédito popular com o altruístico objetivo de estimular a poupança, hábito que se deve adquirir desde a infância.

Agradecendo os prêmios distribuídos na Campanha dos 100%, falou a professora Maria Magdalena Sammartino Carregal, diretora da Escola Eusébio de Queiroz.

A solenidade terminou com um concerto da Orquestra Sinfônica Brasileira, sob a regência do maestro Eugen Szenkar.

Com a presença do sr. Carlos Luz, presidente, e srs. Veiga Faria, Ariosto Pinto e João Lira Filho, diretores da Caixa Econômica Federal do Rio de Janeiro, foi realizada, no dia imediato, a cerimônia do sorteio de cadernetas, que foi assistida não só pelos diretores acima, como por grande número de funcionários e interes-

sados. Esses prêmios, que se denominam de economia popular, são equivalentes aos depósitos existentes nas carteiras premiadas e computadas até o dia da solenidade.

Em seguida foi feito o sorteio das cautelas de 120 máquinas de costura que se encontravam empenhadas na Seção de Penhores da Caixa Econômica.

Os números das cautelas sorteadas, que vieram beneficiar tantas donas de casa, bem como das cadernetas, já foram amplamente noticiados pela imprensa diária.

No dia 27, pela manhã, foi realizada a festa do parque Proletário da Gávea, com a presença do sr. Carlos Luz, presidente da Caixa, diretores desse instituto de crédito popular e autoridades da Secretaria Geral de Assistência da Prefeitura. Foi feita farta distribuição de prêmios e brindes aos moradores daquele núcleo residencial, seguindo-se a apresentação de interessantes números de arte, levados a efeito pelos alunos da escola primária ali instalada.

A noite, teve lugar no Teatro Municipal a "Festa dos Trabalhadores", com a distribuição dos prêmios para famílias numerosas e outros instituídos pela Caixa Econômica. A entrega dos prêmios seguiu-se um bem organizado ato de variedades, com a participação de artistas do nosso "broadcasting".

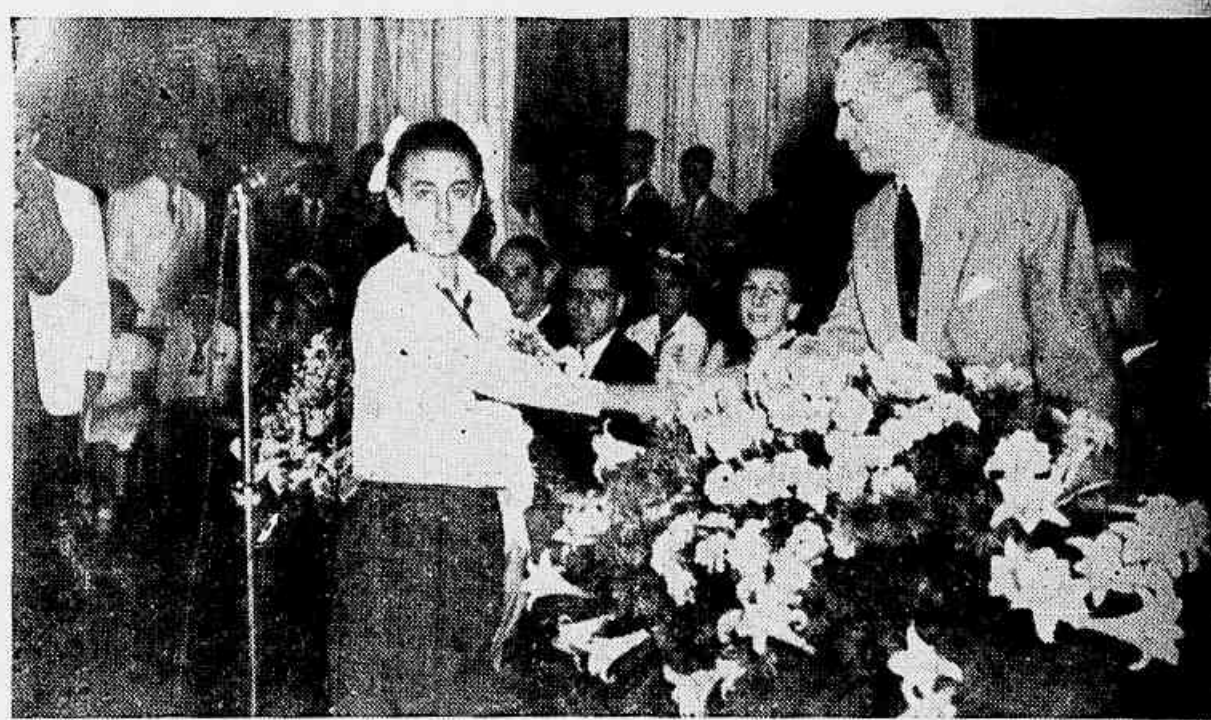
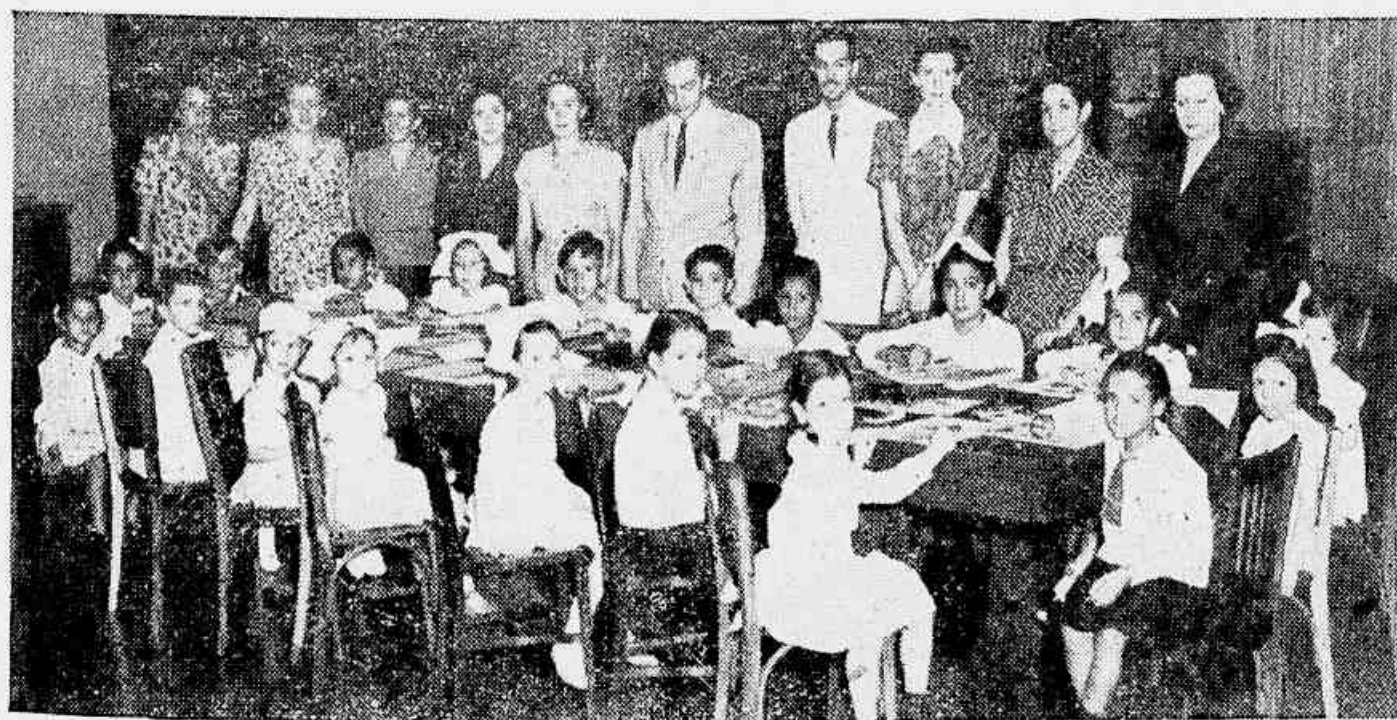
No domingo 28 realizou-se no Teatro Municipal a Festa dos Cursos Primários, comparecendo grande número de crianças dos cursos primários desta Capital e representantes do magistério carioca.

Presidida pelo sr. Carlos Luz, presidente da Caixa Econômica Federal do Rio de Janeiro, e presentes o coronel Jonas Correia, secretário geral da Educação, o sr. Theobaldo de Miranda Santos, diretor do Departamento de Educação Primária, e vários diretores da Caixa Econômica, a mesa fez a entrega dos prêmios a inúmeras crianças, que os venceram em concursos realizados durante o ano letivo.

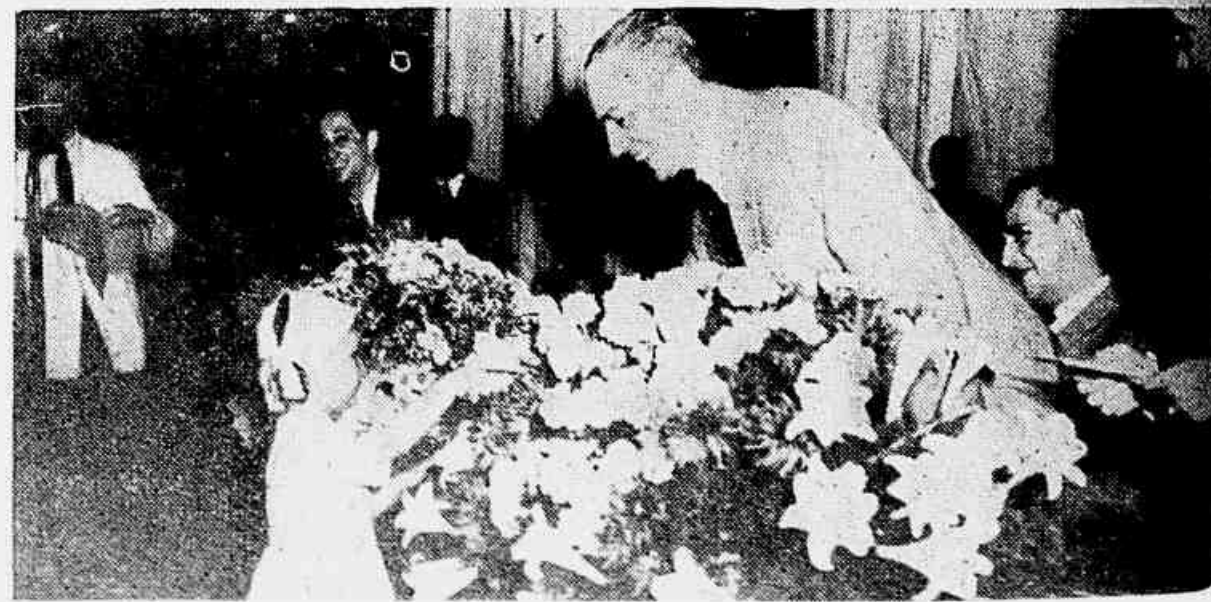
Falou o sr. José Candido de Moraes Neto, alto funcionário da Caixa, que, em nome da sua diretoria, exprimiu o agradecimento a todos os escolares e professores.

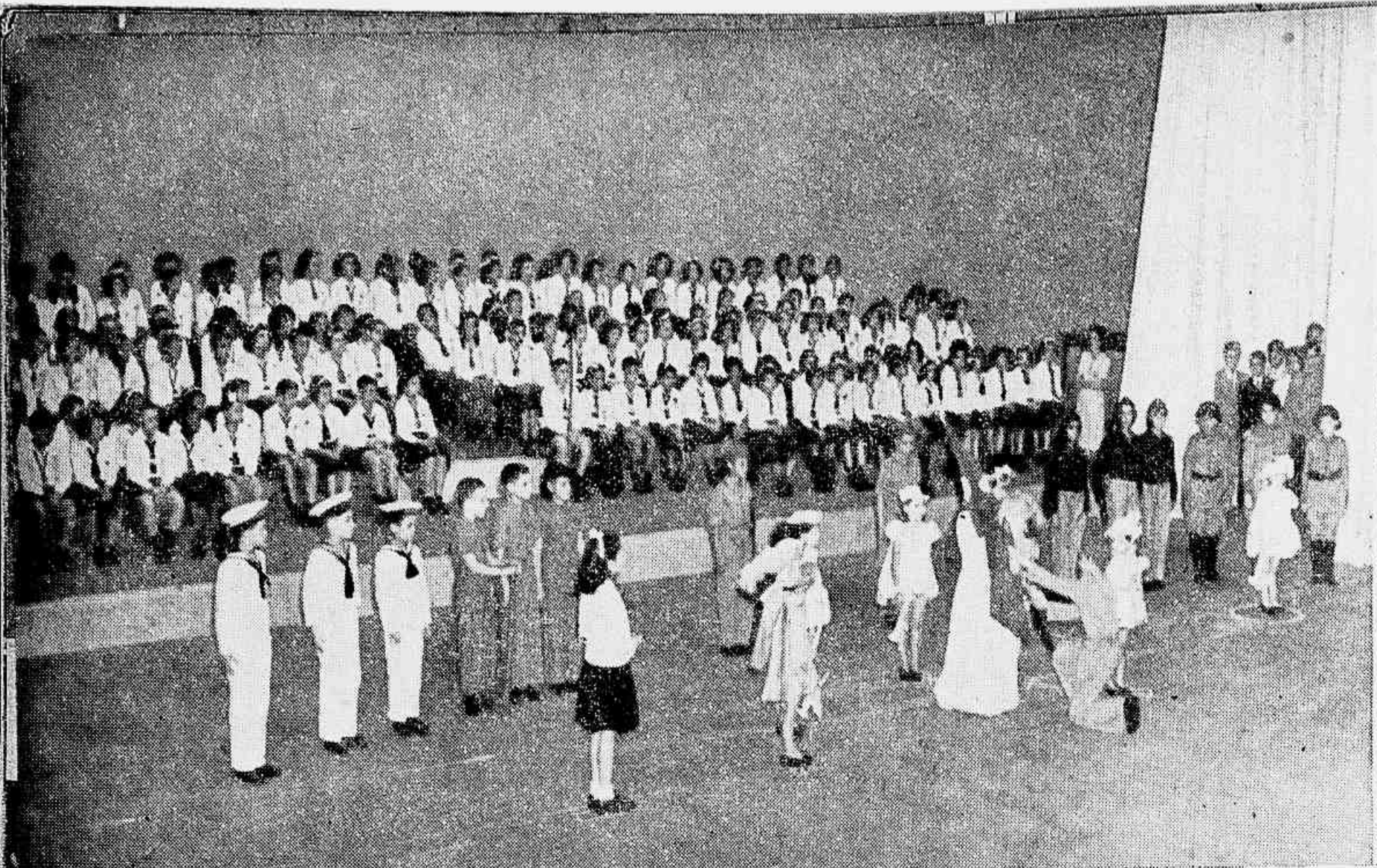
Teve lugar um grande ato variado, com a cooperação de alunos de diversos estabelecimentos de ensino, terminando com uma apoteose organizada pelo Departamento de Educação Nacionalista da Prefeitura. Os números foram bastante aplaudidos pelo público que enchia literalmente as localidades do Teatro Municipal.

A noite do dia seguinte foi realizada a "Festa dos Jornaleiros", solenidade tradicional com que a Caixa Econômica, aproveitando a oportunidade da "Semana da Economia", distribui prêmios aos jornaleiros internados na Fundação Darcy Vargas. A festa foi encantadora, realizando-se ali um espetáculo com elementos daquele núcleo de pequenos trabalhadores e artistas de variedades.



Em cima, à esquerda — alunos das escolas primárias nas provas de desempate, realizadas na presença da comissão julgadora do Torneio Escolar de 1945. À direita — a menina Nilce Gomes, da Escola 3-10 Paraná, de Cascadura, recebendo a Bolsa de Estudos "Barão do Rio Branco", importante prêmio que lhe assegurará os estudos do curso secundário. Em baixo — À esquerda, o sr. José Candido de Moraes Neto discursando na solenidade da Festa dos Cursos Primários. À direita, é entregue à menina Mariza Mussel Coutinho, do Jardim da Infância 5-4 Marechal Hermes, o 1.º Prêmio no concurso destinado ao pré-primário.





A esquerda — Apoteose final da parte artística da Festa dos Cursos Primários, organizada pelo Departamento de Educação Nacionalista da Prefeitura. A direita — Na festa da Casa do Pequeno Jornaleiro, foram executados números de música pelos internados, como mostra o flagrante, quando, ao piano, o jornaleiro Cecio de Souza executava "Vozes da Primavera".



Em cima, à esquerda — Ainda no Teatro Municipal, a REVISTA DA SEMANA entrevista a menina Nilce Gomes, detentora da Bolsa de Estudos "Barão do Rio Branco" de 1945. Ela está em companhia de seus pais, o guarda-civil n.º 895 Aristides Gomes, e sua esposa, sra. Maria da Penha Gomes. Com a natural timidez realçada pela emoção que a dominava, Nilce quase não podia falar. Mas nos disse: "Estou muito contente em receber este prêmio. A Caixa Econômica ficará para sempre no meu coração". Os pais de Nilce mostravam-se também bastante emocionados. O sr. Aristides Gomes, falando ao reporter, assim se expressou: "O senhor pode calcular o que representa um prêmio destes para um chefe de família de poucos recursos, como eu. Nunca pensei que a Caixa Econômica fosse tão amiga do povo. Estou muito agradecido por tudo". A direita — O pequeno jornaleiro Godofredo Neves de Aguiar recebe das mãos do sr. Carlos Luz as Cadernetas de Economia com que foram distinguidos pela Caixa os seus companheiros. Em baixo — As meninas Dulce Marques de Souza, M. Augusta Piquet, Neusa T. Monteiro, Noêmia Edelman, Marly Ribeiro, Zenith da Fonseca e Vera Calmon, que executaram a valsa "Fantasia", de Tchaikovski, na Festa dos Cursos Primários, número de dança que foi muito aplaudido.





JOCKEY CLUB MUNDANO



Domingo último o Hipódromo da Gávea apresentava um aspecto magnífico de pintura movimentada, com o multicolorido das "toilettes" pondo tonalidades vivas e alegres sobre o fundo amarelo das tribunas. Num desfile maravilhoso de elegância e distinção, as "turfwomen" passeavam pela "pelouse" ou estacionavam junto à cerca, para melhor apreciar os lances sensacionais das carreiras programadas para aquela tarde. Durante essa brilhante festa esportiva e social foram colhidos os flagrantes que ilustram esta página.





“Esperem e verão...”
retruca o

Inimigo Invisível!

Quando o “Inimigo Invisível” se põe a trabalhar, a beleza corre perigo. Esse “Inimigo Invisível” é a acidez bucal de origem bacteriana. Sua ação pode causar a cárie dentária. Escove os dentes pelo menos duas vezes por dia com Creme Dental Squibb, que é algo mais do que um simples dentífrico. Contém

Leite de Magnésia Squibb — ingrediente cujo contato concorre para a neutralização dos ácidos.

O Creme Dental Squibb não só limpa os dentes com segurança e eficiência, mas... é uma delícia usá-lo! Você há de gostar do seu sabor refrescante, adorável! Peça hoje mesmo Creme Dental Squibb.



CREME DENTAL
SQUIBB



O “carrousel” não é apenas um brinquedo de criança. Existe, nos arredores de Los Angeles, um parque de diversões, tipo pavilhão azul número tantos, onde frequentemente as “estrelas” vão matar o tempo. Aqui vemos Beverly Thompson dando umas voltinhas no cavalo de pau. De fisionomia alegre e bem disposta, a “estrelinha” da Paramount aproveita para fazer o seu exercício matinal.

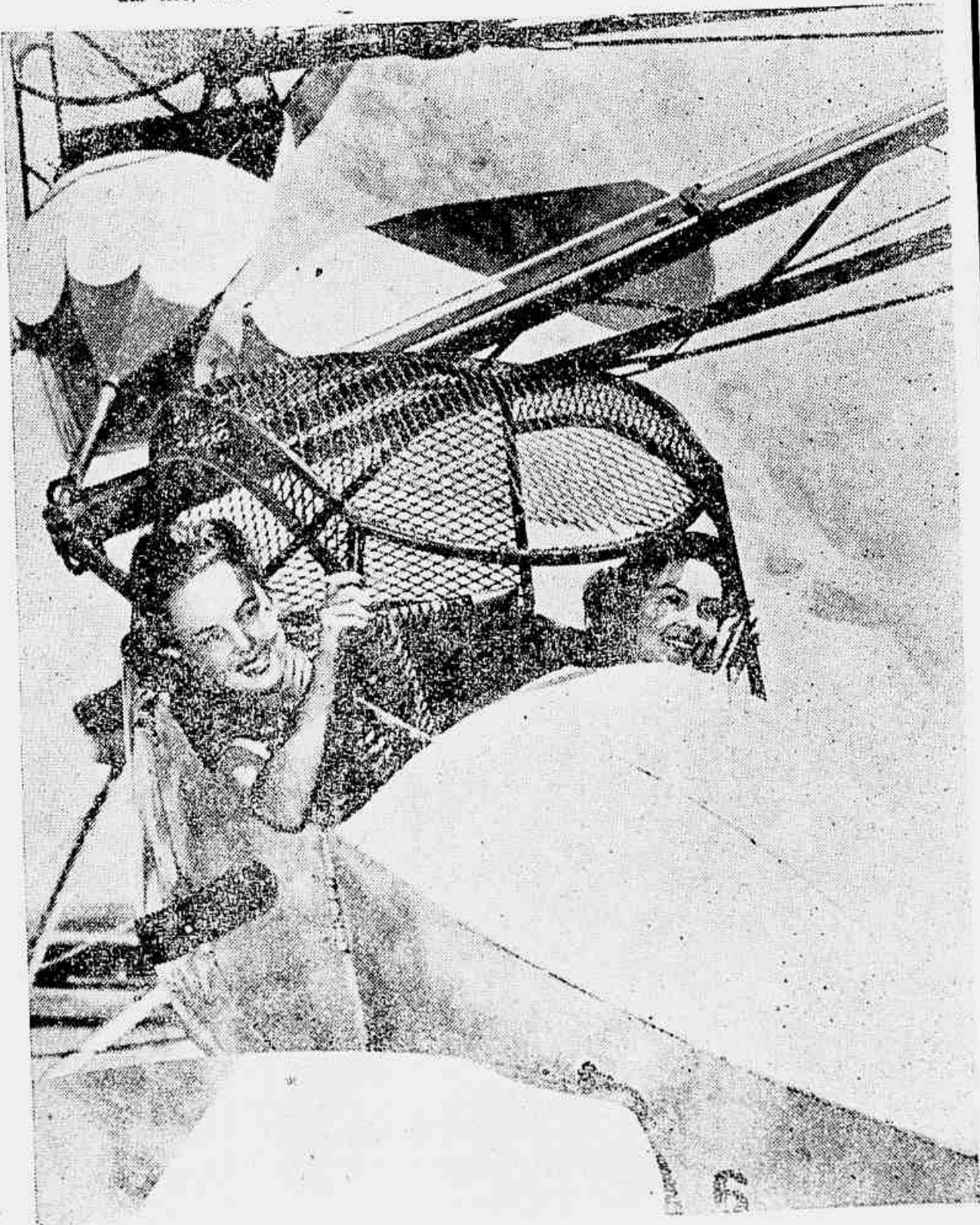


O “carrousel” é, na verdade, o passeio mais da predileção de Audrey Young, companheira inseparável de Beverly. Ambas estão agora, enfrentando o “rosa-joga” desse outro divertimento do parque de Los Angeles, certamente os “amirons” estão por sua vez se divertindo com o exercício. Voltemos das pequenas, mas Audrey e Beverly estão agindo. E parecem, não, muito alegres!

EM HOLLYWOOD



Bola ao alvo! Quem acertar no macaquinho, ganha... um maço de cigarros ou uma caixinha de sabonete cheiroso! Cinco bolas, cinco centavos... E as garotas mostram-se dispostas a arrebatar todo o varejo de cigarros do parque e o sortimento inteiro do sabonete! Elas posam para o fotógrafo e prometem, ficando bonitinhas na chapa, dar-lhe, mais tarde, um sabonete e um maço de "cigarretes"...



Certa vez, um experimentado piloto da RAF entrou em um desses pequenos aviões do parque de divertimentos e acabou tendo uma perturbação de estômago. Mas Be-do-verly e Andrey não temem as vertigens e aí estão, terminando o seu divertido "week-end", às voltas com um avião maluco. Depois um bom "lunch", um sono reparador e muita calma, porque amanhã será outro dia e o estúdio as espera...

FLEURS D'AMOUR

ROGER & GALLET
EXTRACTO - LOÇÃO
PÓ DE ARROZ
BRILHANTINA

PARIS-RIO

Hidrex

O CHUVEIRO ELÉTRICO QUE NÃO FALHA!

ELEGANTE,
PRÁTICO E
ECONÔMICO

★
FUNCIONAMENTO
GARANTIDO
POR CINCO ANOS

★
O CHUVEIRO
"HIDREX" É O
COMPLEMENTO
DO BANHEIRO
MODERNO

VENDAS COM GRANDES FACILIDADES PARA
SERVE Lida
LARGO DA CARIOCA E S. 307

ELÉTRICO
ELECTRIC
A. PINO
INDUSTRIAL
RESIDENCIAL

OS "ENTENDIDOS"...



ÁGUA INGLESA

GRANADO

TÔNICA
E APERITIVA

NA ANEMIA
CLOROSE E
CONVALESCENÇAS

CHINATO & CO.
RIO DE JANEIRO

Como conservar a DENTADURA POSTIÇA com firmeza na boca

Sua dentadura postica e incômoda, caindo quando come, fala ou ri? Passe sobre ela uma camada de FLEXIDENT. Nota: não precisa lavar a dentadura com água quente e não precisa lavar a boca. Não deixa nenhuma sensação desagradável. Não amarga a boca. Por favor, o hábito.

Compre FLEXIDENT hoje mesmo, em qualquer farmácia ou depósito dentário. Solução simples.

Distribuidora para todo o Brasil
ODONTOLOGIA AMERICANA
Av. do Branco, 114 - 1.º andar
Rio de Janeiro

Desperte a Bilis do seu Fígado

o saltara da cama disposto para tudo
Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham e causam desconforto. Despertem a prisão de ventre. Faça-se sentir saudável e como que rejuvenescido. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples escovação não elimina a causa. Neste caso, as Pílulas Cármes para o Fígado são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você se sente disposto para tudo. São amargas e, portanto, especialmente indicadas para despertar a bilis e corrigir a prisão de ventre. Preço: as Pílulas Cármes para o Fígado. Não aceita outro produto. Preço: Cr\$ 1,50.

No toucador...



Após o banho

de a sua pele uma agradável sensação de frescor com uma leve sensação de frescor.

madeira, decorando a parede e estimulando a circulação sanguínea. Água de Florida mantém a pele fresca e perfumada o dia todo. A venda em todas as farmácias e supermercados.

ÁGUA DE FLORIDA

Indicações: Fracura, Excesso de Trabalho

Indicações: Fracura, Excesso de Trabalho



- Não está certo. "Semana inglesa" tem de ser todos os dias e todas as noites, menos oito horas, para a sonolência diária...



Usar a pasta S. S. White é saber dar preferência ao dentífrico mais indicado para higiene e conservação dos dentes.



SOIRÉE

O primeiro
sabonete do bebê

*deve ser o primeiro
em Pureza e
Qualidade*

A delicada pele da criança exige todo o cuidado na escolha de um sabonete isento de substâncias nocivas. Prefira, por isso, o Sabonete de Reuter, consagrado, há meio século, por uma sólida reputação de pureza e de qualidade. Também no seu banho, o Sabonete de Reuter vale como um verdadeiro tratamento de beleza da cutis.



I-A

SR-1

CREME DE TOILETTE
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
BRANQUEIA E AVELUDA A PELE
A VENDA EM TODA A PARTE

CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante

Lindíssimo vestido de tafetá ou organza em azul suave. O mesmo tecido, em tom mais vivo, forma o "ruche", o laço do decote e o começo dos babados na saia. Ao lado, um magnífico vestido confeccionado em veludo negro e graciosamente adornado com renda "valencienne".

PREFIRA
AGUA DE COLONIA LEGÍTIMA
MARCA
RION
UMA COLONIA CLÁSSICA



AGUA DE LAVANDA
RION

TIPO PERFEITO DE
OLD ENGLISH LAVANDER

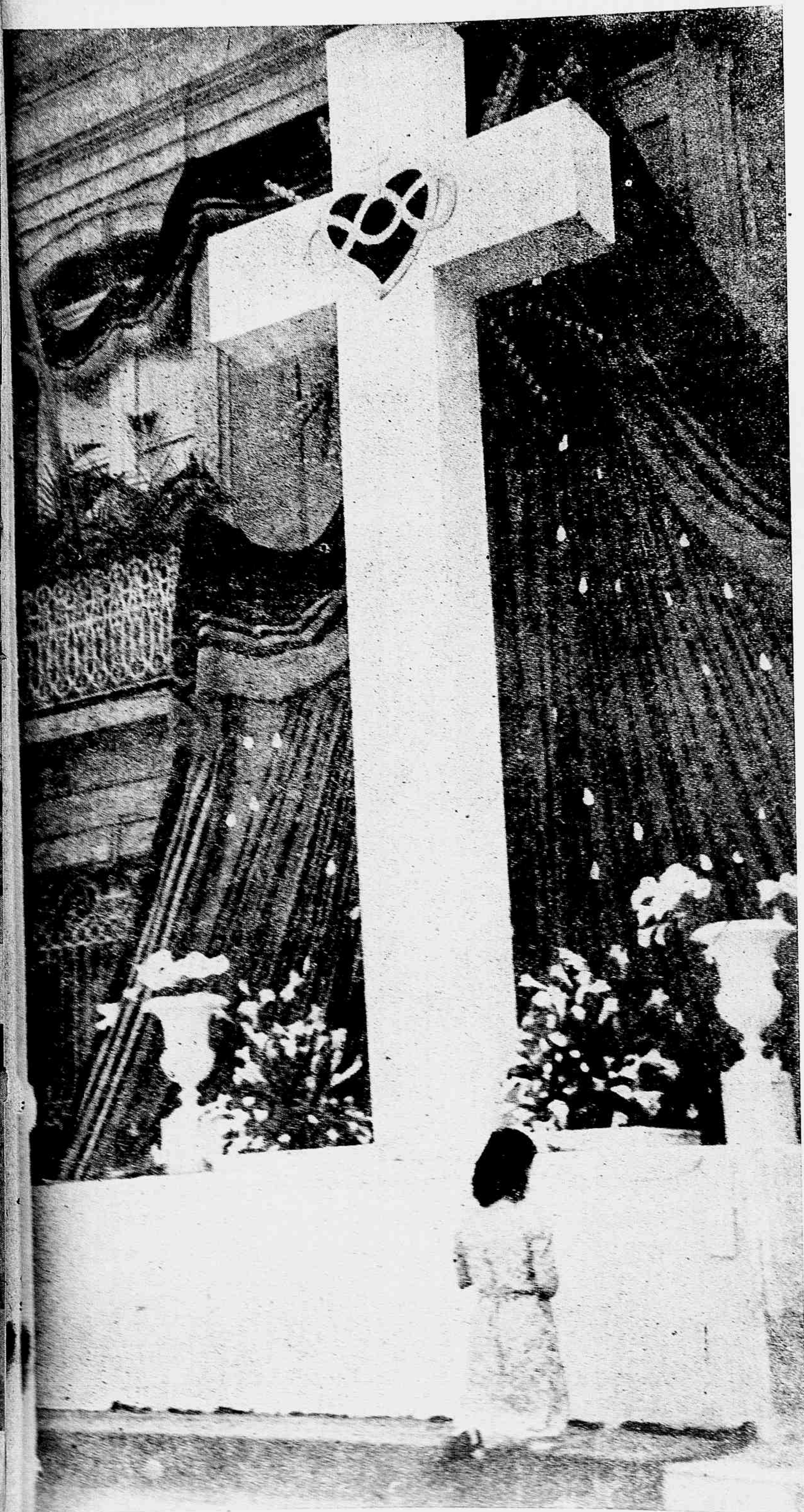
NA CANDELARIA A IMAGEM DE N. S. DA PENHA

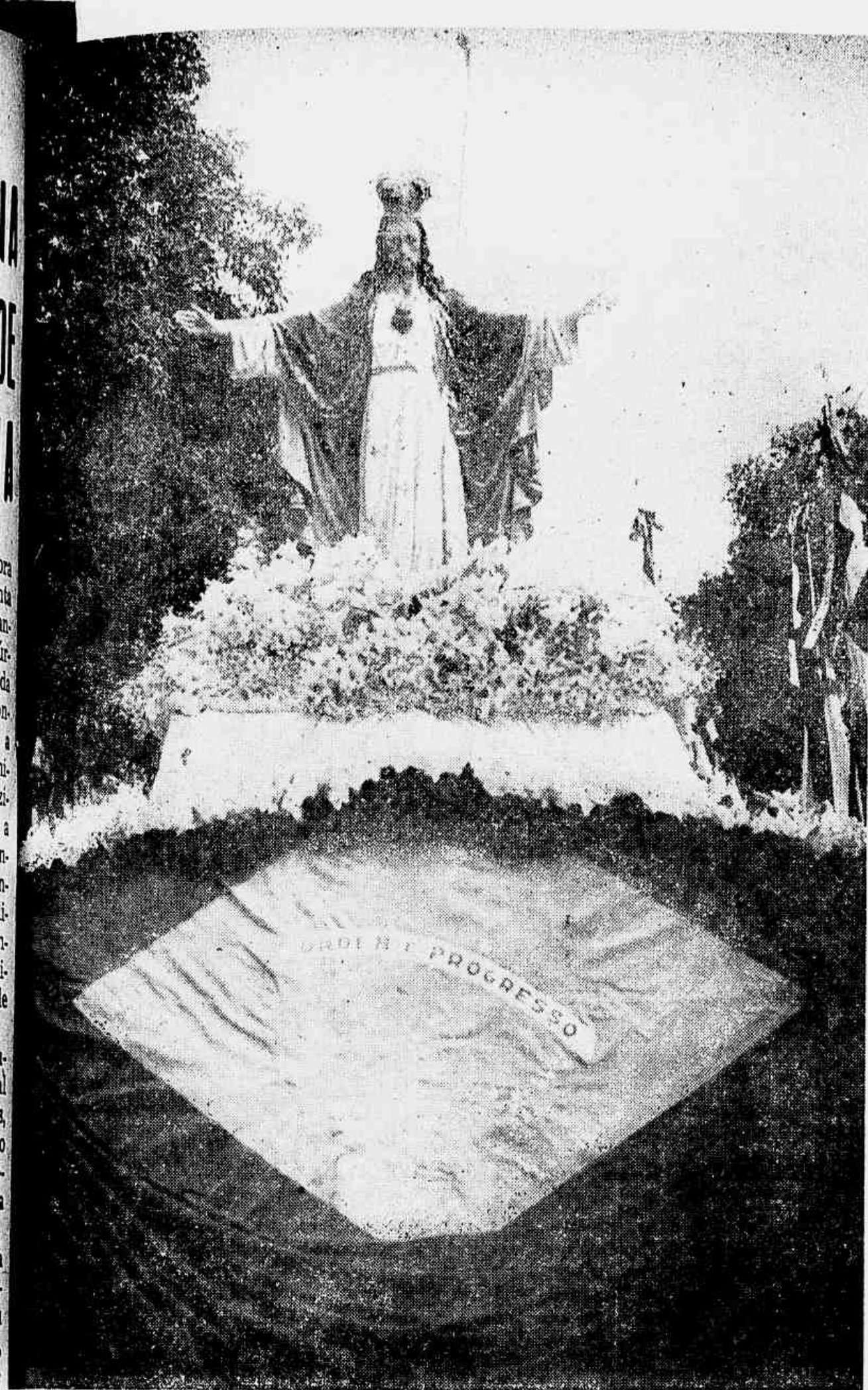
As festas de Nossa Senhora da Penha, que durante trinta dias por ano congrega no recanto pitoresco do longínquo subúrbio onde se ergue a capelinha da padroeira uma multidão incontável de fiéis, teve este ano a assinalá-la mais tocantes solenidades e maiores pompas. Trazida para o centro da cidade, a imagem da Santa foi solenemente entronada na Candelária, onde durante muitos dias se realizaram em seu louvor brilhantes festividades, que constituíram espetáculos magníficos de fé e de religiosidade.

A meia noite do dia 22 de outubro foi rezada missa campal na avenida Presidente Vargas, nos fundos da Candelária, ato a que compareceram altas autoridades e que levou ao local uma enorme massa de fiéis.

No dia imediato teve lugar a grande procissão de Nossas Senhoras da Penha, que percorreu as principais artérias do centro, acompanhando o andor que levava a imagem de Nossa Senhora da Penha.

A esquerda — Diante do altar erguido atrás da Candelária, uma oração fervorosa. Todo o tempo em que ali se conservou a imagem trancada da capelinha da Penha foi assinalado pela presença dos devotos, que iam levar suas orações à Santa Padroeira. Em baixo — Um aspecto da procissão.





Nesta página vários flagrantes expressivos da grande procissão com que se festejou o entronamento de Nossa Senhora da Penha na Cidade. Ao alto, à esquerda: a imagem do Sagrado Coração de Jesus passando pela avenida sobre o grande andor. Ainda ao alto, à direita: conduzida por oficiais da Polícia Militar, passa em seu andor a imagem de Nossa Senhora da Penha, em cuja honra realizaram-se grandes festas. Em baixo: vista da grande massa que acompanhou a procissão, vendo-se o andor que conduzia a Santa Padroeira da Penha.





ALMÔÇO DE CONFRATERNIZAÇÃO — O flagrante acima foi colhido pela objetiva da REVISTA DA SEMANA por ocasião do almoço realizado recentemente pelos irmãos Vieira de Castro Gomes, industriais e comerciantes progressistas que integram a conceituada firma Vieiras de Castro & Cia. Ltda., em regozijo pela admissão à referida sociedade dos seus antigos auxiliares e distintos amigos srs. Joaquim Valadão Monteiro, Otacílio David e Costa, Antonio Mendes da Silva, João Ribeiro de Souza, João Gomes da Silva, Fernando Duarte, Gislão Cerqueira, José Gomes Braga, Vitor Ribeiro Vieira de Castro Gomes e Antonio Soares. A firma Vieiras de Castro & Cia. Ltda., além dos 8 irmãos seus componentes, conta já agora com mais 8 elementos de comprovada capacidade, dedicação e grande tirocinio, qualidades que contribuirão por certo para o maior desenvolvimento dos negócios das lojas de varejo e da fábrica de perfumarias, tintas e louças que a prestigiosa firma possui, e que já conta com numerosa e selecionada clientela.

O CINEMA NA GRÃ-BRETANHA

De ROGER MANWELL

(Copyright do B. N. B., especial
para a REVISTA DA SEMANA)

Londres, outubro — A nova película inglesa "A place of one's own" é uma história de fantasma com esta diferença: não há nenhuma figura transparente deslizando na tela. A sugestão do outro mundo é transmitida pelo ambiente criado e pela capacidade de representação dos atores. No filme, um casal vitoriano, Mr. e Mrs. Smed-

hurst, retirando-se de suas atividades comerciais com bastantes recursos, decidem procurar um lugar mais ou menos isolado, onde possam viver com conforto o resto de seus dias. Encontram uma magnífica casa velha, um tanto descuidada, e a adquirem por um preço razoável. A casa é pintada novamente e mobiliada ao gosto dos novos moradores. Somente depois de se mudar é que o casal é informado pelos vizinhos de que a sua casa é mal assombrada. Mr. Smed-

hurst não liga importância à revelação — é materialista. Mrs. Smedhurst, porém, é mais suggestionável.

Mais tarde empregam uma jovem chamada Annette como dama de companhia. Esta apaixonou-se pelo jovem dr. Selbie, sobrinho de uma família vizinha, o qual lhes conta a história do fantasma que assombra a casa — o fantasma de Elizabeth Harkness, assassinada ali há quarenta anos. Annette sente uma estranha força concentrando-se cada vez mais sobre si. Adoece. Uma força inexplicável perturba a paz do lar, e nem o dr. Selbie nem um especialista londrino conseguem curar Annette.

E' então que subitamente An-

nette fala. Diz que é preciso mandar chamar o dr. Marsham. O antigo médico de Elizabeth Harkness. Somente o dr. Marsham pode curá-la. Mr. Smedhurst manda procurá-lo, mas não conseguem encontrá-lo. Annette está à morte quando aparece inesperadamente o dr. Marsham. Trata-a como se fosse Elizabeth, a quem amara, e sua visita é suficiente para curá-la. Na manhã seguinte, Annette sente-se restabelecida, mas che-

ROUGE & BATON

Nivra

DOIS SEGREDOS de BELEZA

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feliz quem quer. Essa é a verdade. Os crêmes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperozas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele alva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

CORTE E COSTURA

Aprenda pelo método moderno POR CORRESPONDÊNCIA, o Curso completo de Corte e Costura. Estude em sua própria casa, nas horas livres, sem deixar suas ocupações habituais.

Cada aluna receberá absolutamente GRÁTIS

Figurinos da última moda
Carteira de Identidade
100 Cartões de Visita
Serviço de Consulta

Em pouco tempo e com poucos gastos, será uma excelente modista, perfeitamente preparada para fazer qualquer trabalho nesta profissão.

MENSALIDADES SUAVÍSSIMAS

MANDE HOJE MESMO O COUPON ANEXO

INSTITUTO UNIVERSAL BRASILEIRO

CX. POSTAL, 5058 - S. PAULO

Ilmo. Sr. Diretor: Peço enviar-me

GRÁTIS E SEM COMPROMISSO,

o folheto e as informações comple-

tas sobre o Curso de Corte e Costura.

Nome _____

Rua _____

Cidade _____

Estado _____

327

Os Distúrbios Glandulares na Mulher e o seu Tratamento Moderno

Data de 1923 a significativa descoberta de dois cientistas norte-americanos, que encontraram nos ovários duas espécies de secreção, as quais regem a vida sexual da mulher. Foi precisamente baseado nessa grande descoberta que se chegou à realização de uma grande fórmula, pondo à disposição da mulher um tesouro de grande valor, cujo nome é PANSEXOL "F". Possui o Pansexol "F", pela sua fórmula, os requisitos necessários para combater eficazmente a fraqueza e a neurastenia sexual, a falta de vigor e vitalidade, regras tardias, irregulares pouco abundantes ou excessivas, como também é emprega-

do com resultados marcantes em todos os casos de obesidade ou magreza glandular, flacidez da pele e da cutis e todas as doenças provenientes da idade crítica (menopausa). Seu uso proporciona logo as primeiras drageas aumento de atividade intelectual, entusiasmo, bem-estar geral. PANSEXOL "F" MININO encontra-se à venda em todas as Drogarias e Farmácias.

Fórmula do Prof. AUSTREGESILIO
Remetemos, pelo Reembolso postal
Cr\$ 25,00 e vidro
Produtos Panvital - Rua da Estrela, 6
RIO DE JANEIRO

ga o comissário de polícia e diz a Mr. Smedhurst que jamais se poderá encontrar o dr. Marsham. O seu corpo foi descoberto num carro de estrada de ferro, horas antes de sua visita a Annette. Mas Annette está curada e casa com o dr. Selbie. A casa volta à tranquilidade primitiva e os Smedhurst gozam sossegadamente o seu retiro. E Mr. Smedhurst deixou de ser materialista.

Essa história simples foi transformada num dos melhores filmes ingleses dos tempos modernos. Grande parte de seu êxito se deve aos cenários desenhados pelo diretor de arte John Elphick, e para os quais contribuiu também Rex Whistler, antes de ser morto em ação na Normandia, em julho de 1944. Rex era especialista em desenhos da época da rainha Vitoria, em que se desenrola o filme. Para os exteriores foi encontrada uma bela casa em Esher, Surrey, onde as cenas foram tiradas. O interessante é que a casa tinha seu fantasma próprio, mas este não perturbou os trabalhos de filmagens. Esses trabalhos, no entanto, foram interrompidos por uma bomba voadora, que destruiu a frente da casa. Mas as oficinas do estúdio logo improvisaram outra frente artificial.

Bernard Knowles, o diretor do filme, teve uma magnífica carreira no cinema inglês. Nasceu em Manchester, em 1900, trabalhou mais de um ano como fotógrafo do jornal americano

"Detroit News" e entrou no cinema como assistente do "cameraman" nos estúdios Islington, em 1921, onde Herbert Wilcox estava produzindo "Flames of Passion", com Mae Marsh. Assumiu a direção da câmera pela primeira vez em um filme es-

trelado por Pauline Frederick e Herbert Marshall. Desde então se tornou um dos mais famosos "cameramen" dos estúdios britânicos, incluindo-se entre os seus êxitos "O Judeu Suss", "Os 39 degraus", "Agente Secreto", "Luz de Gás" e "The Lamps still burns". Com esta grande experiência a seu crédito, Maurice Ostrer lhe ofereceu o primeiro contrato para diretor de "A Place of one's own", o que é um exemplo típico da tendência do cinema britânico de proporcionar aos seus técnicos experimentados novas experiências em campos especializados e criadores. Foi a sua visão que resultou na revolução da política geral dos filmes ingleses durante a guerra. Bernard Knowles, tendo trabalhado sob a direção de



diretores como Alfred Hitchcock, Victor Saville, Herbert Wilcox, Anthony Asquith e o saudoso Leslie Howard, tirou a conclusão de que os melhores resultados são alcançados pelos diretores de personalidade calma, e deixa os seus "cameramen" ri-

(Continua na pag. 53)

PARA O SEU BEBÊ!

TALCO

Lady

★ REFRESCANTE
★ BÓRICO
★ PERFUMADO

À VENDA EM TODO O BRASIL

**CABELLOS
BRANCOS**

CASPA
**Queda
dos
Cabellos**

**JUVENTUDE
ALEXANDRE**

GABRIEL RANGEL FONE 23-4742
Máquinas de escrever e acessórios
 OFICINA COMPLETA
 RUA SENHOR DOS PASSOS, 85 — 2.ª Loja

O BEIJO

(CONTINUAÇÃO DA PAG. 31)

zinha não tem culpa que a natureza a tenha feito assim.

O dr. Libório volta ao gabinete. Senta-se numa poltrona. Agora Talita já não deve estar toda despida, talvez esteja apertando o

soutien. E se fôsse espia-la pelo buraco da fechadura? Não, não. Seria ridículo. Mas podia, de algum modo, aproveitar essa oportunidade em que ele e ela estão sós em casa, separados unicamente pelas paredes dos preconceitos morais. Podia, por exemplo, estreitá-la nos braços, beijá-la...

Talita agora começa a cantar. Vem lá do quarto a sua voz cálida, apaixonada:

Besame,
 Besame mucho...

Sim, podia beijá-la. Que é que impede? Ela, com certeza iria opor resistência, mas no fim havia de ceder sem fazer escândalo. Um simples beijinho não tira pedaços a ninguém...



Irresistível!

Irresistível

será a sua cutis, se a sua

usar VAN ESS porque estes pós

e "rouges" - atomizados - dão à

pele uma suavidade de pétalas, frescor

de orvalho, fragrancia de flores...

VAN ESS embeleza... convida... enfeitiça...

pó de arroz e "rouge"



Van Ess



"atomizados"

Instituto Roentgen

Radioterapia Superficial e Profunda
 DRS. ÁLVARO FORTES — FERNANDO AZZI
 RUA BARÃO DE ITAPETININGA, 139
 Salas 10, 11, 12 e 14 - Fone: 4-0394 -- São Paulo

Besame mucho
 Como si fuera esta noche
 La última vez...

No caso de que a Marieta venha a ficar sabendo? Qual! A Marieta não desconfiará de nada. A coitada é tão estúpida e tem tanta confiança nele...

Besame mucho
 Que tengo miedo perderte...

Resolvido. O dr. Libório vai beijar Talita. Será melhor chamá-la aqui ao gabinete. Quando ela aparecer, sem desconfiar de nada, ele não usará de muita cerimônia e a prenderá logo nos braços. Beijará primeiro a testa. Depois, seus lábios descerão até encontrar os dela para um beijo longo, bem caprichado, bem aproveitado. E' preciso agora chamá-la. Chama.

— Talita!
 Não ouviu. Mais força.

— TALITA!

Lá no quarto, ela interrompe a cantiga para responder:

— Tio!
 — Venha cá, Talita.

O dr. Libório põe-se de pé, para esperá-la. Ela custa a aparecer. Ele porém está com o seu programa bem planejado. E' só questão de ela entrar nesta sala e...

Mas quando Talita chega, ainda cantarolando, ele se sente desarmado. Ela traz numa das mãos um espelhinho onde se mira e na outra o bâton com que retoca a pintura dos lábios. O dr. Libório chega a avançar um passo resolutivo em direção à jovem. Mas estaca, já sem vontade. Beija-la como, se aquelas bugigangas que ela traz nas mãos vão atrapalhar tudo? Mas, agora que a moça está ali a poucos passos, o que ele sente em verdade é que a parede dos preconceitos se tornou mais dura, mais intransponível.

— O senhor chamou, tio?

Talita, discreta, dissimulada, espia pela janela, certificando-se de que o frangote já está a sua espera. Repete, meio impaciente:

— O senhor chamou-me, tio?

O dr. Libório, mãos enfiadas nos bolsos, começa a andar de um lado para outro, num passeio entre a raiva e o despeito.

— Sim, chamei-a para dizer-lhe umas poucas palavras. Você de hoje em diante fica proibida de falar com esse molecote que está lá em baixo a sua espera.

Depois do espanto, a cólera toma conta de Talita.

— Molecote? O Celso? Fique sabendo que é um rapaz muito distinto.

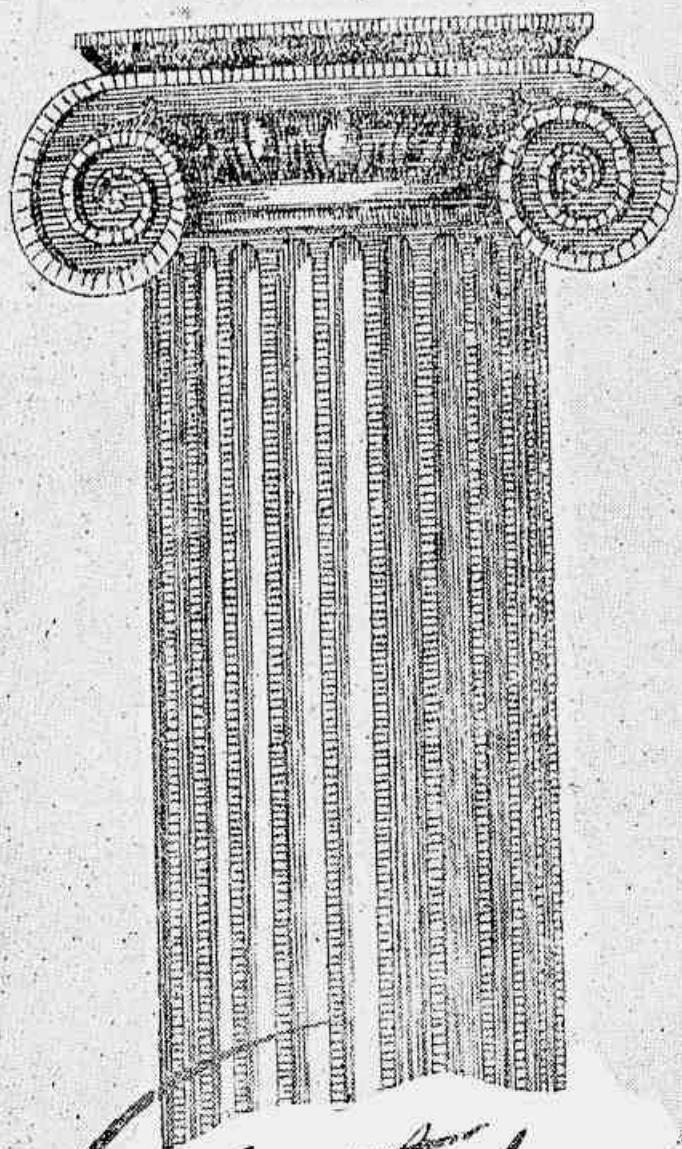
O dr. Libório também se encoleriza de fato. Nuvens tempestuosas ensombrecem-lhe o rosto. Os olhos despedem coriscos.

— Seja distinto ou indistinto. Já lhe disse que você não vai mais falar com esse sujeito.

Ela amarga a voz.

— Mas não, o senhor está trabalhando de bandido fora da linha do mim!

— Não é por nada. Simplesmente acho que não fica bem vocês andarem aos beijos aí pelo jardim. Você, Talita, é quase uma criança, não tem... não sabe que está se prejudi-



Estilo.

As cinco ordens das colunas gregas são o protótipo de perfeição no estilo. MÓVEIS SUPREMA consagram todo o seu esforço para obter a mesma perfeição no acabamento e estilo de seus móveis. Técnicos estudam a decoração de seu lar dando a cada ambiente que lhes é confiado o máximo de conforto e beleza.



Exposição e vendas:

CATETE 103-105

Tel. 25-3173

A Suprema móveis

cando a si própria. — Solta uns bufidos, depois ruge: — Além disso, a moralidade austera que sempre reinou e há de reinar nesta casa não permite abusos como os que você vem praticando com o seu namorado.

A mocinha rompe em lágrimas. Abandona o gabinete soluçando protestos:

— O senhor está me caluniando, me caluniando!

A porta do quarto desta vez bate com verdadeiro estrondo: Pan!

A sós na sala, o dr. Libório suspira fundo — *ai, ai!* — e tomba sobre uma poltrona. Escondido nas mãos, aborrecido, desgostoso, que acaba de fazer. Em vez do

beijo, uma cena. Será mesmo que quanto mais velho mais idiota fica?

Os minutos correm. O dia vai morrendo em agonia calma e prolongada. O dr. Libório, por fim, ergue-se da poltrona. Aproxima-se do birô. E o discurso? Tristemente, lê na folha branca o produto de todo um dia de trabalho: "Minhas senhoras. Meus senhores".

Rumor de passos na escada. Ele se volta para a porta. É dona Marieta que vem chegando. Recebe-a sem alvoroço, de cara amarrada. Ela está toda excitada, passou o dia fora de casa, vem com saudade. Muito palradora e gesticulante, começa a falar nas primas, uma delas continua engordando ("A Adélia está que é um bôto!"), a contar peripécias nos bondes muito cheios. Ele escuta desinteressado, desenxabido. Súbito, ela se interrompe e indaga:

— Maridinho, não vai me beijar?

— Ah, é mesmo!

Arma-se de coragem para o sacrifício. Se fôsse Talita... Se fôsse? Pois faz de conta que é. O dr. Libório fecha os olhos. Comprime a esposa nos braços. E, enquanto a mulher estremece na mais agradável surpresa, ele aplica-lhe nos beijos secos, com ardor, um beijo longo, bem caprichado, bem aproveitado — o beijo que estava destinado a Talita.

DEPOIMENTO

(Continuação do número anterior)

No dia seguinte pela manhã John aparecia morto. A polícia chegou a prender Janice, mas ela foi finalmente solta por falta de provas e porque ousou apresentar um alibi perfeito: Martin estivera ao lado dela a noite toda. Não saíram do quarto dele.

Nunca se descobriu o assassino de John. Não sei se terei coragem de revelar quem foi. Porque eu sou a única pessoa que sabe da verdade. Quem matou John... fui eu! Hoje Janice está casada com Martin. Nunca soube da verdade... Naquela noite, quando ela foi se encontrar com Martin, John bateu à minha porta.

— Kate!

— Quem é?

— Sou eu, John...

— Que há?

— Abra a porta.

Entreabriu.

— Que há?

Notei que ele havia bebido muito.

— Venha comigo para a biblioteca. Preciso falar com você.

Lá em baixo ele começou a rir, um riso sem vontade, de bêbedo.

— Você sabe que Janice está lá em cima com Martin? Ah! Ah! Ah! ó eu estou cá em baixo com você! Vamos aproveitar. ó' o amor. ó' a quadrilha! Changez! Mude de dama. Cada qual agora a que estiver mais perto. Kate, Kate...

— Você está louco!

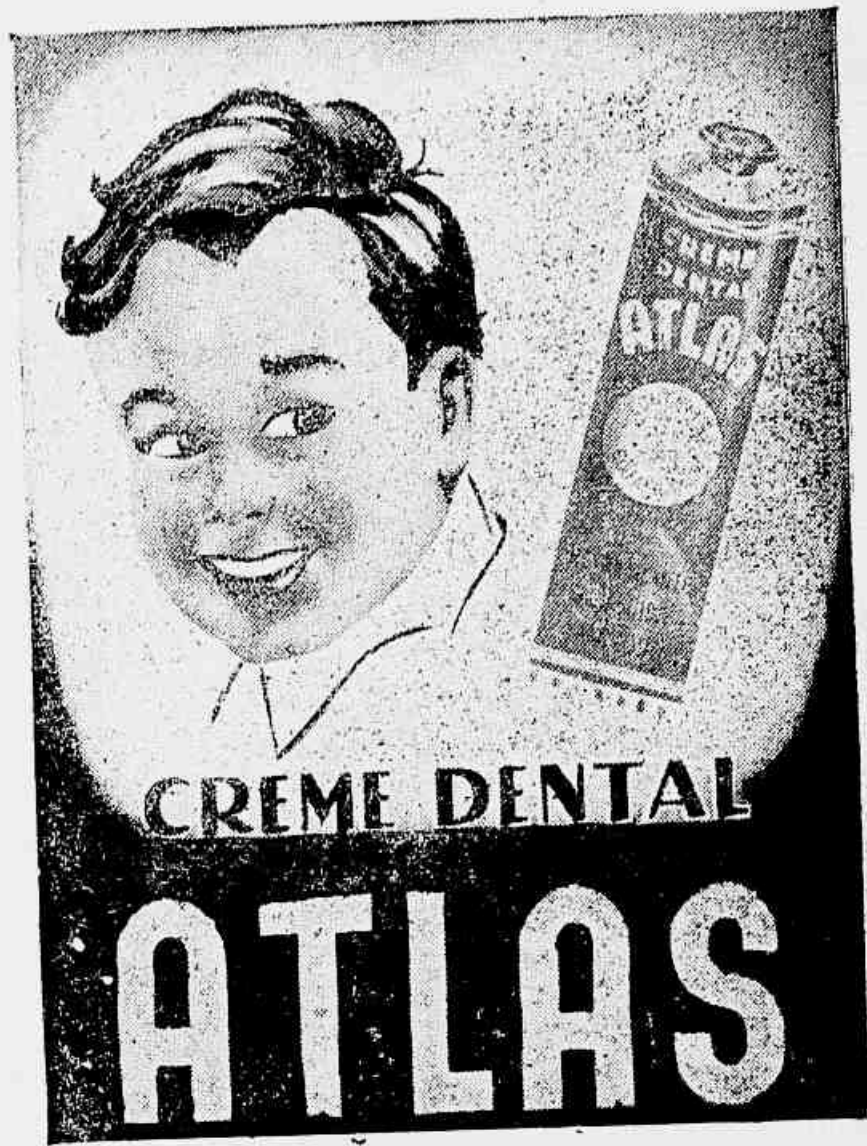
— Louco? Todos nós estamos loucos. Janice está louca, você está louca. Martin, então, nem se fala... Loucos de paixão. Mas paixão indeterminada. Martin toma a minha mulher... Ah! Eu tomo outra... O bandido é solteiro, se não eu tomava a dele...

— John. Vá se deitar, você bebeu de mais e...

De repente, ele sacou um revólver.

— Vou dormir, mas antes de ir dormir vou matá-lo. A ela não. Eu gosto dela. E ela precisa sofrer. Viver sem ele. Mato Martin.

SOFRE DO FIGADO?
TOME
BIO-HEPAX
PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARANIDINA



— John! Pelo amor de Deus!

— Olhei! Tem um silenciador nesse revólver. Vê? Faz assim: puf! Menos do que uma rólha de garrafa de champagne.

De repente, decidido, ele repetiu:

— Vou matá-lo.

— John!

Lutei com ele para evitar que ele subisse. Ele virou o revólver para mim. Num movimento brusco desarme-o. Ele andava tropeçando como um bêbedo. Segurei minha mão, puxou o revólver. Meu dedo estava preso ao gatilho. Ouvi um ruído amortecido e vi John cair no chão, numa poça de sangue. Não sei como tive coragem de limpar as impressões digitais. Fugi para meu quarto. Enquiei a porta e atirei-me na cama, ofegante. Ouvi, no quarto vizinho, murmúrios. Eram Martin e Janice.

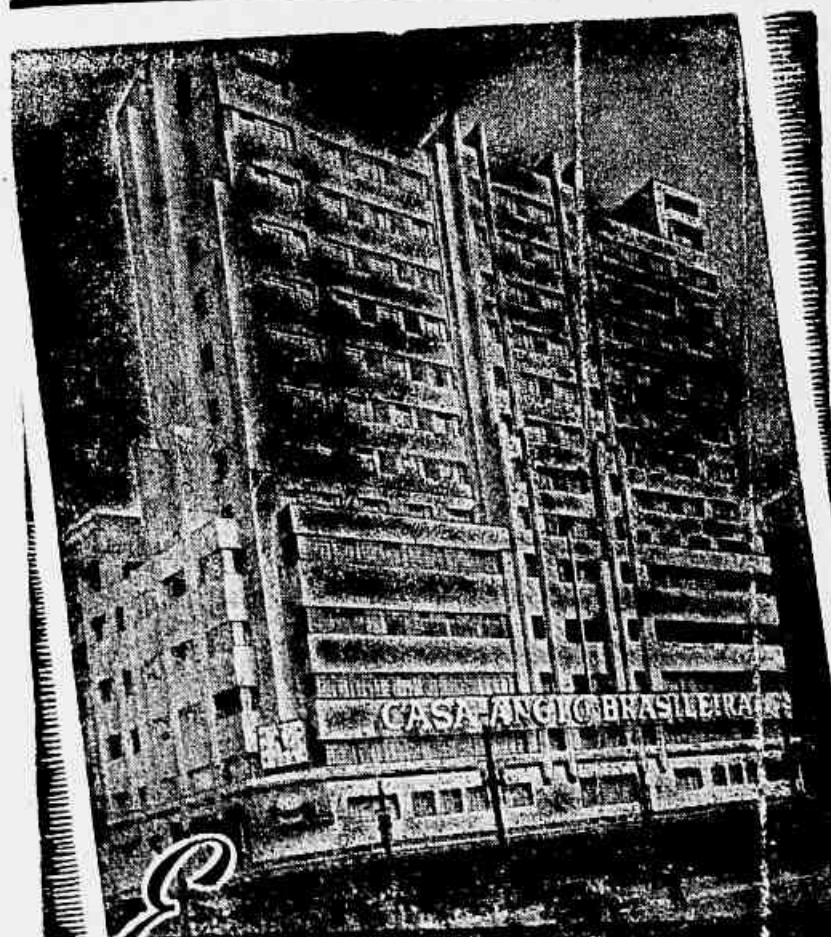


Uma salva de palmas marcou o fim do primeiro ato. Abri os olhos. Bill estava a meu lado.

— Você estava pensando ainda naquilo? É preciso esquecer, que diabol!

Pobre Bill! Ele não sabe de nada. Olhei para ele e disse, com um tom de voz que o espantou:

— Sim, é preciso esquecer!



Em São Paulo...

é sempre agradável uma visita aos Maiores Estabelecimentos de Modas do Brasil.

Casa Anglo-Brasileira
Sucessora de Mappin Stores

Pr. Ramos de Alencar, 131



João do Rio e o "Cinematographo"

(Continuação da pag. 35)

Não! Não se lembra absolutamente. Caído, o seu maior desejo é ficar cá e deixar o céu no mais completo abandono. Todos nós queremos ficar e viver. Viver! sim, viver pre nestes dias fixos o triunfo de viver. Nesse verbo está toda a alegria humana, todo o segredo das sociedades que se constituíram, todo o horror dos sentimentos egoísticos, toda a

indiferença da taboetagem choraminga. Nos dias de finados, os mortos aparecem à vida de novo para aumentar a renda das companhias de bondes, dos floristas, dos vendedores ambulantes — para aumentar o sentimento salvador da espécie.

E, gravemente, lendo epitáfios, eu não falho às grandes recepções anuais, à espera do dia em que hei de carregar uma pedra com uma tolice memorável por cima, para não falhar ao Costume que é a força, à Tradição

que é a energia e ao mascaramento do Egoísmo que é a vida e todos fazem e constituem a sociedade.

Mesmo porque, vendo epitáfios, eu sinto um grande frio e um grande medo quando passo por entre as tumbas, sem nome, esquecidas, anônimas, esticando apenas para a gente um número que é como um apêlo de grilheta do esquecimento ao prazer de continuar a afirmar pelo menos num epitáfio a passagem por cima da terra...

O CINEMA NA GRÃ-BRETANHA

(CONTINUAÇÃO DA PÁG. 49)

gorosamente em paz para que trabalhem à vontade.

Neste filme de fantasma, Bernard Knowles tomou a decisão de não introduzir nenhum dos fáceis truques mecânicos para a produção de efeitos sobrenaturais. O sobrenatural no filme é sugerido pelos poderes de representação dos atores, auxiliados pela habilidade da direção. Ernest Thesiger, que desempenha o papel do dr. Marsham, afirma que a maneira de sugerir o sobrenatural é olhar sem se fixar em nenhum ponto determinado e dar uma nota distante à própria voz. Quando o dr. Marsham aparece na tela, os espectadores não sabem que ele já morreu mas sentem um ar sobrenatural em torno dele.

O importante papel de Annette é desempenhado por Margaret Lockwood. A sua carreira tem sido longa, e principalmente ligada à Gainsborough Picture. Será sempre lembrada, es-

pecialmente pelos seus trabalhos em "The Lady Vanishes", "Quiet Wedding", "The Star Look Down", "The Man in Grey" e "Love Story". Como muitas outras "estrelas" inglesas, começou seu trabalho no palco, desempenhando ainda quando estudante importante papel em "Hannele", no Haymarket Theatre, sob a direção de Leontine Sagan.

James Mason, também ator de teatro, abandona seus papéis sinistros com os quais se tornou famoso para fazer o papel de Mr. Smedhurst, uma prova da versatilidade dos atores ingleses, o que impede de se tornarem estereotipados.

Barbara Hullen, a despeito de sua juventude, faz o papel de Mrs. Smedhurst.

Sir Osbert Sitwell, cuja peça Brock Williams adaptou para o cinema, interessou-se muito pela versão cinematográfica de seu trabalho e passou grande parte do seu tempo no "set". O resultado foi um romance dramático, mas sem exageros, o que somente aumenta o cartaz dos artistas da Gainsborough, agora especialista em filmes românticos.



ILONA MASSEY

Encantadora Estrela da Tela, diz:
"Considero ARRID o desodorante por excelência e o recomendo com o maior entusiasmo".

NOVO
Creme Desodorante
que evita manchas
e odor nas axilas

1. Não irrita a pele.
2. Não escapa os mais finos vestígios.
3. Evita as manchas de elegantes, nas mangas e nas costas dos vestidos.
4. Seu efeito é duradouro. Evita o cheiro do suor. Tem um delicado perfume.
5. Tem a fina consistência de um creme de beleza. É transparente, sem odor, não mancha e desaparece instantaneamente.

Use ARRID com regularidade.
Preços: Cr\$ 4,80 a Cr\$ 9,50

ARRID

O DESODORANTE QUE MAIS SE VENDE.

Perfume

Orbleu

de

BAZIN

O ouro sobre o azul dos perfumes!

- Agua de Colônia • Brilhantina
- Extrato • Loção • Óleo perfumado
- Pó de Arroz • Sabonete • Talco

A VENDA EM TODO O BRASIL

CASPA! CABELOS BRANCOS!

LOÇÃO XAMBU

CABELOS BRANCOS OU GRISALHOS VOLTAM A SUA COR NATURAL ELIMINANDO A CASPA - E XITO GARANTIDO

RUGOL

O CREME EMBELEZADOR DA PÉLE

AGUA DE TOILETTE
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
LIMPA E FECHA OS POROS
A VENDA EM TODA A PARTE

MODELOS

Majestosa "toilette" em crepe mate, com as mangas bordadas em lantejoulas multicores. Vestido para jantar, em seda preta, enfeitado com babados de renda negra e uma rosa branca no final do decote. O traje do menino compõe-se de uma blusa branca em crepe da China e calcinha de veludo negro.



Não se descuide da terrível

PIORRÉIA

De cada 5 pessoas
- 4 podem contraí-la

Milhares de pessoas estão sendo ameaçadas pela devastadora Piorréia, com o horrível encolhimento das gengivas e afrouxamento dos dentes.

Observe o avião da natureza. Gengivas sensíveis, gengivas que sangram um pouco quando V.S. escova os dentes, são os sinais de perigo.

Proteja-se agora contra a Piorréia usando o método extremamente Forhan's. Faça massagem nas gengivas e escove os dentes duas vezes ao dia com FORHAN'S, o único dentífrico que contém o adstringente especial, antipiorreico do Dr. R. J. Forhan. Exames clínicos recentes demonstraram que 95% dos casos ameaçados de Piorréia apresentaram melhorias positivas em apenas 30 dias de uso deste tratamento simples.

Visite seu dentista com regularidade. Siga seus conselhos. E comece hoje mesmo a usar Forhan's, para dentes mais limpos, brilhantes e sãos e gengivas mais firmes.

Escove os dentes com

Forhan's



Senhoras!
Se a Natureza Falha

MENAGOL

REGULAR

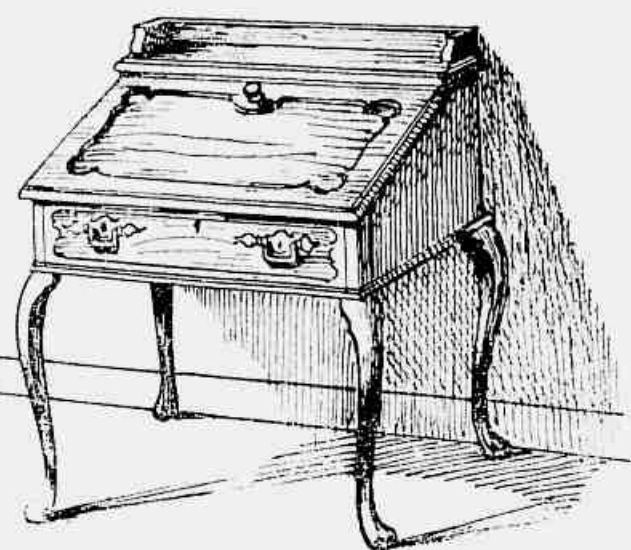
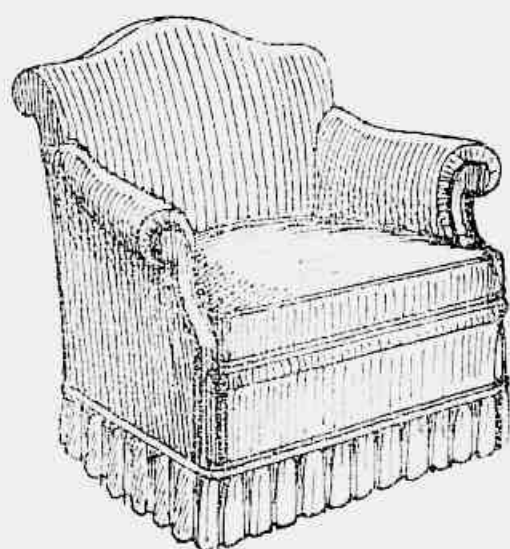
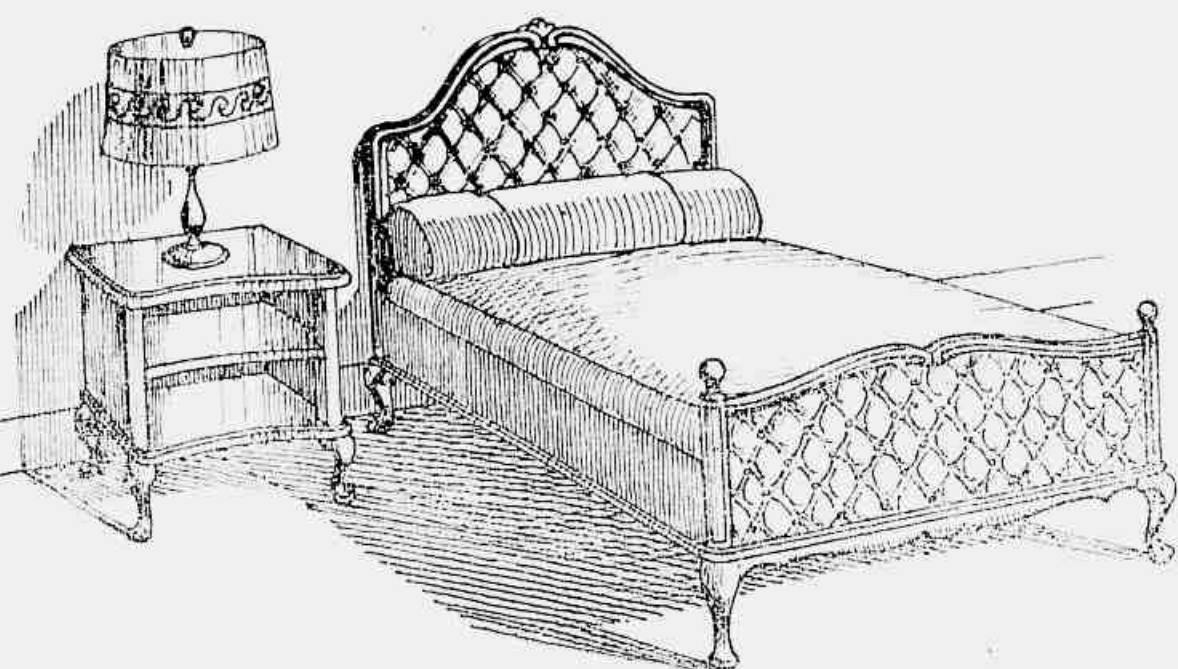
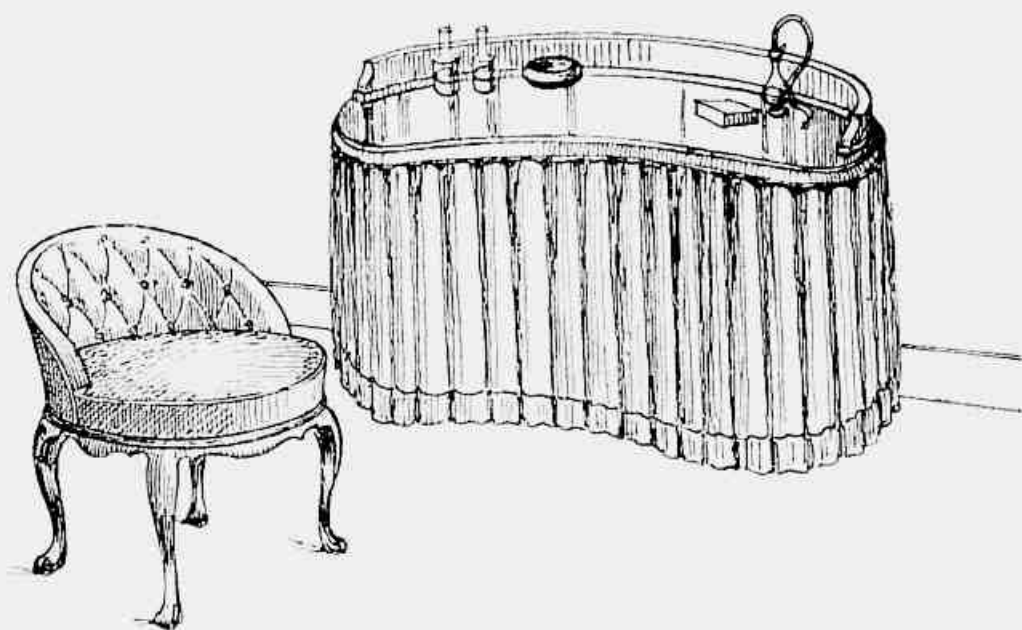
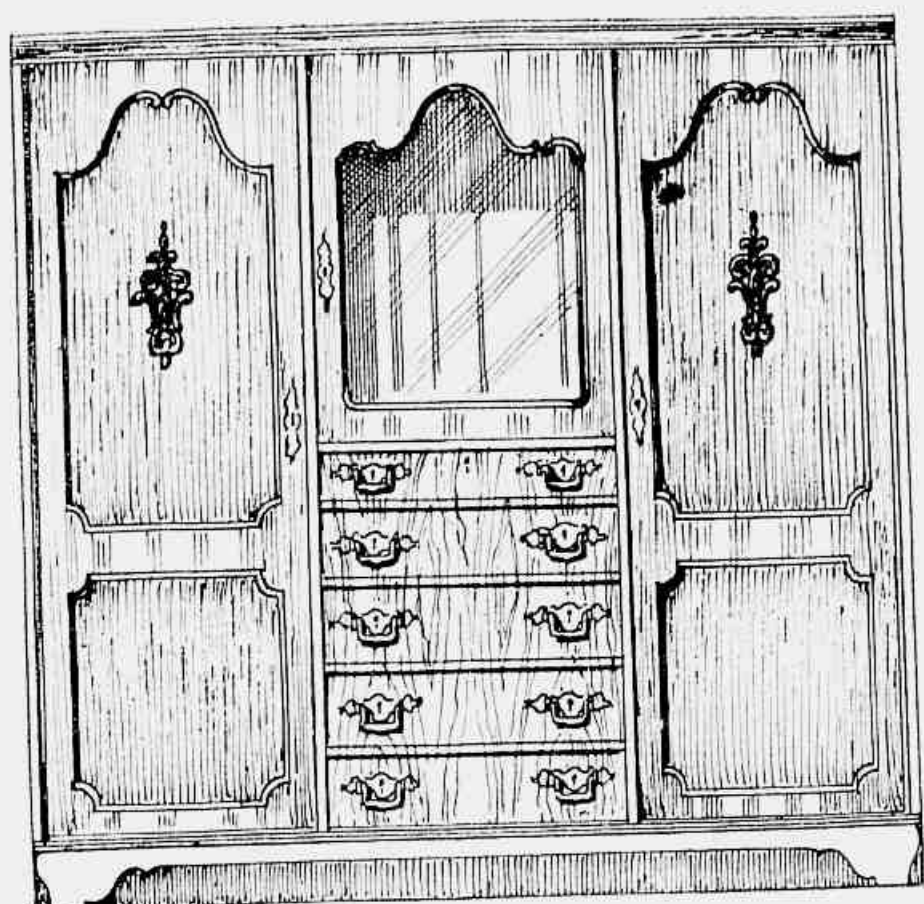
O PINCE-NEZ DE OURO

LOJA DE 1ª ORDEM
APARELHOS ÓPTICOS
ÓCULOS, PINCE-NEZ, LÓRENONS
S. CARLOS, N.º 13

Joalheria

LUIZ R. RICART
TEL. 20-4690 - RIO

JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES
E ARTIGOS PARA PRESENTES



DORMITORIO PARA MOÇAS

Aqui está um modelo para quarto de dormir, apropriado para môça, todo trabalhado em madeira fôska, com guarnições em cetim côr de rosa. Nos pés e na cabeceira da cama as almofadas são acolchoadas em cetim dessa côr, justamente igual ao que cobre a larga poltrona. O criado-mudo é baixo e completamente aberto. Sobre ele deve ser colocado um grande "abat-jour" forrado de seda rosa. O môcho baixo e a penteadeira são também enfeitados com cetim. A um canto, um "bureau" de tampa inclinada completa o mobiliário dêste lindo dormitório, do qual ainda faz parte um guarda-vestido largo, com cinco gavetas colocadas no centro.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS



CA DE CIGARROS SOUZA CRUZ
CIGARROS
Belmont
Belmont
CIGARROS
SOUZA CRUZ

CIGARROS
SOUZA CRUZ